

### **3. Totalité des entretiens (en portugais)**

## **Secretários da Educação**

### **Questões :**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Tempo de exercício da função ?**

**Tempo de exercício nesta secretaria ?**

1. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
2. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares ?
3. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
4. Você considera que a « escola popular » leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que e como ?
5. De que forma a escola popular assegura a continuidade educativa para essas crianças ? ( progressão em ciclos, futuro depois da escola... ) ?
6. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas portadoras de NEE que você estimaria ligada à ação das escolas populares ?

7. Quais dificuldades você encontra (ou encontrou) na construção do projeto de uma escola popular aberta a todos ?
  
8. Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

## Respostas

**Nome: Sec1**

**Idade: 42 anos**

**Formação : Pedagogia**

**Função: Secretária da Educação**

**Desde quando exerce esta função : Há 1 mês como secretária geral da educação.**

**Antes como coordenadora do ensino infantil nesta Secretaria. Total de 20 anos como professora de educação infantil**

**Desde quando exerce esta função neste estabelecimento : Desde 1997**

1. **São formas diferenciadas de aprender, compreender, entender o mundo.** Quando a gente diz que uma criança não aprendeu. Não aprendeu porque muitas vezes eu como professor ou como escola, entendo que posso massificar a aprendizagem, que eu posso usar o mesmo método com todo mundo. As formas de aprender e compreender as situações colocadas são para mim de um jeito diferente . Então a gente não tem um jeito uniforme de organizar isso, o conhecimento entra na gente de formas diferentes, ele se dá de formas diferentes. a gente se apropria dele de formas diferentes. Por isso a gente precisa sempre estar ligando aquilo com a realidade do sujeito, da prática do sujeito, porque se ele parte da prática, ele consegue dar conta de olhar para aquele conhecimento, e quando ele olha para o conhecimento ou o “resultado” disso, é uma síntese que não é a mesma síntese pra mim nem pra você. São sínteses diferentes que a gente faz . Entao a forma de se pensar crianças pequenas, o jeito como elas se apropriam do mundo parece que tudo é parecido: elas vão pegando, vão levando pra boca, vão crescendo, mas elas vão construindo as diferenças no seu jeito de se organizar e de compreender o mundo. Algumas de forma mais visual, outras de forma mais auditiva... Eu, para poder compreender um texto preciso escrever e depois eu não preciso olhar para aquilo. Então as pessoas tem jeitos diferentes de aprender.
2. Eu acho que primeiro, ela tem que ser para a criança especial e ela tem que ser pra outra criança também. Porque o que é a educação? É a possibilidade de você se apropriar de coisas que não são tuas, mas que você conhece que você tem que socializar comigo. O

ideal seria que essa criança conseguisse conviver, conseguisse aprender, conseguisse manipular, fazer do jeito possível pra ela. Eu acho que andar e ser visto, por exemplo... Um cadeirante, se ele conseguisse se movimentar num espaço sendo respeitado pelos sujeitos que estão ali. Da forma como eles conseguem se mover. Que não houvesse essa coisa: ou você é um sujeito reto, com duas pernas ou você não é sujeito, você não é gente, você é uma coisa digna de pena. Então eu penso que a escola ideal seria a escola onde as diferenças, estivessem no jeito como você vai se apropriando das coisas. Acho que com momentos diferenciados. Eu acho que a gente não pode pegar o sujeito que tem mais dificuldade, uma NE e colocar ele num curso guardado lá e dizer : ‘não , você é um sujeito que precisa só disso. Você precisa só da manipulação de objetos, você precisa só o treino”. Eu não concordo com isso. Eu acho que o acesso, o toque, o contato, é fundamental. Tanto que quando eu olhava os ciclos da Larissa, do Vila Páscoa. Quando eu olhei para fita... É uma estagiária que fazia os movimentos com ela. A primeira coisa que eu disse para a Silvana: ” Silvana, essas meninas não tocam nessa guria! Essas meninas não mexem, não encostam, não fazem o toque com ela. Ela não enxerga direito. Ela não consegue se comunicar pela fala. Como é que eu vou me comunicar com o sujeito? Tem que ser no toque! Então o que eu estou te falando é muito menos de conhecimento e mais da sensibilidade que eu tenho nessa relação. Para mim tem situações que são diferenciadas. Então quando eu quero construir com ele um conhecimento, eu preciso tirar ele de algumas situações materiais diferentes, situações diferenciadas que vão ser centradas pra essa aprendizagem. Agora, tem momentos em que esse sujeito precisa, do jeito que ele conseguir comunicar, se comunicar com o outro. Novamente pensando na Larissa. Quando a gente aprendeu que ela tinha a possibilidade de brincar com os outros. Porque o jeito dela brincar é diferente das outras crianças, e as crianças percebem isso muito melhor que a gente. Eles começaram a fazer uma brincadeira que a criança gosta que é : ela jogava o litro e eles jogavam o litro de volta pra ela. Ambos estavam brincando. A criança dita normal e a criança que precisa de um atendimento especial. Então a gente precisa ter a sensibilidade de entender que esses espaços precisam de instrumentos e de tempos diferentes e talvez de momentos de resguardo. **Eu acho então que a escola precisa de muitos espaços diferenciados.** Profissionais diferenciados. Com conhecimentos diferenciados . Porque a gente não sabe tudo. A gente sabe pedaços das

coisas né. E que tivesse essa compreensão. A saúde tem que entrar nisso, assistência social tem que entrar isso. Eu acho que as famílias precisam saber disso. Sabe, uma escola ideal é uma escola onde a família vem e juntas elas olham pra aquilo que você produziu com aquela criança. Juntas elas pensam como...Nós não temos receita de como lidar com a coisa. Como é que tu constrói? Com o diálogo e o diálogo das pessoas que convivem com essas crianças. O grande obstáculo para isso hoje é o dinheiro. É financeiro. Não pode ser simples acesso a escola ou centro infantil. Como seu jeito de compreender o mundo e chegar ao conhecimento é diferenciado, a escola também deve possibilitar um acesso que leve em conta sua especificidade e garanta a comunicação com essa criança nas formas mais diversificadas, garantindo que se aproprie de conhecimentos para a vida, melhorando sua integração, sua mobilidade e principalmente seu convívio com outras crianças e adultos de forma a inclusão se tornar verdadeira. **Mas depende do que tu acha que é saber escolar. Se é aquela coisa reta, do conteúdo pronto, acabado, que todo mundo tem que saber e que inclusive quando meu filho não sabe ele tira um zero. Eu não concordo. Agora, tem saberes que a escola vai construir com a criança, que ela tem condições de aprender. O que é saberes escolares? Para mim, o saber escolar para alguns sujeitos é saber colocar a calça, sentar no vaso. Eu acho que o saber da escola é muito rígido, é muito fechado. É saber contar, saber ler e escrever e se tu não sabe fazer isso você não serve pra escola.**

3. Onde é que eu acho que a criança ganha? Ela ganha porque ela vai aprender a pensar. Não vai só receber as coisas prontas. Ela vai aprender a olhar o outro. Ela precisa se entender num coletivo. Ela não pode se entender como um sujeito sozinho. Ela vai olhar o que ela sabe também. Eu acho que isso é fundamental : você saber que você sabe. E nesse saber você ter seu saber também colocado na mesa e não um saber que você deixa de lado. Eu acho que numa relação de utopia, eu acho que vai criando um mundo muito mais humano. O que a escola popular tem que garantir? Tem que garantir o poder da organização, da mobilização. Porque você não é um sujeito sozinho , você precisa do outro para brigar pelas coisas. Nós queremos uma escola que garanta que o povo consiga se sentir sujeito de sua ação. Dar voz para o sujeito. Ele não fica mais no silêncio. Você constrói uma relação interessante na questão do poder do conhecimento, a socialização

desse poder. Um ensinar o outro. **Ontem um homem da EJA, ele dizia “Nós temos uma pessoa na nossa sala que tem dificuldade. Ela só consegue escrever duas linhas, nós escrevemos o resto pra ela. Daí a gente se tocou que a gente estava fazendo pra ela e não dá pra gente fazer pra ela. Ela tem que saber fazer. Então agora a gente senta com ela e ela tem que fazer”.** Então veja, quando que numa escola linear isso conta? **Conta quem copia mais ligeiro, conta quem fala mais rápido, conta quem sabe na ponta da língua. Então quando o sujeito começa a cuidar ao redor de si. Quando ele começa a cuidar da casa que ele tem mas também da casa do vizinho. Isso são sonhos, mas se você olhar, você vê as crianças se responsabilizando mais pelas outras. Dividindo um lanche. Ela aprende a olhar para o outro. Não é a equação , mas o uso dela.** Onde é que na vida isso faz diferença e como você pode ensinar o outro a usar isso. A criança com NE precisa de atendimento específico que permita acesso ao conhecimento de forma diferenciada. Portanto de nada adianta “jogar” a criança na sala com outras crianças sem um olhar cuidadoso, atento e sem preparação do educador que receber essa criança. No entanto se for construído um processo de inclusão, os benefícios são as trocas com outros sujeitos, que não só a família, as APAE’s, CAPP, etc. Cria-se um processo de reconhecimento deste sujeito, de convívio e respeito. **As outras crianças aprenderão que o mundo se constrói com as diferenças, aprenderão a levar o cadeirante, a se comunicar na língua de sinais com o surdo, a conduzir o cego e contar a ele os acontecidos da escola. As diferentes linguagens se estabelecerão, e o humano se humaniza ainda mais, Não de forma piedosa, mas na autenticidade que se estabelece na convivência das diferenças.**

4. **Acho que sim.** Na educação popular se discute uma escola que faz opção pela população mais pobre, excluída dos processos. **Isso possibilita discutir com mais sensibilidade a inclusão dos diferentes e garantir acesso, permanência, continuidade, conclusão a todos.** Essa prática requer um olhar ao outro, entendendo-o, ouvindo-o. A educação popular impõe a organização dos sujeitos a partir de conhecimentos construídos que possibilitam a libertação das amarras opressoras e garantam que cada um construa suas saídas, suas soluções de forma individual e coletiva.

5. **Possibilitando um ritmo especial garantindo a diversidade no atendimento, tempos específicos para cada sujeito, materiais que auxiliem as crianças a se instrumentalizarem.** Discussões com a comunidade, as famílias, avaliando de forma democrática, processual a fim de emancipar as crianças.
6. **Eu acho que sim. Nisso a gente teve um crescimento.** A gente conseguiu que as pessoas olhassem de uma forma diferente para essas crianças.
7. **Há grupos de muita resistência. Tem muitas pessoas de direita que te te juram de pé junto que isso não dá certo.** Tem gente que diz : nesta administração eu não vou ser diretor de escola. Porque não acreditam nisso. É um jeito de entender as coisas. As pessoas foram se sentindo: “Eu não sei fazer, e antes eu sabia que eu podia pegar o livro didático e ir pra escola com segurança” E entre ficar com aquilo que eu sei ou ficar com aquilo que eu não sei, eu fico com o que eu sei. Dá muito mais trabalho dar conta disso, você tem que se relacionar com o outro, você tem que olhar para o outro, entender o outro como sujeito, entender que todos aprendem , tem seu direito. Isso dá trabalho! Antes tu podia dizer : “Não, não aprendeu porque não estudou, o aluno tem problemas..” Agora você não pode dizer isso. Como é que você vai dizer isso se o pessoal da Secretaria de Educação mais um monte de gente na rede diz “Não, não é verdade, não é bem por aí. Então tem muita gente também escondida. Fazendo de conta. Esperando que essa administração caia pra mim poder respirar e voltar a aquilo que era. Mas tem muita gente que diz: “Eu nunca mais vou voltar a fazer aquilo que eu fazia” . O que garante que não voltamos atrás? É a formação. A formação pode hoje não ser a melhor. Ela tem equívocos, mas a formação continuada... bater na tecla. É muita política. ..
8. O que me preocupa muito. Poder dar continuidade a isto. Eu acho que a gente está mais maduro. Os primeiros quatro anos foram quatro anos de enfrentamento com Deus e o mundo. Nos anos seguintes a gente avançou numa série de coisas. Nós não avançamos nesta questão da comunidade. Eu acho que não avança porque as pessoas que estão aqui não dão mais conta disso. Precisaria vir alguém de fora. A gente tem que ter uma máquina enxuta que funcione. Eu acho que a gente conseguiu construiu algumas questões que é



olhar para a totalidade. O olhar para totalidade é : como é que você atende o zero anos até oitenta anos? E como é que dá conta da escola, junto com a saúde, junto com a assistência social. Juntos olharem pra isso. Temos uma dificuldade ainda que é a inter- setorialidade . Cada um tem sua secretaria, sua prefeitura. Então uma relação frágil agora que é a jornada ampliada. Ela serve pra aproximar as secretarias. Daí eu dei uma idéia assim: Eu não posso ciscar no terreno do outro e jogar fora e botar terra em cima do que ele está fazendo porque eu não vou ganhar com isso. As vezes as pessoas encabeçam isso e põe tudo a perder. Não é só você que faz a política, tem outros sujeitos envolvido nessa questão e que acabam fazendo a política. É aquela história: Educação vale tudo.. Na verdade cada um está tentando fazer o melhor... Um outro instrumento que pode avançar enquanto administração é o orçamento participativo. Nas avaliações e análises que a gente tem feito, o orçamento participativo é muito um instrumento da gente dizer pro povo o que a gente acha. Eles trazem as demandas deles, mas a gente não deixa eles falarem. A gente não olha... Durante o ano todo tem várias reuniões e dali saem as demandas pro ano seguinte. Eu acho que esse processo é legal, mas o que uma professora da universidade dizia pra gente, comparando Chapecó com São Bernardo. Que lá todos os secretários estão na mesa quando a comunidade está lá. E cada sujeito, seja pra falar do coco da pomba que caiu no banco. Todo mundo é ouvido. Aqui é diferente. Nós sempre temos pressa, sempre temos que terminar a reunião. Uma duas horas de reunião no máximo. Isso nós temos que avançar. E nossa cultura também. É uma cultura mais italiana, de alemães, de cima pra baixo, então veio o Gouveia ele vai dizer isso na educação: “Vocês são autoritários”, ele disse “Vocês construíram uma relação autoritária com os grupos” e a gente diz” Como é que a gente tira isso?” . Nós não temos medo de enfrentamentos e conseguimos muita coisa com isso. Não temos medo de cara feia. E conseguimos conquistar essa relação. Mas minha maior preocupação é dar continuidade... na questão da educação especial. Acho que esse tempo que a gente tem aqui é pra amarrar essas parcerias. [falei da progressão]. Qual é a preocupação da gente: que nem haja progressão nas escolas. Porque a progressão o que é, ela é pra gente “desangustiar” o professor. Hoje a gente tem uma seleção de professores , por projeto, para entrar na progressão, pra tentar minimizar o mal da progressão. A relação complicada da progressão né. Porque claro, quem é que vai pra progressão. Exatamente o sujeito que precisa de atenção especial... a

idéia é a retesa do processo. Não é nem do processo, é da estrutura. E sabe o que a gente precisa fazer? A gente precisa fazer isso na EJA, precisa fazer isso com tudo. A gente tem que criar uma regulamentação. Uma lei, uma norma. Sabe? Quando normaliza daí resolve.

**Nome : Sec2**

**Idade: 39 anos**

**Formação : pedagoga**

**Função : diretora departamento do ensino fundamental**

**Desde quando exerce esta função : 5 anos na Secretaria**

**Desde quando exerce esta função neste estabelecimento : 2 anos e 5 meses como diretora do ensino fundamental.**

1. **Portadores de necessidades especiais são todas as pessoas que possuem necessidades de atendimento diferenciada.** Sejam elas necessidades físicas, mentais ou até mesmo aquele aluno que precisa de um trabalho diferenciado na sala de aula para garantir a aprendizagem.
2. A educação escolar de uma criança com deficiência, deve garantir espaços físicos adequados ao trabalho pedagógico diferenciado com atendimento especializado, individualizado quando necessário e que também seja garantida a socialização com outras crianças para que possam a partir da interação, da troca construir os avanços necessários. **Deve-se considerar a socialização, pois sabemos que esta é fundamental para o desenvolvimento humano, pois como já dizia Paulo Freire, “os homens se educam uns com os outros”. Os saberes escolares devem estar de acordo com as necessidades destes alunos Não se deixa de trabalhá-los, desde que estes partam das necessidades destes sujeitos, pois todo saber escolar deve contribuir para melhorar a vida das pessoas.**
3. As pessoas precisam ser respeitadas como elas são, portando **o acolhimento de crianças com necessidades especiais entre as demais, garante um direito de todo cidadão,**

independentemente da cor, gênero, classe social, religião e condição física ou mental. Todos devem ser respeitados como são. **Acredito que todos serão beneficiados, pois tanto o portador de NE, quanto as demais crianças aprendem. Os benefícios que uma criança com necessidade especial pode tirar numa escola popular é que esta escola garantirá à ela um trabalho voltado à sua realidade, às suas necessidades, fazendo um trabalho que os construa como sujeitos de sua própria história, com capacidade de intervir na sua realidade, já que a Educação popular, possui uma intencionalidade política voltada aos desfavorecidos. Nós percebemos nesse ano quase 200 alunos procurando a rede municipal. A gente sabe que esses alunos sempre estiveram por aí. No entanto eles não tinham coragem de vir pra escola... Ou a gente sabe que muitas vezes os pais escondiam os filhos em casa...** O padrão que se constrói... as pessoas que constituem a comunidade e hoje nos surpreendeu, tantos alunos procurando nossas escolas municipais. A gente percebe uma relação de solidariedade com eles. Nós temos um cadeirante numa escola e o grupo mesmo se organiza para ajudá-lo nos intervalos... Nós temos um caso de um pai que tirou o filho de uma escola particular e trouxe para a nossa, porque ele viu o trabalho que estávamos fazendo...Nós em 7 anos de administração, construímos mais de 250 novas salas de aula. Então dobrou o número de salas de aula de quando iniciamos. Nós temos em média 22 alunos por turma, nas escolas urbanas. No campo a média é de 17 alunos por turma.

- 4. A educação popular que estamos construindo em nossa cidade tem este propósito.** Sabemos que cada aluno aprende de forma diferente, em tempos diferentes. Quando organizamos a escola a partir dos princípios dos ciclos de formação, estamos olhando para o desenvolvimento humano. A aprendizagem na escola não pode estar presa ao calendário gregoriano, ao ano letivo, pois ninguém, aprende da mesma forma e ao mesmo tempo. A diversidade permeia qualquer espaço de convivência humana, portanto, não podemos homogeneizar a forma de trabalhar na sala de aula. Quando organizamos o trabalho a partir das necessidades dos diferentes sujeitos, estamos garantindo ora trabalhos coletivos, ora individuais, a necessidade de organizar atividades diversificadas na sala de aula para os diferentes níveis de aprendizagem, o reagrupamento dos alunos em turmas, grupos aos quais tenham maior afinidade, as oficinas pedagógicas com trabalhos a partir das

diferentes necessidades. quando a gente se desafia a construir a inclusão na escola popular, a gente tem princípios que organizam esta prática. Por ex. Paulo Freire é um dos grandes mestres que nos orienta nesses princípios. Todo trabalho que você organiza na escola, ele é organizado a partir do contexto do grupo com o qual você está trabalhando. Então eu preciso conhecer quais são as relações , quais são as formas que esse grupo se organiza, quais são as necessidades desse grupo. Se eu organizo meu trabalho a partir da necessidade desse grupo, eu vou perceber que nessa turma possui alunos que tem necessidades que se diferenciam, que são as necessidades diferenciadas, então eu vou organizar meu trabalho para atender a essas necessidades. Então todo trabalho que nos organizamos, ele se dá a partir da pesquisa né, participante que é organizada e desenvolvida na comunidade com pais, com lideranças, com alunos em sala de aula, com servidores. Daí você vai identificando qual a visão de mundo daquele grupo, quais são as relações que estão estabelecidas naquele grupo, quais os principais problemas, e a partir daí identificamos os temas geradores.

5. Como a escola organiza os trabalhos né.. pra dar conta das diversidades, das diferentes necessidades dos sujeitos? Por ex. **nós temos na escola são Cristóvão é organizada em ciclos, mas lá os ciclos são organizados de forma diferentes das outras escolas.** Porque a gente entende que o aluno que é portador de algum tipo de NE , ele precisa de um tempo maior porque o desenvolvimento dele não equivale ao desenvolvimento de uma criança na escola regular. Então **lá cada ciclo tem uma duração maior.** Então lá é diferenciado. Isso é garantido. O que a gente faz para além da escola? Por ex. Tanto no CAIC que **nós temos as turmas de educação especial, escola Paulo Freire nós temos alunos portadores de necessidades especiais SC, lá na escola de surdos, nós temos por ex. os centros de informática que são salas de informática e vão garantindo uma formação para esses alunos.** De certa forma já vai contribuindo para a profissionalização desses alunos. Eles tem esse acesso. **Tem também os centros artísticos de cultura popular que são na verdade mais na dimensão da questão da música, do teatro.** Que garante acesso a essas diferentes formas de expressão dos alunos. Esses alunos também tem acesso a esse tipo de formação para além da escola. Estamos iniciando a jornada ampliada que é um atendimento no outro turno que pode se dar em programas sócio-

educativos, nos cursos de informática, nos centros artísticos de cultura popular. Os programas sócio-educativos são programas que trabalham um pouco também na perspectiva da profissionalização. Como a gente trabalha com o ensino fundamental. Crianças de 6 a 14 anos basicamente. A gente não trabalha diretamente com a questão da profissionalização, mas vai trabalhando atividades que posteriormente...A jornada ampliada é um trabalho das diferentes secretarias, da assistência social, secretaria de esportes, secretaria da saúde e da educação. É uma integração dessas secretarias, onde a gente faz um trabalho em conjunto para atender esses alunos. A idéia é ampliar um período, ou 1 hora ou duas horas por dia. Isto ainda não está em todas as escolas. Não podemos impor, temos que ir construindo com cada escola. É um programa um pouco novo. Hoje nós temos 188 alunos especiais matriculados no ensino regular.

6. **Acredito que sim.** O trabalho de Educação popular que estamos construindo constitui-se numa mudança de cultura do povo, que não acontece repentinamente, no entanto, **já percebemos várias mudanças em relação ao olhar que a comunidade tem em relação as pessoas com deficiência**, como a grande procura das famílias ao atendimento de seus filhos na escola, e à outros serviços públicos. A solidariedade dos outros alunos em relação aos alunos portadores de necessidades especiais.
  
7. **Uma das dificuldades é a formação do educador que foi preparado para trabalhar com o aluno “ideal, normal”.** A necessidade de se desafiar a trabalhar com a diversidade, a partir da necessidade dos diferentes sujeitos. Nós intensificamos este debate na formação dos professores. Qual é a função social da escola... Qual conteúdo? A serviço de quem? Uma outra ação também foi a aquisição de materiais, de kits, aquisição de literatura. Nós temos a biblioteca do professor. Fizemos uma aquisição de mais de 1000 livros para essa biblioteca. Isso serve de fonte de pesquisa. Livros para as escolas. Materiais de ciência, física, química, matemática, história... Procuramos dar condições para o professor qualificar o ensino em sala de aula. Todo ano, no início do ano nós fazemos uma formação de dois dias onde eles vão se apropriando...Uma oficina para eles entenderem o todo da educação popular, desde a pesquisa, o tema gerador, os princípios organizadores da nossa prática. E esses anos fizemos um levantamento para saber se

precisávamos fazer novamente esta oficina e neste ano não teve necessidade pois tivemos somente 9 pessoas novas numa rede de quase 1000 professores...**Existem resistências da escola popular. Porque se construiu no imaginário das pessoas, aquilo que é popular é de menor qualidade. Por ex. falas como “se é menos qualidade, tem menos conteúdo, não reprova”.** A idéia que se construiu historicamente de que a boa escola é aquela que pune, que reprova, que dá nota. Ela ainda é muito forte na cultura da população de Chapecó e no Brasil em geral né... A gente tem que trabalhar um pouco aquele... é que nem um tratamento de choque né : Se a boa escola é aquela que reprova, o bom médico é aquele que mata. No começo, os próprios educadores tinham dúvidas. Por que é você ir mudando aos poucos o paradigma educacional. Quando a gente vai desestabilizando o professor no sentido da mudança de paradigma, ele vai ficando meio inseguro com relação a prática e o professor foi educado muito naquela lógica do certo e do errado. Alguém tem que me dizer o que eu posso e o que eu não posso fazer. Alguém sempre pensou a idéia do livro didático. Alguém pensou para que eu implemente na sala de aula. A idéia de alguém que pensa, existem os intelectuais que pensam e o professor executa na sala de aula. Então quando a gente começa a tencionar o professor para que ele seja sujeito da sua ação, ele pense, ele proponha, ele ajude a propor o que é necessário pra aquele grupo, para aqueles alunos, enquanto conteúdo, atividades e práticas na sala de aula. Ele vai se sentindo desestabilizado. E no início eles diziam”agora não posso fazer isso, então o que eu faço?” “Então agora não posso trabalhar a ortografia ou a gramática.” Não, a ortografia e a gramática são necessárias, mas você não pode mais trabalhar a gramática, puramente pela gramática, mas a partir da relação do dia a dia do sujeito, do contexto de vida deste sujeito. A gramática tem que ser a gramática do cotidiano do aluno. Então o professor saiu de um extremo e foi para o outro, mas a gente vem trabalhando isso. Retomando esse processo com os professores né. No sentido de dizer que o conteúdo deve ser trabalhado e é necessário, mas não só o conteúdo pelo conteúdo. A operação matemática deve ser trabalhada dentro do contexto de vida do aluno. Que tenha sentido na vida dele. Mas acho que foi isso que fez com que se construísse a idéia de que a escola popular não tem conteúdo... Hoje a gente tem conseguido mudar um pouco. Agora está muito mais num período de consolidação. Pesquisas como estas são fundamentais, pois é o olhar de alguém de “fora”, para que possa nos apontar nossos limites, para que

possamos avançar, já que o projeto que estamos construindo não está pronto, acabado. O nosso fazer se dá no fazer cotidiano, com a participação de cada um e cada uma como atores neste processo.

**Nome : Sec3**

**Formação : Pedagogia**

**Função : Secretária da educação especial**

**Desde quando exerce esta função : há 1 ano**

**Desde quando exerce esta função neste estabelecimento : 1 ano.**

1. **Todos os alunos são especiais e todas as escolas deveriam ser especiais**, mas ainda isso é muito forte no aluno que apresenta dificuldade na aprendizagem. No aluno que apresenta uma deficiência, no aluno que tem algo que foge da norma. É o diferente.
2. Primeiro ela deveria estar no ensino regular e em alguns momentos ela vai precisar de algumas atividades diferenciadas. Mas seria como qualquer criança dita normal. A gente tem muito forte ainda que a criança especial não é que não aprende, o processo de aprendizagem dela é diferenciado. Mas o que nós temos colocado é como que vai aprender se a escola especial não deu conta desse aluno. A gente vem de uma escola especial muito segregadora, muito tradicional. Quando essas crianças vão para o ensino regular, elas realmente precisam de um tempo para se reorganizarem neste espaço. Daí a gente precisa dar esse tempo pra esta criança se reorganizar. E daí nós vamos pensar o que vou fazer além daquilo que já faço em sala de aula para facilitar o processo de aprendizagem desta criança. **O que nós não podemos é subestimar a capacidade, as potencialidades desta criança. Ah mas é deficiente mental, então só vai aprender até aqui. Não, muitas vezes elas nos surpreendem. Eu priorizo o saber. A socialização em alguns casos como uma criança surda-cega, eu priorizaria a socialização até porque eles precisam deste contato com seus pares. Os transtornos invasivos... Não que eu priorizaria a socialização, mas acho que este tempo de socialização deveria ser maior pra que a criança consiga se reorganizar.** E eles aprendem muito, muito com

seus pares no ensino regular. No CAIC eu tenho até um sentimento de culpa porque eu consegui fazer muito pouco. Eu tenho um ponto de interrogação muito grande nesta escola. Primeiro porque ela tem todos os atendimentos possíveis e imagináveis, mas pra mim, falta o pedagógico... É uma avaliação bem minha. Eu não tenho elementos para dizer isso. Mas eu me questiono muito sobre essa classe.

3. Na escola especial as crianças convivem com as crianças especiais, no ensino regular, pra mim, **além dessa socialização com crianças que estão dentro da norma ou ditas normais. Além dessa socialização que ela tem, ela tem a todo momento crianças que estão interagindo com ela de maneira diferente.** Aqui em Chapecó as escolas estaduais e particulares são extremamente tradicionais. E pra mim, essas escolas não incluem em nenhum aspecto. **O que a gente tem colocado é a questão das barreiras arquitetônicas, mas pra mim não é isto que é limitante, são as barreiras atitudinais que são limitantes. Então se nós não tivéssemos esse olhar da educação popular que inclui todos, nós não estaríamos fazendo a inclusão. Os benefícios são que ela rompe com essa barreira atitudinal. Daí a gente vai para o pedagógico onde todos os alunos tem o respeito pela sua especificidade. O trabalho é diferenciado. Você olha para os seus alunos e daí você reorganiza o trabalho.** O que a gente tem trabalhado na rede municipal é não desvincular o conteúdo do tema gerador que a própria turma está trabalhando. Proporcionar sim atividades diversificadas, talvez aquém daquilo que os demais estão fazendo, mas só em alguns momentos, porque normalmente eles participam do todo da sala de aula. E as oficinas e as outras atividades que o aluno tem na escola regular. E tem o acompanhamento da escola especial que a gente está intensificando também. As professoras tem ido para as escolas especiais, questionado como é o trabalho... A gente tem uma menina que tem um transtorno invasivo, mas a professora ainda não sabe né...Então ela tem um transtorno psiquiátrico. Ela tem 8 anos e a mãe está maravilhada. Ela não falava, ela está falando. Tu precisa ver o que ela me diz, o que ela me conta dessa escola. Até ir pra casa ela já está conseguindo fazer. É claro, se passaram já 4 meses e agora sim. Mas nem por isso a professora deixa de organizar o conhecimento com ela... Uma das coisas que me surpreendeu muito foi quando eu comecei ir às escolas



e ver a angústia dos professores: “O que mais eu posso fazer para que este aluno que é diferente dos outros avance?” Isso me surpreendeu e me deixou muito feliz na rede.

**4. Nós ainda não chegamos neste nível.**

5. Porque na legislação nós temos a tal da terminalidade específica né. Que aí você vai dar o certificado de conclusão onde vão estar as habilidades desse aluno que não vai conseguir concluir... **É um questionamento muito grande. Nós temos na escola de jovens e adultos um aluno especial que conseguiu concluir com 24 anos. Mas ainda a gente não tem...** Essa é uma das minhas angústias também. Porque eu já conversei com muitas pessoas com uma caminhada maior do que a minha e elas também ainda não tem claro isso. Por exemplo, **a questão da enturmação, a gente se questiona!** Tem que respeitar a idade dele, mas e aí, enturma aonde se é uma criança de nove anos que tem um desenvolvimento de uma criança de cinco, vai enturmar aonde? Não é o ideal o que a gente tem. É o real. Mas temos a meta de resolver isso até o final do ano...

6. **A gente percebe na própria escola.** O comprometimento não é só dos professores, mas de todo o coletivo. As barreiras vão continuar, eu acredito, por um bom tempo, mas **as mudanças que a gente tem tido nos professores passam para os alunos, para os pais.** Não é de um dia p/ o outro. Ainda tem pais que querem tirar o filho porque tem um deficiente na sala... O olhar é diferente na rede municipal e na rede estadual, por exemplo. Nosso trabalho já tem um tempo e isso faz com que as pessoas olhem para o outro. Conversando com uma pessoa que coordena os trabalhos nas escolas estaduais ela falou: “Olha, aqui, as escolas do estado não fazem inclusão”...

7. Olha, **eu acho que é a questão da sociedade mesmo. Se tem um aluno diferente vou tirar meu filho. A escola acolheu o aluno, mas muitas vezes a família dos alunos não querem.** Temos planejado conversas com os pais, mas ainda não temos nada sistematizado.

## **Diretores da escola CAIC**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Tempo de exercício da função ?**

**Tempo de exercício nesta escola ?**

1. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
2. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares?
3. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
4. Você considera que a « escola popular » leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que e como ?
5. De que forma a escola popular assegura a continuidade educativa para essas crianças ? ( progressão em ciclos, futuro depois da escola... ) ?
6. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas portadoras de NEE que você estimaria ligada à ação desta escola ?

7. Quais dificuldades você encontra (ou encontrou) na construção do projeto de uma escola popular aberta a todos ?
  
8. Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

## Respostas:

Nome : Dir1

Idade : 30 anos

Formação : Graduação em pedagogia e em serviço social, pós em orientação educacional e em psicopedagogia. Formada em serviço social.

Função : vice-diretora escola do CAIC

Tempo de exercício da função :

Tempo de exercício nesta escola : Como orientadora há 8 anos

Como vice diretora há 3 anos.

- 1) Pra mim são pessoas que precisam.. não é só quem tem uma deficiência mas todos os alunos. **São necessidades que precisam ser atendidas de modo diferenciado.**
  
- 2) Eu acho que esse atendimento deve ser na escola com profissionais não só habilitados mas que tenham vínculo com essa criança. Eu vejo em alguns momentos específicos com profissionais específicos e em outros momentos com os demais alunos. **O principal, é que ele consiga se virar, não só se socializar, mas que ele tenha condições de freqüentar cursos, de aprender coisas pra vida** porque mais tarde ele não estará na escola então que ele consiga ter algo a mais pra vida dele. Que tenha autonomia porque nem sempre os pais estarão juntos... A educação escolar deve levar em consideração a potencialidade de cada aluno, atendendo as individualidades de cada um. **Eu acredito que a socialização não “inclui” a criança especial. Por outro lado os saberes escolares devem condizer com as necessidades dos alunos.** Muitas vezes as atividades da vida diária são a garantia da qualidade de vida das crianças e a escola precisa estar atenta a isso.
  
- 3) A experiência que temos enquanto E.B.M. CAIC é de **proporcionar aos alunos momentos juntos com as outras turmas e tem sido muito positivo.** Também **acredito que as crianças passam a ver as crianças com deficiências com “outros olhos”, com menos preconceito. Os alunos estão sempre com os demais alunos no recreio e em**

**alguns momentos fazem atividades com outras turmas do ciclo, o que tem sido uma boa experiência. Eu acredito que numa outra escola eles não estariam freqüentando... Acontece as vezes das escolas estaduais nos ligarem dizendo “Este aluno não tem mais o que fazer nesta escola...” Então temos alunos que vieram “indicados” pelas escolas do estado e aqui a gente fez um trabalho com eles, colocou na progressão e muitos conseguiram avançar. Então aqui a gente acolhe...** Tem muito o que avançar, mas acredito que esses alunos terão uma outra experiência, por exemplo agora eles freqüentam as aulas de informática, foi um jeito dos pais estarem mais com a gente. Por que a gente também tem o preconceito dos pais. Demorou muito para os pais do Rodrigo entenderem que ele precisava de um atendimento especializado...E os pais não queriam ver. A mãe da ‘M’ : sua mãe é idosa. A ‘M’ tem 10 anos de APAE e não conseguia trocar de roupa, trocar o absorvente. Então primeiro dia de piscina, a questão do piolho... O ‘V’ fica no chuveiro esperando para alguém vir desligar o chuveiro pra ele.. Então essas coisas básicas que acabam não acontecendo se não tiver alguém com um outro olhar. Porque muitas vezes se pensa que alfabetização é sistematização, é o saber sistematizado que é importante. E isso pra mim não é o mais importante. Acho que tem coisas básicas que essas crianças precisam, se não elas só passam pela escola...

- 4) **Acredito que sim.** Tentamos buscar alternativas para atender a diversidade. Temos além das necessidades especiais, diferentes níveis de aprendizagem que também precisam ser atendidos pela escola popular. Também creio que atender e respeitar a diversidade depende do compromisso dos profissionais. Nós temos por exemplo, o ‘Ed’ que é um aluno que eu não sei até quando a Miriam vai dar conta. Porque junto com a síndrome de Down tem uma psicose. A mãe levou la no CAPS, teve atendimento psiquiátrico, entrou com medicamentos. É uma criança que está na pré-adolescência, 12 anos, né.. tudo isso está se agravando. Ele é uma criança que tem essa questão do limite desde pequeno. A Rosa, a mãe sofre muito com isso e ao mesmo tempo ela acolhe muito... é um problema...
- 5) Acredito que nós estamos tentando organizar enquanto escola. Em termos de Chapecó, o alunos cegos, por exemplo, tem a DEVOS que dá o suporte em Braille. Tem aluno cego freqüentando o ensino regular e as pessoas da DEVOS dão esse suporte para os

professores e fazem as traduções para o braile. Está em construção também... Nós divulgamos nossa experiência na conferência, no seminário. A experiência da educação especial, o início do processo e aí eu comecei a receber ligações dos diretores de outras escolas: “Você teria como atender meu aluno? Ele tem Síndrome de Down.”. Mas nós aconselhamos a própria escola a atendê-lo. O Ed, por exemplo, colocá-lo hoje no ensino regular não é o momento, agora o V a gente considerou que sim. Então eu acho que cada escola tem autonomia para se organizar. No ano passado tivemos uma discussão sobre a escola que tiver vários casos, tiver professor que tiver interesse, pode abrir turmas especiais. E tem também a opção de estar no ensino regular e ser atendido. Organizando horários com as outras turmas, momentos de interação. Nas quintas-feiras os alunos vão à piscina e na equoterapia com as professoras visando um trabalho diferenciado com os mesmos. Tem dificuldades também. Profissionais p/ atendimento dos alunos (sistemático) e pais. Por enquanto conseguimos garantir o curso de informática aos sábados junto com a comunidade. Mas precisamos avançar nos encaminhamentos. Quando saírem vamos encaminhar para outra escola que tenha o terceiro ciclo. **Nós temos uma escola aqui do lado. Na turma especial que temos aqui , eles podem ficar mais tempo. O terceiro ciclo deles vai ser aqui e nesse tempo nós podemos incluí-los no momento que acharmos adequado. Provavelmente vamos encaminhar para ensino profissionalizante.** Outros vão para a escola Victor Meireles. No ano passado fizemos todo um trabalho com as crianças que iam passar para lá. Levamos antes para conhecer a escola ... e melhorou nosso relacionamento com esta escola. Porque eles saem daqui e a maioria deles vão para lá. Os que tem um vínculo, que os pais incentivam ficam. O restante, está suficiente até a quinta série, daí eles começam a ir para o mercado de trabalho informal que é catar papel.

- 6) **Acreditamos que com o trabalho avançamos com as mães dos alunos que tem dificuldade em aceitar a “deficiência”.** Porém ainda precisamos avançar tanto com o trabalho com as famílias como com os professores. **Em alguns momentos eu acredito que sim, mas isso é um processo.** Entre os professores tem as que protegem demais que são aquelas “Meu Deus! Vamos levar uma comidinha pra eles.”

7) **A maior dificuldade é o comprometimento de todas as pessoas envolvidas com a escola. Precisamos estar sempre construindo esse processo.** Envolve romper com paradigmas, preconceitos, etc. Mas foi interessante o trabalho dos 10 anos porque muitos dos alunos, eu digo pra Teco, porque ela se desespera, eu disse “Teco nós temos alunos que se perderam, alunos que estão no CIP, o Centro de Internamento Provisório estão, alguns morreram devido a situação de rua. Mas também temos alunos que estão no segundo grau, tem estagiários no Banco do Brasil que foram nossos alunos. Hoje tenho pais e mães que foram nossos alunos porque eles se casam muito cedo... 14 anos.. É bem complicado, a questão dos filhos é muito precoce. No ano passado começamos uma parceria com a Secretaria da Saúde no programa “adolescentes multiplicadores”, foi uma parceria entre CAIC e Victor, eu selecionei os alunos de progressão que iriam para o Victor e eles passaram pelos adolescentes multiplicadores que é uma proposta em parceria educação e saúde que trabalha com as questões de prevenção, DST, drogas AIDS e nós estamos com um trabalho com eles. Eles fazem uma apresentação...

## **Profissionais atuando com os alunos portadores de NEE**

### **Questões :**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Desde quando no exercício desta função ?**

**Desde quando você atua com crianças nesta escola ? (Precisar se atua com a São Cristóvão ou CAIC)**

1. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
2. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares ?
3. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
4. Você considera que a « escola popular », onde você atua pontualmente, leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que e como ?
5. Que formas tomam tua colaboração com os outros profissionais que atuam com essas crianças ? Quais são, no teu ponto de vista, as dificuldades e contribuições essenciais nesta colaboração?



6. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas portadoras de NEE que você estimaria ligada à ação da escola popular ?
  
7. Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

## Respostas :

Nome ? Ex1

Idade ? 26 anos

Formação ? Fisioterapeuta

Função ? Fisioterapeuta

Desde quando no exercício desta função ? 2 anos e meio

Desde quando você atua com crianças nesta escola ? No CAPP atuando com o CAIC há 2 anos

1. **São crianças que precisam bastante das outras pessoas. Crianças que tu tem que dar um suporte pra elas.**
2. Acho que é indispensável uma equipe multiprofissional e interdisciplinar, porque assim ela vai poder passar por todas as áreas: área da “fono”, da “fisio”, da terapia ocupacional, da psico. Tudo isso se faz necessário e a parte também da pedagogia. Eu acho que ela exige muito mais do que uma criança normal. Eu acho que é interessante a escola especial, mas acho que é importante também, trazer essas crianças para a escola regular junto com as outras crianças porque elas também tem capacidades, que também podem ser desenvolvidas como as outras crianças. **Eu penso que é importante os dois. Uma classe especial vai estar puxando mais as capacidades dela, e no ensino regular vai fazer com que ela também se sinta incluída no meio social.** Eu vejo uma educação mais para o ensino profissionalizante que tenha uma terminalidade específica. De repente para uma faculdade também seria até interessante, dependendo do grau ..., do caso especial de cada criança né... Mas eu acho que mais pra terminalidade específica...Acho que seria importante para que ele também se sinta valorizado. Eu vejo que é importante os dois, tanto na socialização nessa parte de interação com outras crianças ditas normais e também com essa parte do saber porque eu acho que eles tem capacidades e deve ser bastante explorado também.
3. **Acho que vou pular essa questão...**

4. **Acho que sim**, cada vez mais estamos procurando fazer isso. No CAPP e até no CAIC eles vêm a especificidade de cada um.
  
5. Acho que a gente atua na parte de comportamento dessas crianças, no desenvolvimento de habilidades, na auto-estima...**As reuniões a cada três meses, discutimos o que ela evoluiu, em que vamos trabalhar... Na sala de aula com as mães, a gente orienta..** Cada vez mais vem aumentando.. Com os pais tem pais extremamente dedicados e outros mais relapsos...
  
6. **Acho que nesses dois anos, muitas coisas estão mudando pra melhor.** A conscientização das pessoas é muito maior. Numa mostra que a gente faz aqui da equoterapia, tu vê que a sociedade está querendo ver, querendo saber e dar apoio para estas crianças. Porque quando tem provas de equitação todo mundo vem. A sociedade está se integrando mais. Eu vejo isso como um ponto bem positivo. O pessoal vem, quer fazer voluntariado. Há dois anos atrás não era assim...

## **Professores que não trabalham com crianças com NEE - CAIC**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Tempo de exercício da função ?**

**Tempo de exercício nesta escola ?**

1. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
2. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares ?
3. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
4. É preciso ou não propor um espaço de educação específica às suas dificuldades ? Que forma você daria para este espaço ?
5. Você acha que a « escola popular » leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que ? De que maneira ?
6. De que forma a escola popular assegura a continuidade educativa para essas crianças ? ( progressão em ciclos, futuro depois da escola... ) ?

7. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas com NEE que você estimaria ligada à ação desta escola ?
8. Você tem o sentimento de que essa conjunção « escola popular/inclusão » mudou a tua prática profissional ? Se sim, por quê ? Em que ?
9. Você se sente preparado(a) para responder às novas exigências educativas e pedagógicas consequentes ? Se sim, por que e como ? Se não, porque ?
10. Que formas tomam tua colaboração com os outros profissionais que atuam com essas crianças ? Quais são, no teu ponto de vista, as dificuldades e contribuições essenciais nesta colaboração?
11. Quais são as formas que esta colaboração toma com os outros professores na interdisciplinaridade ? Quais são, para você, as dificuldades e as contribuições essenciais nesta colaboração?
12. Na tua pedagogia, a prática dos temas geradores se modificou com a vinda de crianças portadoras de NEE ? Se sim, porque e como ?
13. Como você analisa o progresso desses alunos em matéria de pensamento crítico ? Em matéria de autonomia ? De participação ?
14. Como está, no teu ponto de vista, a dialogicidade com os pais dos alunos ? Quais limites ? Quais recursos ?
15. Quais dificuldades você encontra (ou encontrou) na construção do projeto de uma escola popular aberta a todos ?
16. Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

## Respostas :

Nome ? PC1

Idade ? 30 anos

Formação ? Graduação em matemática

Função ? Professora de segundo ciclo

Tempo de exercício da função ? 10 anos

Tempo de exercício nesta escola ? 10 anos

- 1) **São pessoas que precisam de ajuda para desenvolver atividades cotidianas e de maiores explicações para compreender algumas.**
  
- 2) Eu vou falar pela classe da PEC1. Eu acredito que cada deficiência é uma particularidade então cada um vai aprender de uma maneira. Acho que uma classe especial com outros professores dando atenção especial para eles seria uma boa alternativa porque pôr eles na sala junto com as outras crianças a gente já fez isso e não dá certo. Eles não tem maturidade né. Acho que eles teriam que ter acesso a tudo o que as outras crianças tem. Uma escola onde teriam materiais de diversos tipos, jogos, materiais escolares de boa qualidade. A família né.. que pra eles pesa bastante. A chave pra eles se desenvolverem cada vez mais é a família né. Porque a gente sabe de pessoas que tem deficiências e que vivem normalmente. Que conseguem ir pra escola, conseguem aprender porque tem um apoio da família e eles aqui não tem. A gente sabe de casos que a mãe prefere que o filho não melhore pra não perder os benefícios que tem. Então eu acho que uma escola ideal pra eles seria assim. Eu acho que teria que ter uma sala especial pra eles sim. Eu acho que eles tem que se incluírem com os outros em alguns momentos, mas sempre eu acho que é inviável. Eles não vão conseguir acompanhar o desenvolvimento dos outros. São crianças que precisam sempre de atenção e auxílio para desenvolver atividades escolares e que tem grande vontade em aprender. **Eu acho que os dois são importantes**, eu aprendo algumas coisas sozinha, mas eu aprendo muito mais com os outros. **Acredito que o aspecto socialização é que a ajudará a compreender os assuntos escolares.**

- 3) **Eu acho que tem que ser assim mesmo. A gente procura ter momentos em que eles vão estar junto com os outros fazendo uma atividade.** Eu acho que dentro da proposta popular a gente procura trabalhar assuntos da realidade, do dia-a-dia deles... na proposta anterior nem sempre a gente fazia. Era só de vez em quando. Mas as vezes a gente peca porque a gente acaba trabalhando só coisas da realidade e deixa outras coisas de lado. Então ainda não está perfeito. Acho que foi a proposta de educação popular que abriu esse caminho de ter essa turma especial. Depois de muita discussão né. Antes a gente tinha tudo misturado. A AC2, por exemplo era um problema muito sério quando ela estava junto com as outras , ela não conseguia fazer as atividades junto com os outros e aí ela batia nos outros... E depois que ela veio pra essa turma pelo menos ela está mais tranquila, pelo menos ela faz as atividades dentro das limitações dela... O “objetivo” da escola popular é trabalhar assuntos relacionados a realidade e no contexto da mesma.
- 4) **Acredito que elas precisam de um espaço** como aqui, mas com mais materiais diversos, jogos, brinquedos, livros...
- 5) **Acho que sim**, pois procuramos trabalhar e discutir assuntos de seu interesse, priorizando as suas necessidades.
- 6) ...
- 7) Eu não tenho muito contato com a comunidade, mas **eu acho que sim**. Acredito que as pessoas com deficiências estão sendo mais respeitadas e compreendidas nas suas particularidades.
- 8) **Aqui você tem que estudar mais. Antes eu tinha um conhecimento de matemática e pronto. Agora tem sempre que estar pensando: a fala é essa, o tema é esse , a realidade é essa. O que eu posso trabalhar para superar isso...”Então muda a maneira da gente pensar e pesquisar as coisas. Mudou, porque através de leituras e discussões, acredito que estas crianças têm um jeito diferenciado de aprender e que conseguem aprender.”**

- 9) **Nem sempre. Ainda acredito que preciso estudar, ler e aprender muito sobre educação especial.**
- 10) **A gente está sempre fazendo a programação juntos. Através de reuniões com pais, professores e a orientadora.** Os benefícios são uma maior interação e compreensão do outro e as suas necessidades. As dificuldades é a falta de tempo e o “descompromisso” de alguns. As vezes maneira de pensar não fecha com os outros. Mas é a grande diversidade da gente também de pensar o mundo...
- 11) ...
- 12) **Sim, pois o currículo foi modificado conforme as necessidades dos alunos e a realidade em que vive.**
- 13) Eu acho que sim quando eles percebem que a gente está anotando alguma coisa eles já... Os mais espertos já percebem que vc está anotando uma fala. Então tem mais diálogo porque é a partir desse diálogo que a gente tira conteúdo para se trabalhar na sala.. Eles nos avaliam mas não por escrito...É muito importante refletirmos após uma decisão no âmbito escolar, para analisarmos se essa ação foi correta ou precisa ser revista. **A gente avalia como ele estava pensando no início do ano e como ele está pensando agora. A gente prioriza muito “o que você conseguiu aprender a partir disso”. Tenho uma turma... Eles são muito críticos e não aceitam qualquer coisa assim “ Tudo bem, nós vamos ficar sem recreio por causa do fulano, mas eu não posso ficar porque eu não fiz”.** Então eu acho que é um grande avanço. **Os alunos estão mais críticos e exigentes nos assuntos escolares, estão mais autônomos e dinâmicos nas atividades, procuram participar e se integrar mais com os assuntos escolares.**
- 14) ...
- 15) Acho que algumas questões que foram deixadas soltas.. **A questão dos conteúdos mínimos.** Isso é uma briga nossa de tempos. Daí eles defendem que não tem conteúdo



mínimo. Eu acredito que tenha que ter. A falta de interesse de tentar entender a proposta porque a gente está trabalhando a proposta. Então as vezes falta interesse dos professores de não tentar entender. Daí trabalha de qualquer jeito e não faz nem uma coisa nem outra...**Ainda necessitamos estudar mais, buscar alternativas e materiais para melhorar o processo ensino-aprendizagem.**

16) Olha eu acho bem legal o trabalho que a PEC1 faz. Eu não teria paciência pra trabalhar com esse tipo de aluno. A gente trabalha é claro. Eu acho que tem que ter um dom pra trabalhar com esses alunos. Eu já trabalhei com os alunos da PEC1 e acho muito bom o trabalho dela.

**Nome ? PC2**

**Idade ? 34 anos**

**Formação ? Graduação em história. Especialização em ciências sociais.**

**Função ? Professora de 2º ciclo em todas as matérias, exceto Ed. Física e geografia.**

**Tempo de exercício da função ? 12 anos**

**Tempo de exercício nesta escola ? 9 anos**

1. **São pessoas diferentes que possuem tempos, momentos diferentes de aprender, umas aprendem mais rápido outras não, mas elas são diferentes das crianças ditas normais** né. Eu vejo que no pouco contato que nós temos com as crianças da Miriam que não andavam de bicicleta e hoje andam. Eles tem seu tempo e seu momento diferentes de aprender.
2. As crianças da Miriam já estavam aqui antes da classe especial e conversando com a Miriam, ela percebia essa dificuldade de trabalhar porque ela tinha porque eles não estavam juntos. Então vendo como eles estão agora está bem melhor. Eles se sentem melhor e conseguem se socializar melhor com as outras crianças.. **Acho que como está aqui é o ideal**, Não uma escola especial, mas salas especiais na escola regular e que

façam oficinas com as outras turmas, atividades recreativas... **Tem que privilegiar os dois aspectos.**

3. Eu lembro que uma época, no ano retrasado a gente fazia oficinas e tinha dificuldade de trabalhar com essas crianças e até a gente não aceitava muito elas na sala. A gente não tinha toda uma compreensão, todo um contexto, e a gente via que essas crianças se sentiam rejeitadas e a gente não percebia que essa rejeição vinha da gente isso, que nós estávamos rejeitando. Até elas vinham pra sala da gente mas já na segunda oficina elas não queriam mais vir. Daí agora não, elas conversam contigo, **elas percebem que elas tem alguma deficiência, mas que isso com o grupo, com os demais consegue superar.** A questão da proposta popular, vejo pontos positivos e negativos. Eu vejo que o “povão” nesta escola tem mais acesso, os pais veem mais, as crianças se sentem mais felizes. Eu acho que esta proposta contribui mais. Por exemplo, essa questão do avanço progressivo. Eu vejo alunos que não tem condições de estar numa turma de nove anos, questão dos saberes, do conhecimento, das dificuldades de aprendizagem, e pela idade eles passam, eles só vão reprovar no final do ciclo quando vão pra essa turma de progressão. Eu acho que teria que ter uma flexibilidade. Eu concordo com a progressão, mas acho que não devia deixar acumular, deveria ter alguma organização dentro daquela série em que ele está. As oficinas ajudam, mas temos muita dificuldade, assim numa turma de 22 alunos tenho dez que eu posso dizer que não tem dificuldade e doze, ou é na matemática, ou é no português. Então esse ponto que eu acho que deveria ser reestruturado. É uma discussão que estamos tendo. **O que eu acho melhor nessa proposta é a questão que você parte da realidade do aluno. Você não chega por exemplo, falando dos vulcões, se o aluno não tem conhecimento dos problemas com o solo dele. Então acho um ponto legal da proposta. Eu vejo assim: com as crianças ditas normais, elas tem uma dificuldade de cognição a nível macro, micro... e uma criança com NE eu acho que é mais complicado ainda se você não começa a trabalhar o eu próximo dela, a família...** Então eu acho que essa proposta para as crianças com NE só veio a contribuir. Hoje a gente pode dizer que trabalha tranquilo, mas foi difícil, foi complicado... Eu sinto que hoje consigo fazer essa integração com as disciplinas. Que não é só aquele conteúdo da

fala, que você pode fazer outros desdobramentos e além... Algumas coisas tem que avançar, mas esse ano posso dizer que estou mais tranqüila.

4. **Acho que tem que ter os dois momentos: um espaço específico pra elas, tem que ter um professor referência.** Claro que assim aqui nós temos professor de dança, professor de educação física e eles criam laços, agora, tem momentos que eles não querem nem dar a mãozinha pra gente então tem que ter o espaço deles. Acho que nas outras atividades estar junto. Acho que teve uma evolução boa nisso.
5. **Acho que sim.** Eu acho que essa questão da valorização das crianças. A criança se sentir valorizada no espaço em que está. Por exemplo, minha turma eu não tenho faltas, não tenho problema de frequência, e só tenho um aluno, de nove anos, que está envolvido com drogas, que ele falta. Foi feito todo um trabalho com a família, com o conselho tutelar, com psicólogos, mas ele já há quatro anos é encaminhado para conselho tutelar. Mas não tenho problema de frequência porque eles se sentem bem aqui. Chuva, frio... eles deixam a casa pra vir. Então acho que eles se sentem valorizados. É a importância da escola para eles.
6. ...
7. **Eu acho que sim,** só que tem momentos... Uma mãe de um aluno veio aqui e falou mais ou menos “Vai ter aulas para os louquinhos?” Uma mãe dos alunos dela. Então é claro que tem, mas é uma. **Eu vejo assim, até falando com alguns pais que vem. E esses dias eles vieram e assistiram uma apresentação da turma da Miriam. Eles se encantaram. Teve uma mãe que disse “Nossa, como eles são capazes!”.** Então eu acho que a comunidade está percebendo que eles são especiais, eles são diferentes, mas que eles tem que ser tratados como toda criança. Momentos que eles tem que ser tratados um pouco diferentes, mas é uma necessidade, mas não que eles são totalmente diferentes.
8. Olha tem momentos em que a gente tem vontade de chutar o balde né. Quando você vai por exemplo, fazer uma atividade com o aluno e você vê que ele ainda tem dificuldade na escrita na interpretação, na oralidade... mas que depois você faz um determinado trabalho

mais próximo dele e ele consegue mostrar pra você que ele conseguiu aprender. **Acho que mudou.** A questão do tradicional, a gente se detinha muito na questão do comportamento, caderno bonito porque o aluno que tinha o caderno organizado e bonito é porque ele sabia. E hoje não. **Mudou essa nossa visão de que todo aluno tem que ser igual , todos são perfeitos. E não é assim a gente tem diferentes alunos e níveis e a gente tem que aprender a trabalhar com essas diferenças né.** Sejam elas sociais.. porque a gente é professora, psicóloga, mãe, dentista, um pouco de tudo. Porque na escola tradicional você era professor, eu trabalhei pouco tempo na tradicional, mas era assim. E eu converso com algumas colegas do Estado e o estado está começando a trabalhar como a gente...

9. **Acho que não. As vezes digo pra Miriam: Eu não conseguiria trabalhar com tua turma, mas a gente aprende. Mas eu digo que não me sinto preparada porque as vezes você se depara com um aluno que tem alguma dificuldade e você ... você pensa meu Deus do céu eu não sei mais o que fazer com esse aluno. A gente sugeriu nesse ano, no primeiro encontro com o pessoal da secretaria, que os encontros sejam formadores pra gente também. Enquanto a auto-estima da gente. A gente precisa disso. Muitas vezes a gente diz: “a auto-estima do aluno é baixa” . Mas a nossa também. Então acho que a gente tendo uma formação pra gente. Não só formação pedagógica e didática, mas pessoal também. Acho que iria contribuir mais pra gente conseguir superar essas dificuldades e saber trabalhar essa diversidade em sala de aula.**
10. **Tem o planejamento uma vez por semana, as oficinas, as atividades recreativas, os momentos como carnaval, páscoa. E essa troca no momento do planejamento...**
11. **Acho que a gente já está bem... é assim: “Ah! Eu tenho uma sugestão”. E a colega concorda. Essa cooperação, esse momento de planejamento coletivo que a gente tem. Esse é um outro ponto positivo: a troca de experiência. Não é porque eu sou formada em história que eu só vou preparar, vou pensar história. Isso é interessante. O professor de matemática estar sugerindo atividades de ciência...**

12. **É o mesmo tema gerador, mas a Miriam vai adequar a turma dela. O que chamaria a atenção deles...**
13. Eu vou dar um exemplo do ano passado. Eu tinha uma turma de nove anos também. Uma turma maravilhosa, esse ano também. Mas maravilhosa na questão do conhecimento, da responsabilidade, do respeito. Esse ano é uma turma que eu encontro mais dificuldade na aprendizagem, mas também é uma turma bem companheira, responsável. **Só que a questão do pensamento crítico, ainda é pouca.** Eles esperam você dar a resposta. Você lança a pergunta, eles não questionam. É claro que tem aquele lado: muitos não tem televisão.. Não quero dizer que a televisão é a única, mas ajuda. Não têm jornal, não têm livros... eles não tem meios pra estudar em casa. Aqui eles tem a escola. E a gente pode perceber pela gente: quanto mais leitura tu faz melhor é seu conhecimento. Acho que isso é um ponto falho. Eles ficam aqui só quatro horas né. É muito pouco. Eu não tenho filhos, mas a gente tem sobrinhos de 6 anos, eles tem um conhecimento de computação, em jogos... Então acho que falta meios... cultura em casa. **A questão da autonomia a gente tem desenvolvido muito bem : “Você pode fazer isso e você não precisa da minha ajuda. Você pode ir para o lanche sozinho” .** Eu não preciso fazer fila para o lanche . Eles sabem que eles tem que lavar a mão, que tem que ter um certo cuidado e que tem que escovar os dentes depois. **Então essa questão da autonomia acho que a gente conseguiu desenvolver muito bem. A participação também, mas o pensamento crítico acho que falta.**
14. **Os pais vêm bastante na escola. Eles participam de associação de moradores, inclusive nós professores participamos desses momentos para a pesquisa. Dos catadores de material reciclado. Esse ano eu não estou muito ligada mas no ano passado a gente participou da renda mínima, do orçamento participativo. Tinham professores que representavam e a gente ia registrando o que a comunidade falava, qual eram as necessidades da comunidade. A gente usa as falas da comunidade como suporte, não só as dos alunos. Eu quando vejo que a .. presidência da... Eu não sei se ela é presidente da associação, mas ela está sempre participando, discutindo, que era a mãe de uma aluna minha que há quatro anos atrás ela não vinha conversar comigo**

porque tinha vergonha e hoje ela fala, pega o microfone e fala com prefeito... Isso é uma evolução. E aqui nesse bairro tudo é perigoso...Mas eu acho que teve uma mudança muito grande e eu acho que é graças a essa proposta popular que abriu assim esse espaço, de você por sua angústia, de brigar, de xingar de não aceitar...

**15. Eu vejo que nós somos valorizados nesta proposta [popular].** Não financeiramente, mas isso não é um problema só de Chapecó. **A gente tem um espaço pra dizer assim: “eu não gosto”, “eu não quero”.** Eu não sou do PT sabe? Essa questão política. Todo mundo tem sua opinião política, mas **eu vejo que essa proposta me ajudou assim... a mudar a minha visão, a ver o diferente, a aceitar o diferente.** E eu quando não aceito, quando tem alguma coisa , eu chego e digo “Não quero, não está legal” Mas ao mesmo tempo você tem que estar vivendo esta questão. **Eu acho que tem as falhas, mas tem mais pontos positivos nesta proposta. Você se sente mais a vontade. Tu tem uma colaboração**

**Nome ? PC3**

**Idade ? 32 anos**

**Formação ? Graduação em pedagogia**

**Função ? Professora de progressão de segundo ciclo**

**Tempo de exercício da função ? 10 anos**

**Tempo de exercício nesta escola ? 1 ano no CAIC**

1. Acredito que sejam **crianças que precisam de um atendimento diferenciado dos outros** né. Você tem que olhar pra eles, não considerando eles incapazes de fazer , mas olhar de uma maneira em que você precisa sugerir varias alternativas pra que eles consigam aprender. Tem crianças com NE que demoram mais tempo para se apropriar de conhecimentos que as vezes as outras crianças normais se apropriam mais rápido.
2. Nunca pensei nisso... Primeiramente acho que a gente teria que mudar os prédios escolares porque da maneira que eles foram construídos eles dificultam o acesso dessas

crianças. Uma segunda colocação: **eu não concordo com essa criança estar colocada junto com outras crianças ditas normais. Porque aqui no CAIC é legal, eles tem a turma deles, eles participam das atividades junto com os demais alunos, mas tem o espaço deles** . Porque por exemplo, a gente vai para uma turma de segundo ciclo.. Como o Vagner, ele tem uma dificuldade... Mas , da maneira dele, ele está acompanhando. Mas tem outras necessidades, que eles não vão conseguir acompanhar. Eu acho que dificulta tudo na sala de aula. Acho que dificulta a atenção porque eu acho que as crianças precisam de uma atenção voltada para as necessidades delas e as vezes um professor com bastante alunos na sala não consegue fazer isso. **Eu acredito que uma coisa não pode separar da outra. Acho que os dois.**

3. **Eu acho que é maravilhoso** porque eu vejo o Vagner na sala, os colegas tentam ajudar ele. Eu vejo a educação popular como uma educação que está realmente preocupada com a inclusão de todos. Essa tentativa da progressão que é um espaço que eles tem um maior tempo para se apropriar daquilo que eles não conseguiram se apropriar junto a outra turma.
4. **Sim, um espaço de sala de aula.** Tem momentos em que elas conseguem estar integradas. Eu acho que elas precisam desenvolver atividades junto com as outras crianças, mas... eu acredito que tem que ter um espaço individualizado deles.
5. Eu vejo que na minha progressão eu tenho alunos que tem dificuldades em matemática, com dificuldades na construção de textos, alunos com dificuldades em gramática... **Eu faço atividades diferenciadas.** E eles trabalham em grupos conforme essas dificuldades.
6. **Eu vejo que com a educação popular a gente tem outras alternativas. Materiais diferenciados , as oficinas... no Estado a gente não tinha. La a gente não dava conta e reprovava.**
7. **Eu não acredito que eu possa dizer que estou preparada porque cada caso é um desafio. Cada caso é uma barreira que a gente tem que derrubar.**

8. ...

9. **A gente tem o momento da quarta-feira que é o momento coletivo.**

10. **A gente está buscando conteúdos que tem significado, que vão de encontro àquilo que a criança tem de necessidade.** Não é fácil. Se você não se dedicar, você acaba fazendo como na escola tradicional. Mas esse coletivo da educação popular não te deixa desamparado, com aquela angústia., Eu vejo que o coletivo ajuda a aliviar essa barra.

11. **Eu acho que a gente acaba pecando um pouquinho em termos do aluno avaliar o professor. Acaba mais o professor avaliando os alunos...** Eu vejo assim, na minha turma, dependendo do que você propõe, eles tem interesse em algo que não era tua direção, a gente procura adaptar...

12. **Eu acho que essa parte, na minha turma está falha também... Os pais não vem com freqüência na escola, só quando você realmente chama e mesmo assim tem alguns que trabalham e que não aparecem na escola, nem na entrega da avaliação.** Talvez esteja faltando um trabalho que motive eles a virem. A mãe do Vagner também vem pouco.

13. Eu vejo assim : **dependendo do conteúdo que a gente trabalha tem crianças com visão bem críticas...** dois ou três alunos que conseguem estar relacionando não só com a realidade mas o fato mais amplo e estar questionando. Nessa turma eu tenho de 12 a 16 anos. Eu tenho alunos de 15 anos que tem uma infantilidade muito grande. **Eu tenho dificuldade em trabalhar essa autonomia deles** porque nem todos tem essa autonomia. Outros precisam de orientação até para estar trabalhando com disciplinas separadas no caderno se não faz tudo junto...Porque quando a gente tira uma fala da rede, nem todos os conteúdos a gente consegue..

14. **Saindo daqui eles vão para o Victor Meireles...**



**15. Acho que eu não vou saber te dizer sobre isso porque eu estou trabalhando meio período e não consegui ainda ver o todo da escola.**

**16. Na formação. Se de repente viesse uma criança cega para minha classe eu entraria em pânico porque eu não tenho formação pra lidar com uma criança assim.**

## **Professores atuando com alunos portadores de NEE - CAIC**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Tempo de exercício da função ?**

**Tempo de exercício nesta escola ?**

1. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
2. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares ?
3. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
4. É preciso ou não propor um espaço de educação específica às suas dificuldades ? Que forma você daria para este espaço ?
5. Você acha que a « escola popular » leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que ? De que maneira ?
6. Você tem o sentimento de que essa conjunção « escola popular/inclusão » mudou a tua prática profissional ? Se sim, por quê ? Em que ?

7. Você se sente preparado(a) para responder às novas exigências educativas e pedagógicas consequentes ? Se sim, por que e como ? Se não, porque ?
8. Que formas tomam tua colaboração com os outros profissionais que atuam com essas crianças ? Quais são, no teu ponto de vista, as dificuldades e contribuições essenciais nesta colaboração?
9. Quais são as formas que esta colaboração toma com os outros professores na interdisciplinaridade ? Quais são, para você, as dificuldades e as contribuições essenciais nesta colaboração?
10. Na tua pedagogia, a prática dos temas geradores se modificou com a vinda de crianças portadoras de NEE ? Se sim, porque e como ?
11. Como você concebe e coloca em prática a dialogicidade na avaliação ?
12. Como está, no teu ponto de vista, a dialogicidade com os pais dos alunos NEE ? Quais limites ? Quais recursos ?
13. Como você analisa o progresso desses alunos em matéria de pensamento crítico ? Em matéria de autonomia ? De participação ?
14. De que forma a escola popular assegura a continuidade educativa para essas crianças ? ( progressão em ciclos, futuro depois da escola... ) ?
15. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas com NEE que você estimaria ligada à ação desta escola ?
16. Quais dificuldades você encontra (ou tem encontrado) na efetivação do projeto de uma escola popular aberta à todos?

17. Escreva aqui livremente outras observações ou complementações que você gostaria de fazer (caso julgue necessário) com relação à entrevista :

## Respostas:

**Nome : PEC1**

**Idade : 37 anos**

**Formação : Graduada em pedagogia**

**Função : Coordenadora pedagógica e professora da classe especial**

**Tempo de exercício da função :**

**Tempo de exercício nesta escola :**

17) Olha, especial é **aquilo que é realmente especial, uma prioridade** e que a gente busca uma forma de superar aquela dificuldade. É uma prioridade e **merece toda a atenção para ser superada.**

18) **A educação escolar de crianças com deficiência tem os mesmos objetivos da educação de outra criança dita “normal”.** Acho que não é diferente da educação que você pensa para qualquer outra pessoa. Não é porque ela tem uma deficiência que ela não merece ser pensada com todo carinho. Não é por que tem uma deficiência que qualquer coisa serve. Sendo assim as atitudes de inclusão são fundamentadas, para garantir uma educação de qualidade para todos. A escola não pode adaptar-se à deficiência, mas desafiar-se a vencê-la. **É possível trabalhar os dois aspectos,** respeitando e desafiando a superação dos limites. **Acho que é fundamental que se tenha os dois.** Nós temos alunos que a necessidade no momento é a socialização. Conviver com os colegas sem bater, sem empurrar. Mas tem momentos também que a parte pedagógica, sistematização. A gente consegue fazer. Bem individual. Mas a gente consegue fazer. Lógico que respeitando aquele limite que eles tem. Por exemplo: tem um aluno que eu consigo fazer atividades pedagógicas com ele por 45 minutos. Mais do que isso não dá. Então não adianta querer preencher a manhã inteira com atividades pedagógicas. Garantir a matrícula para cumprir a lei não basta (socialização) é preciso garantir os saberes escolares (todos têm direito de ter acesso a ela. Caso necessário, ajustes curriculares devem ser feitos). O ser humano se constrói a partir das interações sociais, então cabe à escola propiciar a troca de saberes entre os alunos/professores, sendo eles “especiais” ou não, para que ocorra a construção

do conhecimento. Isto não significa que quando necessário para o aluno que ele fique sozinho com o professor, para trabalhar questões específicas.

19)...

20) Eu acho que você tem momentos que pode colocar em classe normal e acho que tem determinados momentos que são deles. **Eu penso que o ideal seria se a gente conseguisse todos o tempo todo juntos.** Só que até chegar nisso muitas coisas tem que mudar: desde a formação dos professores, com os colegas que eles estão, desde o número de alunos numa sala de aula. **Temos 28 alunos... é bem difícil.. Nós já tivemos, mas você não consegue desenvolver um bom trabalho. Nós temos alunos como o 'V'. Ele ficou um período que nós achamos, nós, ele, a escola, a mãe que ele foi superando as dificuldades que tinha. Agora ele já está superando as dificuldades que tinha, já consegue acompanhar a turma. Se ele estivesse lá desde o início, ele não conseguiria ter resolvido aquelas dificuldades. Assim como temos uma aluna que a família e ela acharam, avaliaram que ela conseguiria acompanhar a turma de jovens e adultos, o EJA , e ela está lá**

21) **Sim.** A partir do momento que ela propõe alternativas para superar as dificuldades dos alunos, adequando o trabalho pedagógico de forma a atender a todos. Existe um trabalho de valorização do sujeito. Não é só o saber escolar, só o pedagógico. A gente leva em consideração várias coisas. Por. Exemplo, eles se organizarem na sua higiene pessoal. Na questão de se alimentar sozinho. O ir e vir para a escola sozinho. A autonomia. A gente leva em consideração tudo isso. A gente leva em consideração aquilo que ele foi conseguindo aos poucos. Antes quando a gente tinha a seriação, eles acabavam reprovando, ficavam vários anos na mesma turma e não era levado em consideração aquilo que ele tinha evoluído em outras áreas. E agora, desta forma a gente valoriza todo o desenvolvimento que ele teve.

22) **Acho que o fato de pesquisar, tem que desafiar os professores. Neste sentido mudou.** Ainda tem algumas coisas para mudar, mas quando você tinha aqueles conteúdos já

estabelecidos, você ficava naquilo a vida toda e **na escola popular e na educação especial é uma pesquisa constante** porque todos os dias acontecem coisas diferentes na sala de aula e você tem que pesquisar, buscar alternativas, coisas que você pode mudar no fazer pedagógico.

23) **É difícil afirmar que estamos preparados** para as novas exigências educativas, principalmente na questão educação especial, porque as instituições de ensino superior contemplam parcialmente esta questão. Sendo assim, é preciso todo corpo docente busque formação nesta área bem como estar atualizado as novas tecnologias. O caminho é a capacitação e a pesquisa constante.

24) **Nós temos aqui na escola um coletivo que colabora com tudo. Desde a organização da roupa dos alunos que vão nas piscinas** porque sabemos que se mandar pra casa não vai ser feito. Não é generalizar, algumas mães até vão fazer, mas num dia de muita chuva. **Então existe essa organização e essa colaboração. Participação das oficinas e discussões em geral sobre educação especial.**

25) **Os planejamentos são coletivos, uma vez por semana.** Aí você planeja as aulas e daí você vai adaptando. **A gente faz também as oficinas. Se a dificuldade do aluno é o português vamos fazer uma oficina de português. Dividimos os grupos, nos organizamos. É tudo em grupo. Temos também oficinas de jogos, de pular corda...** Uma dificuldade que a gente tem é que professores não se desafiam quando eles tem na sala um aluno com NE. O desafio de achar que não é capaz. “Ah! Eu não consigo!” Eles tem uma resistência não ao aluno, mas de acharem que não são capazes. Sinto que ele não consegue ver o aluno como um sujeito se desenvolvendo. Ele só vê o pedagógico. Ele fica bloqueado.

26) ..

27) Nós temos alguns alunos que participam do Conselho Escolar. Algumas reuniões são feitas na sala de aula e eles colocam o que querem mudar. Os alunos também tem muita

autonomia para dizer o que querem ou não fazer, por ex. Mídia. A gente as vezes faz uma sessão de cinema. Eles não gostam, então procuramos fazer de outra forma. Só com uma parte da turma...Mas acho que a gente tem falhado um pouco nesta questão. De não ter feito mais um coletivo...**No momento da avaliação a gente tem esta coisa de todos falarem, mas precisaria mais.**

28) **Construímos um bom relacionamento com os pais na sua maioria todos participam das reuniões e tomadas de decisões.** A gente convida os pais. No ano passado eu tinha colocado como meta uma reunião por mês com os pais. Funcionou bem, este ano, por sugestão dos pais, a gente está fazendo bimestral. Mas depende muito do que está acontecendo. **Eu tenho muito contato com os pais** porque eles vem pra escola com os alunos e a gente conversa. Procuramos fazer reuniões bimestrais com os pais para mostrar o trabalho realizado e pedir sugestões. A mãe de um aluno acompanha seu filho na escola e nas atividades extra-classe.

29) ...

30) **Nós temos a EJA.** O que nós pensamos é que já temos alunos que saíram aqui da escola e estão acompanhando bem. Mas na rede municipal nós não temos o ensino médio né... O que estamos pensando é acolher o aluno aqui no ensino fundamental até os 21 anos. Mas estamos avaliando. Antes você não podia passar este aluno de série e ele acabava repetindo, repetindo. Muitos alunos não saíam da primeira série. Hoje vemos muitos destes alunos por aí, na rua, não estão na escola... então acabavam desistindo da escola regular, ficaram um período na APAE e acabaram em lugar algum... Porque era por lei que a criança permanecesse na escola até os 14, depois como não tinha mais essa obrigatoriedade, os pais... E também os alunos não tinham mais motivação. **Hoje a gente percebe que aqui eles vem motivados. Não tem quase faltas...** Porque antes muitos não se sentiam bem sendo adolescentes no mesmo espaço das crianças... Ou quando estava numa turma onde não estava acompanhando. Temos cursos de informática extra-classe e estamos pensando em outros cursos extra-classe. **Quanto a vida escolar, eles poderão permanecer na escola até 21 anos.** Foi reorganizada a formação dos ciclos, ou poderão



freqüentar a EJA. Nós, a escola se organizou de uma forma. Quero dizer esta escola se organizou desta forma. Temos autonomia para organizar de acordo com a realidade da comunidade. Por exemplo, as atividades de equoterapia e hidroterapia. Nem todas as escolas tem esta opção. Em outras escolas a família leva a criança, fora do horário de escola para outros atendimentos. Nós já tentamos isso mas não deu certo porque na realidade da nossa escola a família não vai levar. A família não leva, a família não faz né.. Algumas pessoas. Então a escola se organizou de uma forma que viabilize estas atividades. Como temos também a questão com a APAE. A família optou por ficar com os dois atendimentos e nós organizamos os horários. Porque antes eles acabavam repetindo atividades, alguns alunos com medicações fortes de dormir, então agora nos coordenamos com a APAE para isso. Os obstáculos são financeiros.

31) O que predomina a meu ver, no olhar das pessoas da comunidade é o sentimento de “piedade”, mas acredito que aos poucos este olhar muda. As pessoas tem pena. Pelo fato da comunidade ter um índice bem elevado de baixa escolaridade, **eu percebo que eles não vêm o aluno com deficiência como um aluno capaz de adquirir conhecimentos.** Tanto que temos um aluno mais agitado e quando ele passa pelos outros os outros recuam né... Ainda vemos isso.

32) Pensar a educação vai além do pensar o pedagógico, passa pelo campo da economia e também do social. **É difícil efetivar o projeto de escola para todos (educação especial) quando a lógica do mercado de trabalho é o individualismo e a competitividade.** Estamos organizados (escola) de forma a atender necessidades especiais das crianças com necessidades educacionais especiais. A escola tem obrigação de prover os serviços de apoio. Ex: Equoterapia, onde a escola acompanha e organiza as atividades. Flexibilização do horário com a escola especial (APAE). Encaminhamentos aos serviços (SAPS, Psicóloga, Fonoaudióloga). Por exemplo, falando da educação especial, nós temos um menino que é surdo e eu não sei a língua de sinais. Este menino está na escola com a gente. Estamos tentando fazer um trabalho com ele. Daí pensamos porque ele tem que sair daqui onde estão os irmãos dele para ir lá longe na São Cristóvão? Pegando duas conduções... É a escola que deve se organizar para poder atender este aluno. Mas daí

passa pela questão financeira. Teríamos que ter um professor que saiba língua de sinais aqui na escola para um aluno surdo que nós temos. Então passa pela questão financeira. O que a gente tem feito, a gente está encaminhando ele. Ele tem 9 anos, o acompanhamento com o médico diz que é uma surdez severa. A gente percebeu que ele está mais participativo nas aulas neste segundo ano que está com a gente, nesta turma. Ele tenta se comunicar... Algumas atividades como a questão das cores,,ele consegue fazer, mas o que a gente não consegue é a questão da leitura porque a gente não tem... E também a questão da gente enquanto profissional saber a língua de sinais.

**Nome ? PEC2**

**Idade ?**

**Formação ? Graduação em educação física, pós graduação em esporte escolar**

**Função ? Professora de educação física**

**Tempo de exercício da função ? 14 anos**

**Tempo de exercício nesta escola ? 10 anos**

- 1) **São crianças que precisam de uma atenção diferenciada pois seu desenvolvimento não é igual aos outros.**
- 2) Com um professor especializado, espaço e material adequado para atender suas necessidades respeitando as diferenças e estimulando-as a conseguirem se portar diante da vida. **Eu acho que pra classe da Miriam seria sim a socialização. Acho que os saberes escolares pra eles alí vem em segundo plano.** A partir do momento que eles começam a se relacionar, a conseguir conviver com os outros, tudo se torna mais fácil . **Agora para os outros, para a educação em si, eu acho que além da socialização, os saberes escolares são muito importantes porque o mundo está muito competitivo.**
- 3) Tudo depende de como o professor irá conduzir a adaptação ao meio escolar e preparar os demais para recebê-los. Eu acho que a turma da Miriam é privilegiada. Porque **eu na educação física procuro colocar eles juntos. Até para que os outros aprendam a ver**

**eles com outros olhos.** Que eles estejam incluídos ali. Mas não é fácil. Ainda há muita resistência. As outras crianças ainda olham pra eles de maneira diferente né... eles não são mole. Ai! O Eduardo... as crianças tem medo do Eduardo, elas correm porque ele agride as crianças... As outras participam bem, brincam.. Elas já estão bem mais ...Antes eles diziam: “Ah! Professora trazer a turma dos louquinhos não!” Mas agora eles estão brincando juntos. Tem um que já foi incluído. O Vagner está incluído. Ele está participando muito bem junto com os outros. A Marli é uma menina que brinca como os outros, ela participa das brincadeiras, ela compreende... A Clenice tem uma coordenação motora maravilhosa! Fantástica! Então o mais difícil é o Eduardo, a Maiara, da tarde também é uma menina que pouco se relaciona porque ela tem dificuldade pra falar. Mas assim, as crianças ainda tem assim meio... mas já melhoraram muito do que foi e que a gente acha que a turma assim separada rende muito mais do que colocar um lá no meio né...

**4) Se possível acho bom que o espaço esteja adaptado a necessidade da criança, caso contrário, cabe ao professor utilizar-se de meios adequados para as atividades.**

Como não temos grandes diferenças, então a gente brinca nos mesmos locais, nos mesmo brinquedos... Eu gostaria que tivesse coisas alternativas, por exemplo, la na APAE tem tanta coisa diferente: aqueles materiais, aquelas bolonas aqueles colchões... coisas que nós não temos, então a gente brinca com as mesmas bolas, mesmas cordas...Os alunos da Miriam até tem uns brinquedos diferentes ali né.. mas existe muito mais e uma criança especial precisa desses brinquedos diferentes né.. Ainda mais eles que não vão lá [na APAE] né...como eles estão aqui. Mas tudo aqui, que não fique só la na APAE ou só aqui... Aqui o que eu vejo de mais importante até não é eles, mas os outros...que aqueles lá vejam eles... Pra mim a maior importância é isso. Porque daí eles vão aprender a respeitar. Agora **se eles estão lá de vez em quando no meio, é gente diferente, se está no teu dia a dia é gente comum como a gente.**

**5) Nem sempre.** Há um esforço em levar em conta. O projeto de Ed. Especial que o CAIC possui realmente ocorre uma inclusão da criança pois as mesmas recebem uma atenção diferenciada e em alguns momentos interagem com o todo da escola. Mas é difícil pois o

professor não está preparado, as diferenças nas turmas são grandes e não há acompanhamento e incentivo por parte dos pais. A proposta ela é muito boa, a educação popular, o Paulo Freire é o ideal, mas eu vejo que na prática me parece que não funciona direito com crianças. Porque eu acho que a criança não tem maturidade suficiente pra discutir coisas tão críticas... por que são essas falas se tu for ver...

6) ...

7) **Eu acho que com NE eu ainda estou muito fraca** porque eu estou indo com eles na piscina.. eu tive o que? Aprendi na faculdade a dar aula, fazer natação normalmente. Então eu tive que ir em busca de livros. Ir atrás do que vamos fazer com essa “piazada”. Mas eu tento fazer com eles o que se faz com outros. Tipo a gente foi lá no CAPP. Por eu não ser da educação especial, eu trato eles igual então me parece que tenho sempre que estar puxando pra eles fazerem o que os outros fazem e a professora lá disse pra eu ir ver como eles fazem. Ah! Muito devagar, muito parado... As meninas devem me achar meio louca! Eu jogo, mergulho, vôlei dentro da água, sabe? Eu procuro mais essa parte assim... Eu acho que por eu não ser de uma formação de educação especial, eles me parecem muito lentos... mas eu acho que eu tenho que aprender muito ainda. Muito sobre como lidar com eles. Atividade de natação, equoterapia, no lanche coletivo integrá-los, atividades recreativas (gincanas) e oficinas pedagógicas. Nós temos formação pela secretaria, tivemos na semana passada, mas eu acho fraca...Não se discute muito o que eu gostaria de saber...A gente se reúne por um dia ou dois, vai uma equipe de cada escola.. Mas acho que fica muito assim... textos, textos... Eu não tenho assim muita teoria... Não sei...Teria que pensar outras dinâmicas diferentes... Eu não falo muito, eu fico na minha... Não é que eu seja oposição entendeu? É que é oposição sim... ao partido. Então eu não gosto de ficar dando minha opinião, me metendo...

8) ...

9) **Em momentos de oficina, aula de educação física, dança.** Dificuldades : A falta de conhecimento de alguns professores sobre o que é a Ed. Física.Os benefícios são de

discutirmos sempre juntas o melhor das atividades para os alunos. Eu e a Miriam estamos sempre pensando que atividades vamos fazer, as outras também...Estamos sempre discutindo. Acho que a gente tem aqui a turma especial como a menina dos olhos. Quando o Eduardo aprendeu a pular corda eu abracei a mãe dele, a gente ficou tão feliz! Os outros deviam pensar: “Ai que boba!” Mas pra gente isso é o máximo! Então esta turma é muito especial pra gente...

10) **Não, porque com a turma especial a Ed. Física não trabalha tema gerador** e quando estão com outras turmas participam igualmente das atividades. Eu na educação física, eu não trabalho tanto os temas geradores. Eu faço eles se socializarem, compreenderem uma brincadeira, compreenderem um coletivo, aprender a chutar uma bola, a pular uma corda a andar de bicicleta, já é o máximo. Hoje estamos trabalhando esta fala do cavalo. Alguma coisa que eles não podem mais trabalhar . Proibiram as carroças de andar porque eles não respeitam o trânsito. Então é alguma coisa assim que formaria uma cooperativa ... de compreender...Eu na educação física trabalhei o coletivo, eles se unirem, o time ficar mais forte...Mas tem falas que não tem como a educação física entrar, sabe? Eu fujo muito do que é proposto pra minha área. As crianças esperam tanto pela aula de educação física e eu vou ficar la discursando! Não querem. Querem brincar, querem jogar, criança quer ser feliz. Ainda precisamos de muito mais estudo.

11) **Quando levo em consideração as idéias dos alunos, discuto as contradições e retomo o planejamento.** Que seja uma coisa assim : onde todos estejam harmoniosamente se relacionando e discutindo. **Na avaliação, nós um dia tivemos uma turma que estava problemática. Nós sentamos em círculo e aluno por aluno falou.** Deixamos eles falarem de nós. Depois nós íamos retomar e acabamos deixando.

12) Há diferenças conforme o interesse dos pais, mães comprometidas com o avanço das crianças e outras apenas preocupadas em perder os auxílios dados pelo governo. Eu tenho particularmente um bom diálogo com os pais. **Tem pais que participam mais outros menos. Me parece que eles estão mais comprometidos..**

13) **Pouco com relação ao pensamento crítico.** Eu acho que as crianças são muito imaturas ainda, eu acho que lá no terceiro ano do segundo ciclo, antiga quinta série daí é melhor. Mas antes disso elas são muito imaturas, muito “avoadinhas”, falam umas coisinhas e daí eu acho que fica muito nessas coisas e o básico: saber ler e saber escrever... porque tem que saber, porque uma criança que não sabe copiar um texto certo.. Como é que tu vê pensamento crítico numa criança que não consegue olhar e copiar a coisa certa? E eu acho que nossos alunos estão muito fracos nisto. Eu acho que já é próprio da comunidade por ser uma comunidade que em casa, eles não tem acesso a essas coisas... Então não é só a proposta, mas eu acho que está muito deixado de lado. Acho que a gente está assim muito na fala. Fica muita coisa fora. Por exemplo o conhecimento universal digamos. Eu acho que eles ficam muito no mundinho deles. Uma coisa muito teórica. Eu não sei se isso é importante, mas me parece que a pessoa tem que saber um pouco de tudo na vida ...Uma criança me disse lá na quadra assim: “Professora se eu chutar essa bola tão alto, será que eu quebro o céu?” Eu falei: “Você acha que o céu é de vidro?” “E não é professora?” Eu acho que pra idade que eles estão já tinham que ter noção destas coisas, de universo...Daí nós pegamos esta fala e trabalhamos. Mas eu penso e se não tivesse aparecido esta fala, ele ficaria sem este conhecimento? Eu acho que na nossa comunidade as falas se resumem sempre no mesmo. Como é que uma criança vai perguntar algo de química se ele não vê? Acho que nesta parte das falas nós deixamos muito a desejar. Não sei se é a gente que não sabe trabalhar com as falas... Eu que tenho minha filha numa escola particular vejo que ela sabe umas coisas que os daqui não sabem. E porque eles não podem também saber? Eu acho que isso é exclusão. Porque não pode trabalhar o aluno só pensando em vestibular, mas eu acho que também tem que trabalhar o aluno pensando em vestibular. **Com relação a participação aqui é uma escola que leva tudo em consideração. Os professores, os alunos...**

14) **Eu acho que muitas crianças chegam na outra escola municipal vizinha que tem o terceiro ciclo e não acompanham...**Nós acompanhamos um pouco as crianças que tinham conseguido terminar o segundo grau. É muito pouco. Eles param, a maioria das meninas engravidam, já tem família...Na secretaria eles tem mapeado porque foi feito 10 anos do CAIC e foi feito o que aconteceu com uma criança que há 10 anos atrás estava

aqui, então eles tinham alguns nomes, mas eu achei pouco... **Nós tivemos dois meninos que estavam no Banco do Brasil como estagiários... mas eu achei muito pouco... A maioria volta a fazer o que os pais fizeram: se encher de filhos e viver aqui nesta redondeza...**

- 15) **Eu não vejo grandes diferenças.** A comunidade ainda tem que amadurecer muito...Eles são ainda muito preconceituosos. Tem aquela coisa de Deus mandou, entendeu? Ele ainda estão naquelas igrejas dessas que tem aqui no bairro... que a criança não pode jogar bola porque é da igreja...Essas Assembléias de Deus que colocam cada idéia na cabeça das crianças!
- 16) **Eu acho que a falta de comprometimento dos professores.** Professores que não tem amor pelas crianças não dá certo. Parece que a pessoa não dá pra coisa... Eu acho também que as crianças estão muito soltas, tipo assim : Será que se eu for bem vou ter uma recompensa no final? Falta.. Tanto faz como tanto fez! Acho que nota não era exatamente a motivação... mas falta alguma coisa. **Tem muita gente nas progressões.** Eu acho que uma criança que está tanto tempo dentro da escola e não conseguiu ainda... como nós temos lá crianças quase não alfabetizadas, é algo a mais que a educação vai dar conta. E a gente fica martelando ali naquela questão e tentando... Acho que teria que ser alguma coisa diferente. Não sei o que... mas alguém que viesse orientar o que fazer porque com esse sistema de ensino tradicional não dá pra dar conta deles aprenderem alguma coisa. E eu acho que uma das coisa é isso ...
- 17) Acho que a gente tem vontade de ver as coisas acontecerem.. De ver que essas crianças vão ser alguém na vida. Eu acho que eu sofro muito com a realidade que eu estou. Mas eu acho que não é por acaso que eu estou aqui tanto é que estou aqui faz dez anos... E minha missão é aqui. Eu acredito que sou uma pessoa comprometida de fato, de coração. Nem sempre a gente acerta tudo. Eu acho que nossa escola, a direção é muito comprometida, elas buscam muito. São muito de ajudar gente, estão sempre oportunizando... não aproveita quem não quer.

**Nome ? PEC3**

**Idade ? 28 anos**

**Formação ? Graduação em letras**

**Função ? Professora de inglês, segundo ciclo e coordenadora sócio-educativa da jornada ampliada**

**Tempo de exercício da função ? 6 anos**

**Tempo de exercício nesta escola ? 4 anos**

- 1) Necessidades especiais **são pessoas que precisam de maneiras diferentes para aprender ou conseguir fazer suas atividades devido a deficiência em alguns órgãos do corpo**, necessitando de maior atenção por parte de pais, professores e outras pessoas que os cercam.
  
- 2) Eu particularmente acho que deveria ser como nós temos aqui, uma turma especial com uma professora específica que fosse referência pra eles , mas que tivessem outros professores de apoio. Que tivessem psicólogos, terapeutas, alguém que trabalhasse a questão motora com eles. Alguém que trabalhasse a questão da língua com eles, a fluência verbal. Um médico pra acompanhar ... Acho que isso tudo formaria uma equipe que daria suporte para o professor que está trabalhando com essas crianças poder desenvolver neles todas as habilidades. Acho que teria que ter um acompanhamento constante até os 21 anos. Mas é complicado... Não sei porque eu não me vejo dando aula pra uma turma que tenha crianças especiais. Porque mesmo trabalhando aqui, mas é uma coisa direcionada. Se eu tivesse que pensar como fazer a formação de uma turma especial... Não sei se eu teria essa capacidade. O professor deve estar preparado afetiva e pedagogicamente para lidar com as diferentes situações que acontecem no dia a dia, com formação continuada e apoio extra-classe. **É preciso intercalar os dois (saberes e socialização), porém, na minha opinião, o principal é fazer com que a criança sinta-se parte do grupo em que está inserida e construir também** com o grupo consciência de que é importante a participação desta criança nas diferentes atividades propostas e nas brincadeiras do dia a



dia. Que ela não se sinta excluída. Que as outras pessoas também consigam enxergar esta pessoa como parte da sociedade. Que ela não fique isolada...

- 3) **Acho muito importante não só pra eles, mas para as outras crianças também construírem uma consciência que eles também tem que respeitar o outro mesmo sendo diferente, dar espaço para o outro.** Só acho que não deveria ser lá atrás.. acho que a sala deveria estar mais junto das demais. É importante para que aconteça um crescimento integral não só dessa criança, mas de todos os que convivem com ela
- 4) **Acredito que, se não houver um espaço assim, que ao menos os professores tenham acompanhamento pedagógico para também conseguir incluir essa criança em todos os espaços e não somente mantê-la em sala.**
- 5) **Na teoria leva e na prática é que ...** Eu acho que a gente não está preparado ainda para turmas especiais. Acho que falta preparação da gente... saber como lidar...é então levado em conta... quando proporciona o debate e o direito de participação na construção e nas ações realizadas pela escola. Mas as vezes a gente perde a paciência. Eu acho que a gente proporciona à criança várias maneiras dela aprender, tanto no diálogo, quanto na escrita, numa leitura... É muito lúdico, principalmente nas turmas iniciais.
- 6) Eu acho que não consigo mais trabalhar da forma tradicional, acho que a gente não consegue mais distinguir... Eu trabalho numa escola estadual a noite. Com o segundo grau. Apesar da escola estar partindo para os temas geradores, ela ainda não está tão estruturada quanto as escolas populares, mas mesmo assim a gente acaba visualizando aquela proposta para trabalhar com os alunos. Mas **não consigo mais dar aquela aula tradicional...Mudou no sentido de que nós precisamos ouvir mais o outro para a partir daí re-significar a realidade.**
- 7) **Eu ainda preciso de muito embasamento pra isso.** Até a questão da psicologia. Acho que precisa estudar bastante. Apesar da gente estar sempre pesquisando Em alguns casos

sim, mas ainda me falta muito embasamento teórico e até mesmo prático para lidar com algumas situações.

8) **Conversas e informações relacionadas aos mesmos, planejamento coletivo, busca de materiais didáticos, trabalho com pais.**

9) **Conversas e informações relacionadas aos mesmos, planejamento coletivo, busca de materiais didáticos, trabalho com pais** Com os professores não sinto dificuldade. Um dificuldade ainda é a falta de tempo e disponibilidade para conhecer melhor o próprio aluno e as vantagens de conseguir trabalhar com a criança na sua totalidade. Algo que tem avançado muito é o relacionamento entre as crianças que não fazem parte da mesma turma é a responsabilidade de todo coletivo com os alunos.

10) **Eu acho que continuo trabalhando como sempre.** Por ser uma turma que exige uma rotina diferente, todo planejamento é direcionado para que se mantenha a atenção deles. Eu acho que a gente vai crescendo bastante enquanto pessoa, enquanto ser humano a gente cresce muito mas acho que a própria relação com as crianças, a gente se aproxima mais deles. Mesmo sendo nas turmas regulares. Antes eu não pensava a inclusão como eu penso hoje. Acho que eu jamais conseguiria conceber que uma turma de classe especial estivesse na escola. Até pela dificuldade... Mas quando a gente começa a trabalhar, a entender porque eles tem que estar juntos com as outras crianças... A convivência com os alunos, pois diminuiu a discriminação entre as próprias crianças.

11) **Eu acho que eles são muito ouvidos. Os maiores participam mais e conseguem discutir bem mais. Faz com que os educandos se responsabilizem mais por suas ações e assim se construam enquanto sujeitos.**

12) **Ainda há a falta de conscientização e participação dos pais no acompanhamento dos filhos, passando a responsabilidade para a escola. Eles jogam muito a responsabilidade pra escola. Se tem que levar uma criança pra saúde, a escola que**

**resolva. Se tem dificuldades de aprendizagem, é a escola que tem que resolver, então falta esse envolvimento dos pais.**

13) Quando a gente consegue acompanhar as crianças por exemplo do primeiro ano você consegue perceber o avanço que tiveram. Porque **se você proporciona bastante discussão, diálogos com eles, dá oportunidade pra eles se expressarem**, meu Deus! Consegue perceber o avanço deles. Até mudança de atitude em alguns casos que no início tinha muita agressividade, com o passar do tempo você percebe que ele mudou, que ele conseguiu entender.. Outros casos menos. A gente consegue perceber que alguns conseguem discutir até questões do bairro. Porque acontece tal coisa... porque eles não podem participar? Porque eles não são ouvidos? **Observa-se o pensamento crítico a partir do seu posicionamento perante os fatos da rotina diária demonstrando autonomia e capacidade para resolver os problemas enfrentados.**

14)...

15) **Sim, eu acho que com as mães que a gente conversa, com as próprias crianças, eu acho que foi bom esse relacionamento delas. Até porque uma vez por mês tem aqui o encontro dos PPD que são os deficientes físicos aqui na escola. É numa das salas... E aí eles já tratam diferente. Por se acostumarem. Não é como nas primeiras vezes que eles olhavam e era aquele deboche. As crianças estranhando e a gente mesmo estranhando. Eu acho que eles estão conseguindo lidar melhor. É claro que de vez em quando acontece alguma situação de deboche, mas é muito menos. As pessoas, ao menos aparentemente respeitam mais.**

16) **Acho que um maior comprometimento com a escola** porque a gente trabalha, está aqui 8 horas por dia. Mas **precisaria fortalecer mais o coletivo...** Porque a gente trabalha no coletivo, mas na base da pressão. “Vamos fazer as redes temáticas! Vamos estudar!” Se deixar solto não sai. Tem que tem sempre alguém puxando...Porque é claro que dá mais trabalho porque tem que se envolver mais com a comunidade, com o aluno. Tem que estar observando porque que aquele aluno está agindo daquela forma. E as vezes é mais fácil

negar né...”Está brigando porque é um grosso mesmo”. Tem que tentar entender o que está por trás daquela briga.

## Pais de alunos portadores de NEE -CAIC

### Questões :

Pai  Mãe

Idade ?

Profissão ?

Idade do teu filho(a) ?

 F  M 

Escola/classe/ciclo do filho(a) ?

Qual o tipo de deficiência da criança ?

- 1) A quanto tempo você matriculou teu filho(a) na escola popular ? Por quê ?
- 2) Como você concebe a educação escolar do teu filho(a) portador de NEE ? Deveria-se, na tua opinião, privilegiar para ele o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Ou seria o caso de dar prioridade aos saberes escolares ?
- 3) O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
- 4) O que mudou, na tua opinião, para o teu filho(a) desde sua entrada na escola popular ?
- 5) Como você imagina o futuro escolar e profissional do teu filho(a) ?
- 6) Você acha que a escola popular pode contribuir para facilitar sua inclusão social ? Se sim, como ? Se não, porquê ?
- 7) Você está engajado(a) em alguma associação ou movimento em prol das pessoas portadoras de deficiências ? Quais ?

8) Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

## Respostas:

Nome : MC1

Pai  Mãe

Idade ? 40 anos

Profissão ? Do lar

Idade do teu filho(a) ? 12 anos  F

M

Escola/classe/ciclo do filho(a) ? 1º ciclo

Qual o tipo de deficiência da criança ? Síndrome de Down

1. Dois anos. Antes ele estava na APAE. Matriculei aqui porque ele tem o problema de fugir. Lá não tem uma professora específica pra cuidar dele né. E lá eles mandaram eu assinar um termo de responsabilidade. Se ele fugisse, fosse atropelado... era responsabilidade minha e junto com eles eles não queriam mais que eu ficasse. Daí perguntei no CAIC e eles aceitaram e viemos para cá.
2. Tenho 3 filhos com ele. Um tem 16 outro tem 4. Meu marido é pedreiro, quase não tem tempo pro 'E' Eu acredito que ele está na fase ainda de criança, ele conversa com os brinquedos, briga com os brinquedos como se ele tivesse quatro anos. Eu acredito que a educação dele, a gente vai dar mesmo quando ele estiver mais velho. Agora eu vejo ele como o 'V', a mesma coisa que o 'V' faz ele faz também. Até quando ele puder frequentar o CAIC e depois se tiver outro lugar para ele. Nunca vou deixar ele em casa sozinho e sempre quero procurar alguma coisa pra ele. A socialização.
3. **Eu acho ótimo. Criança é aquilo né... Umas aceitam...** As vezes a gente se ofende, mas tem que pensar no lado bom. As vezes tem um que ofende mas tem quatro, cinco que é uma maravilha. Então a gente tem que pensar o lado bom da coisa. **Aqui no CAIC tem o benefício do conhecimento de todas as pessoas da roda do meu bairro.** Vai que um dia acontece alguma coisa. **Já aconteceu dele sair. Ele saiu quinze para o meio dia de casa . A vizinhança inteirinha estava procurando por ele. Gente que eu nem conhecia mas que me conheciam de me ver caminhando com ele pra ca e pra la. Achamos ele duas**

**horas da tarde. Ele tinha ido visitar um amigo, mas esse amigo morava num outro bairro e ele foi sozinho, não sei como ele foi.**

4. **Vejo bastante diferença. Sempre comento: quando é uma coisa assim que a criança morde ou bate, ele aprende muito isso. Acho que ele tem que conviver com pessoas normais pra aprender coisas boas.** Porque eles aprendem mais rápido o que não presta do que o que presta. Você pode ficar vinte vezes ensinando uma coisa pra ele, ele não aprende. Quando tu está cansada de ensinar daí ele aprende. E se é uma coisinha assim: vai dar um tapa em um, morder um, ele aprende no mesmo minuto. Então ele tem que conviver com pessoas que... Não é que as outras crianças não briguem, claro que brigam! Pulam, batem, fazem de tudo. Só que quando é uma criança com deficiência, se ela bater, fica diferente. O preconceito da pessoa,. Por mais que as pessoas digam, mas tem preconceito...
5. Pra falar bem a verdade, eu quero viver hoje, quando ele estiver grande daí... Não dá pra... Mesma coisa meu futuro, o futuro do meu filho de dezesseis anos, o futuro dos meus irmãos... A gente não sabe! Eu prefiro mesmo a coisa assim... o que vem de bom está bom.
6. **Sim, contribui bastante porque eles levam pra conhecer bastante lugares. Lugares que a gente nem conhecia, a gente foi com eles... Com pessoas que a gente nem conhecia... E as professoras de lá são maravilhosas! Todas elas são umas mães !**
7. Não. Aqui tem mais assim para os cegos... mas para os síndrome de down não.. Todas as mães de filhos com Síndrome de Down deviam se reunir né? Eles dizem que os filhos tomam muito o tempo deles né! Porque eles já tem outros filhos que nem eu: Eu tenho esse, tenho outro de quatro anos e o outro de dezesseis e ainda tenho meu marido né... e tem a casa. Eu faço tudo sozinha, não tem ninguém pra me ajudar. Lavo roupa... Que nem hoje : hoje está tudo lá dentro de casa molhado, eu vou chegar, por tudo lá fora pra secar. E as vezes leva três dias pra secar a roupa, por causa da chuva... Mas a gente se vira!



8. Desde que eu tenho o 'E', hoje eu vejo que a sociedade está aceitando um pouquinho melhor. Tem pessoas maravilhosas que levantam teu astral Ta certo que tem dias que a gente está assim de baixo astral, e qualquer coisinha ... Teve um tempo que qualquer palavrinha que a pessoa me dizia , dava vontade de sorrir .. daí comecei a frequentar a Ex2, a psicóloga, daí comecei a dizer meu lado, daí ela disse assim, que tinha que ver mais o lado que tem mais pessoas boas do que ruim. A Ex2 vai la no CAPP, porque se ele tem um problema assim que a gente não consegue resolver, ela vem até a escola.. As vezes ela vem só por causa do 'E' sabe? Esses dias ele estava com o problema de passar a mão nas pessoas, porque é a questão da sexualidade. Ele tem doze anos ... E ele vai e agarra... Daí ela veio e a gente conversou . Eu conversei bastante sobre isso, como fazer pra ele entender. Conversando, conversando, ele está começando... ele não parou totalmente, mas já começou a perceber... Tem muitas pessoas da minha família que eu já nem vou por que eu tenho sobrinhas e ele já chega e vai passando a mão, e elas não gostam né...

**Nome: MC2**

**Pai**  **Mãe**

**Idade ? 31 anos**

**Profissão ? Comerciante (tem um pequeno mercado)**

**Idade do teu filho(a) ? 9 anos**

F

M

**Escola/classe/ciclo do filho(a) ? 1º ciclo**

**Qual o tipo de deficiência da criança ? Lesão cerebral. Má formação. Tem médicos que dizem que ele nasceu assim. Outros dizem que foi no parto.**

9. Ele começou com quatro anos aqui daí eles encaminharam pro CAPP. Lá ele ficou 6 anos. E agora faz um ano que ele está aqui. Aqui é mais perto e tudo que tem no CAPP tem aqui né.

10. Eu acho que todo pai que tem um filho assim... Eu no começo não admitia né. Eu, meu sonho é ver ele formado e tudo né. Vamos ver com o tempo. Acho que aqui vai até uma

altura e depois vai ter que ir pra outra escola né. Forçar eu acho que não vai levar a nada. Então eu acho que deve deixar ele aprendendo conforme vai né. Ele vai aprendendo no ritmo dele , não adianta acelerar.

**11. Eu acho bom. Porque ele vai aprendendo outras coisas.**

**12. Mudou porque ele começou a aprender a escrever, a tentar conhecer as letrinhas. Coisa que antes ele nunca fazia. Eu imaginava que ele ia ficar lá até... Assim “Leva pra casa que não tem mais solução”. Aqui ele está aprendendo.**

13. É uma questão que eu tenho bastante medo. Espero que ele vá aprender a ler, escrever e se defender pra vida. Eu queria que ele ficasse comigo mesmo ajudando no mercado.

**14. Sim, em todos os momentos. Porque eles estão juntos, tem passeio, estão fazendo um monte de coisardas... sempre se enturmado nunca excluindo, né?.**

15. Nada. Pra mim é bastante complicado né. Sozinha em casa, com um bebe pequeno, fica mais difícil. O marido trabalha fora, sai seis da manhã, chega sete da noite.

Nome: MC3

Pai  Mãe

Idade ? 58 anos

Profissão ? Do lar

Idade do teu filho(a) ? 16 anos  F  M

Escola/classe/ciclo do filho(a) ? 2º ciclo

Qual o tipo de deficiência da criança ? Síndrome de Down

1. Faz tempo, desde começou o CAIC. Eu precisava trabalhar e eu não tinha com quem deixar ela. Daí eu falei com a dona Marisa e ela colocou ela aqui pra mim. Daí depois encaminhou pra APAE... Ela vai quase todo dia na APAE a tarde.

2. **Eu acho que com o tempo ela vai mudando e vai aprendendo, porque um tempo atrás ela era assim bem mais revoltada, e ela está mudando. A socialização.. Porque a pedagogia, o aprendizado eu não estou tendo nada.. é assim mais o desenvolvimento dela. Saber se comportar...**
3. Eu não sei, eu acho que ela se dá bem com todo mundo aqui. **Eu acho que ela tem que começar a se entrosar.** Eu, pra mim não tem diferença. Eu tenho seis filhos, ela é a mais nova. As vezes ela levanta da cama, porque ela dorme comigo, e ela levanta da cama e vai na cama dos irmãos olhar, ver se eles estão em casa. E se eu digo qualquer coisa pra eles, ela diz: “Não briga com meus irmãos!”.
4. ...
5. **O futuro dela eu acho que ela vai se desenvolvendo, se entrosando... vai melhorar. Assim na socialização. Trabalho? Aí seria complicado... Quem sabe com o tempo ela se inclui no mercado de trabalho... Porque ela já tem dezesseis anos, e se ela fosse normal já estava entrando num trabalho...Eu acho que vai ser difícil.**
6. **Acho que sim, através dos professores porque ela está com eles... onde eles vão...**
7. Não. Eu sou líder da pastoral da igreja católica. Eu ajudo a pastoral...
8. Eu espero que a ‘X’ continue melhorando cada vez mais através dos professores.

## **Alunos ditos « normais » - CAIC**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Escola/classe/ciclo ?**

- 1) Como você vive o fato de estar junto com colegas com deficiência na tua escola ?
- 2) Conte-me um bom momento que você passou com eles.
- 3) Conte um momento « desagradável » ou que não foi bom com eles
- 4) Você conversa sobre isso com teus pais ? Se sim, o que eles dizem ? Se não, por que ? E com teus colegas ? Se sim, o que dizem eles ? Se não, por que ?

## **Respostas:**

**Nome ? ARC1**

**Idade ? 12 anos**

**Escola/classe/ciclo ? Progressão segundo ciclo**

- 1. Eu acho bom porque a gente brinca de vez em quando.**
- 2. Quando eu estava jogando volei no ginásio que nós fizemos uma rodinha de três daí depois que nós saímos ninguém ganhou.**
- 3. Quando a AC1 e a AC2 brigaram por causa de piá.**
4. ...

**Nome ? ARC2**

**Idade ? 13 anos**

**Escola/classe/ciclo ? Progressão segundo ciclo**

- 1. Eu não acho nada. Amigos. Teve uns que já foram estudar na nossa sala nós demos bem com eles. A gente brinca na física.**
2. Só que a gente estava jogando bola.
3. Quando ele apanhou aquele “piazinho” lá que saiu. Ele derrubou lá a casinha.
4. Meus pais , eu não falo nada.

## **Alunos com NEE - CAIC**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Tipo de deficiência :**

**Idade ?**

**Escola/classe/ciclo ?**

- 1) Em qual escola você estudava antes ? Porque você veio para esta escola ?
- 2) O que é que mudou para você desde que você está aqui ? Na tua opinião, por que ?
- 3) Qual profissão você quer exercer no futuro ? Porque ? O que dizem a esse respeito teus pais, irmãos, professores e colegas ?
- 4) O que você gostaria de mudar na tua escola : com relação aos professores, , colegas...  
Porque ? ...

## **Respostas:**

**Nome ? AC1 (Aluna de PEC1)**

**Tipo de deficiência :**

**Idade ? 15 anos**

**Escola/classe/ciclo ?**

1. Estudava na APAE e ainda vou lá. Porque aqui eu já sei quase ler e escrever. Porque eu tinha que vir pra cá por causa do meu cérebro. Daí eu tinha que estudar em dois colégios.
2. **As amizades com as pessoas.**
3. Eu quero ser médica porque eu acho lindo . Eu vejo ali na sala e vendo assim da vontade de ser médica. Médica de gente grande. Minha mãe diz que precisa estudar muito pra ser médica. Meu pai diz que tem que pagar faculdade, que tem que fazer um montão de coisas...
4. **Sei lá, mudar o lanche, a sala de aula. Eu mudava a sala de aula da PEC1, eu colocava mais pra lá porque é ruim quando chove. Com os colegas eu queria assim : Uma vez aconteceu comigo né..As meninas escreveram uma carta e falaram que fui eu que escrevi e a professora me pegou. Daí eu fui pra secretaria. Daí eu falei que não... foi a 'C'... Eu queria também mudar a educação física, o ginásio, pôr mais um rádio lá.. tem um rádio que não funciona direito, não tem botão...**

**Nome ? AC2 (Aluna de PEC1)**

**Tipo de deficiência : Síndrome de Down**

**Idade ? 16 anos**

**Escola/classe/ciclo ?**

1. Na APAE. Ainda vou na APAE.
2. **Quero ficar aqui. Tem jogos, tem sala de informática...**
3. Professora. Minha mãe é médica...Ela acha bom...
4. **Ter outra sala porque a gente briga...**

**Nome ? AC3**

**Tipo de deficiência : Def. intelectual, leve**

**Idade ? 16 anos**

**Escola/classe/ciclo : Progressão**

5. O primeiro de todos? O primeiro de todos era quando eu tinha sete anos, oito anos eu estudava la no .. o nome dele hoje é Victor , daí depois aqui desde 2000. Por que nós mudamos. Está mais perto aqui. Lá a prefeitura queria abrir a rua daí nós tivemos que sair de lá.
6. **O que mudou? Mudou que aqui aprende mais.**
7. Ou médico ou um jogador profissional de futebol. Médico que é pra salvar a vida das pessoas e jogador de futebol porque tem outros esportes que machucam, esse já não. È equipe. A minha mãe diz que tem que lutar, se não estudar não consegue nada. Alguns querem ser outras profissões. Tem um que quer ser bombeiro, um que quer ser dono de loja .. Daí tem que estudar muito tempo pra conseguir.
8. **Arrumar o colégio. Deixar mais bonito. Colocar cerca nova. Colocar mais guardas.**



**Nome ? AC4 (Aluno de PEC1)**

**Tipo de deficiência :**

**Idade ? 11 anos**

**Escola/classe/ciclo ? segundo ciclo**

1. Antes de eu estudar aqui? Estudava aqui mesmo.
2. ..
3. Militar, por que é bom... eles.. da guerra... Eles falam que é bom... Eu não falo pra professora né...
4. **A sala...** [A sala? Você não gosta dessa sala aqui?] **Eu gosto, mas é que eu queria passar pra outra sala. Pra sala da professora PC2.** [Por que você gosta mais da sala dela?] Porque é bom. Quando eu tinha oficina...eu ia com a professora PC2.

**Nome ? AC5**

**Tipo de deficiência :**

**Idade ? 9 anos**

**Escola/classe/ciclo ? segundo ciclo**

1. No CAPS
2. Hummm...
3. Motorista, porque sim...
4. **Nada...**

**Nome ? AC6**

**Tipo de deficiência :**

**Idade ? 10 anos**

**Escola/classe/ciclo ?**

1. ...

2. ...

3. Não sei.

4. ..

**Nome ? AC7**

**Tipo de deficiência : surdez**

**Idade ? 9 anos**

**Escola/classe/ciclo ?**

Obs.: O outro colega (AC5) veio como intérprete. AC7 veio sorridente participar da entrevista, mas apesar dos esforços dele, do colega e nossos, não conseguimos nos comunicar.

1. Não. Ele estudou em outra escola... (conta o colega)

2. Ele não fala...

**Nome ? AC8**

**Tipo de deficiência :**

**Idade ? 15 anos**

**Escola/classe/ciclo ? Passou da turma da PEC1 para a turma de progressão 2° ciclo**

1. ...
2. ...
3. Veterinária porque eu tenho dó dos bichinhos quando eu vejo gente mal tratando deles. Minha mãe diz que é bom. Em casa eu pouco converso com a mãe e com os irmãos. [Você tem quantos irmãos? ] Tem dois que estão com nós, eles estavam presos. Meu pai morreu quando eu tinha um mês...Daí no velório dele eu estava no hospital internada. É porque quando a mãe estava esperando eu , meu pai tinha dado o primeiro derrame daí eu fiquei com derrame na cabeça.
4. **Nada.** Eu só tenho mais esse ano pra ficar. No ano que vem eu vou pro Victor. **Mas tem umas professoras que são chatinhas** Aquelas que a gente mais gosta, elas sempre vão embora. Ficam as mais ruins. **O ano passado eu estava na progressão, daí eu rodei. Tinha uma professora que era ruim, ruim, por isso que eu rodei. Era uma fera! Ainda bem que ela foi embora. Os alunos dela tinham que fazer em cinco minutos umas dez contas. Se não tivesse acabado ela apagava tudo. Agora eu consigo porque tem um pouquinho mais de tempo daí a gente consegue. Eu não conseguia ler, eu tinha vergonha, agora alí com os outros colegas eu leio. Em casa eu leio bastante também com a mãe.**

## **Diretores da escola São Cristóvão**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Tempo de exercício da função ?**

**Tempo de exercício nesta escola ?**

1. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
2. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares?
3. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
4. Você considera que a « escola popular » leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que e como ?
5. De que forma a escola popular assegura a continuidade educativa para essas crianças ? ( progressão em ciclos, futuro depois da escola... ) ?
6. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas portadoras de NEE que você estimaria ligada à ação desta escola ?

7. Quais dificuldades você encontra (ou encontrou) na construção do projeto de uma escola popular aberta a todos ?
  
8. Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

## Respostas:

Nome ? DIR2

Idade ? 33 anos

Formação ? Pós graduação em ensino fundamental e educação infantil

Função ? Diretora

Tempo de exercício da função ? Professora há 13 anos, diretora há 6 anos

Tempo de exercício nesta escola ? 7 anos como professora, 6 como diretora

- 1. Toda criança ou indivíduo com alguma necessidade diferenciada dos padrões de normalidade.**
2. A educação escolar de uma criança com “deficiência” deve ser concebida como um direito de cidadão objetivando acesso e permanência. Eu imagino uma escola inclusiva onde o aluno venha para a escola e num outro período frequente um serviço de apoio pedagógico onde este seja organizado com propósitos em comum com a escola, com oficinas de aprendizagens, ludicidade, corporeidade, etc...**Os dois aspectos são relevantes**, depende do tipo de “deficiência” que a criança apresentar, por exemplo: para o surdo, acredito que deve ser priorizado a construção do conhecimento a partir da realidade e das áreas do conhecimento. No entanto, com crianças mais prejudicadas como deficiências múltiplas, a socialização e atividades de vida diária sejam aprendizados muito mais significativos.
- 3. A inclusão dos PNE é um processo que deva se concretizar, no entanto acredito que esta criança necessite de atendimento diferenciado**, profissionais habilitados, estruturas arquitetônicas adequadas. Não da forma como vinha acontecendo, onde a criança simplesmente ocupava uma carteira na sala de aula.
- 4. Não só leva em conta como busca formas diferenciadas, metodologias para atender a necessidade específica das crianças.** Por exemplo com a avaliação de forma descritiva o aluno deixou de ser o culpado por sua não aprendizagem, onde simplesmente reprovava

quando não atingia a nota. Hoje ele é avaliado conforme seu ritmo e seu tempo de aprendizagem.

5. **Enquanto educação de surdos temos buscado junto as autoridades competentes (Estado) a continuidade com ensino médio com salas para surdos com professores habilitados.** Nossos alunos freqüentam o horário normal da escola e são atendidos conforme a necessidade por outras entidades como fono, psicólogos...
6. **Sim**, no início da educação de surdos neste espaço, estava muito presente na expressão e ação da comunidade, onde percebia os sujeitos surdos como “coitadinhos” com “ar” de piedade. Hoje observamos que isto tem avançado, mas que ainda precisa avançar mais
7. Enquanto dirigente, percebo que deveria estar mais presente nas ações da comunidade, **ainda a comunidade possui uma visão deturpada do que é educação popular e sua qualidade, ainda tem uma visão de popular, para o povo, então não tem qualidade.**

## **Coordenadores Pedagógicos - São Cristóvão**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Tempo de exercício da função ?**

**Tempo de exercício nesta escola ?**

1. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
2. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares ?
3. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
4. Você considera que a « escola popular » leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que e como ?
5. De que forma a escola popular assegura a continuidade educativa para essas crianças ? ( progressão em ciclos, futuro depois da escola... ) ?
6. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas portadoras de NEE que você estimaria ligada à ação desta escola ?



7. Quais dificuldades você encontra (ou encontrou) na construção do projeto de uma escola popular aberta a todos ?
  
8. Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

## Respostas :

Nome ? COR1

Idade ? 44 anos

Formação ? Licenciatura em pedagogia, pós graduada em pedagogia escolar

Função ? coordenadora pedagógica

Tempo de exercício da função ? 3 anos

Tempo de exercício nesta escola ? 3 anos

1. Pra mim, são as crianças que não conseguem aprender dentro de um currículo dito “normal” imposto pela sociedade.
2. Deveria ser concebido como um direito, mas sabemos que na verdade isso ainda não acontece, em alguns casos de deficiência é tranquilo a criança estar incluída em classes regulares, mas no caso de deficiência múltipla, não tem como, pois as escolas não oferecem condições nem no espaço físico, nem na formação de profissionais e também não possui um currículo diferenciado. **Acho que se deve levar em conta a deficiência que a criança possui, pois no caso dos surdos, cegos e com síndromes leves pode ser trabalhado os dois aspectos, mas no caso de deficiências múltiplas deve-se dar mais ênfase as aprendizagens de vida diária.**
3. **Acho que a criança ganha em conviver com outras crianças, e com isso sentem-se parte do grupo que mesmo não sendo homogêneo**, conseguem conviver em harmonia, mesmo com diferenças nos tempos de aprendizagens, pois cada um aprende de forma diferente, mas isso exige atendimento diferenciado, educadores habilitados, espaços adequados, currículos adaptados que atendam as suas necessidades. Humanização, interação, respeito às diferenças...
4. **Leva, porque procura atender de forma diferenciada as crianças com necessidades especiais, seja na escola regular, em classes específicas, em classes especiais e também apoiando e trocando saberes com escolas particulares e entidades que também trabalham com essas crianças.**

5. Buscando alternativas junto a comunidade e através das autoridades competentes que possam garantir a continuidade dos estudos, no nosso caso da educação de surdos **garantimos o ensino médio a partir do ano de 2005 através de uma parceria entre estado e município.** Também buscamos alternativas junto as empresas locais que oferecem vagas para pessoas com deficiências. Nossas crianças tem atendimento na escola e também fora dela, através de entidades que oferecem serviço de apoio às diferentes necessidades. Elas são encaminhadas a psicólogos, terapeutas, fonos que atendem no Serviço de Assistência psico- social que tem apoio da prefeitura Municipal.
6. **Com certeza,** tanto da comunidade surda quanto das ouvintes, hoje o surdo já não se vê como um sujeito incapaz, dependente, coitadinho que precisa de uma aposentadoria para viver, hoje eles participam mais de todas as atividades e apesar de aprenderem de forma diferente, eles tem todas as condições de levar uma vida normal. Da mesma forma o ouvinte deixa de sentir pena do surdo e com isso consegue contribuir para que todos sintam-se parte do processo, participando e interagindo no grupo.
7. **Precisaríamos de mais políticas públicas que garantam uma escola equipada com materiais, espaços físicos e currículos adequados, formação acadêmica a nível de graduação, capacitação e especificação e formação continuada dos educadores.** A comunidade em geral ainda vê a escola popular como um espaço inferior, que é barato e por isso é do povão e com isso basta oferecer conteúdos mínimos. Mas na verdade a escola popular que temos oferece um currículo popular crítico e não somente popular. Crítico: pressupõe um processo ideológico de humanização a partir de um contexto real em que o sujeito está inserido, organizado num processo democrático e dialógico. Como a história da “Inclusão” vem sendo discutida e amparada legalmente desde a criação, a LDB, nos parece utopia pensar que um dia isso saia do papel e realmente se efetive na escola. Precisamos acreditar que isso é possível e cabe a nós educadores buscar alternativas para garantir a aprendizagem dessas crianças nas escolas, mesmo que seja difícil para alguns admitirem que todos aprendem dentro de suas limitações de forma diferente e em tempos diferentes

## **Profissionais externos atuando com os alunos portadores de NEE**

### **São Cristóvão**

#### **Questões :**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Desde quando no exercício desta função ?**

**Desde quando você atua com crianças nesta escola ?**

1. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
2. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares ?
3. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
4. Você considera que a « escola popular », onde você atua pontualmente, leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que e como ?
5. Que formas tomam tua colaboração com os outros profissionais que atuam com essas crianças ? Quais são, no teu ponto de vista, as dificuldades e contribuições essenciais nesta colaboração?

6. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas portadoras de NEE que você estimaria ligada à ação da escola popular ?
7. Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

## Respostas :

**Nome ? Ex2**

**Idade ? 42 anos**

**Formação ? Psicóloga**

**Função ? Psicóloga**

**Desde quando no exercício desta função ? Há 19 anos**

**Desde quando você atua com crianças nesta escola ? Atuando no SAPS há 2 anos e três meses**

- 1. Entendo NE aquelas de ordem física, emocional e intelectual, associadas ou não, que interferem no desenvolvimento e ajuste do ser humano ao seu ambiente**
2. Eu acredito que não é o dinheiro. Acho que a educação da criança com uma deficiência ou de qualquer criança, passa pelo comprometimento da pessoa que está com ela. É claro que recursos são importantes, mas acho que é bem importante você entender aquela criança e dar para ela o que ela precisa. Suporte na deficiência e de promoção do potencial dela. A questão básica é a criatividade e o comprometimento. Acho que se tu coloca uma criança especial numa sala regular sem um suporte adequado, tu compromete a vida dela, a vida das crianças e da professora que se estressa. Acho que tem que ter um momentos em que ela... Daí depende do grau do comprometimento: Se é uma criança com DM leve, ela vai numa escola regular, tu vai dar um suporte pedagógico e ela vai. Se é uma deficiência moderada, vai ter que ter um cuidado maior, um suporte naquele comprometimento dela e ela vai ter momentos em que ela vai estar incluída. Agora você vai colocar ela pra fazer fórmula. Ela vai sofrer a vida inteira e nunca vai fazer fórmula. Agora ela pode fazer dança, teatro, aprender a ler, fazer uma história, compor um texto. Ela pode viver. Minha preocupação maior é no deficiente severo. Acho que ele precisa de uma proteção. Daí não é segregar, é proteger, cuidar. O que você vai fazer com ele numa escola? É fora do real. Então o discurso tem que ser uma coisa vinda da vivência prática.  
**Eu entendo a educação escolar de uma criança com deficiência como tendo em sua essência o reconhecimento destas necessidades especiais; objetivando trabalhar as dificuldades ao mesmo tempo em que busca aprimorar as potencialidades da mesma.**

**Todos tem direito ao saber, seja escolar ou não. Na situação de sala de aula deve-se ter em vista as possibilidades que a criança está apresentando.** A criança em sua família(ambiente, não caminha até que seu desenvolvimento global permita, da mesma forma, adquirirá na escola (ambiente) reconhecimentos quando também seu desenvolvimento o permitir. O importante, julgo eu, é que a criança esteja num contexto familiar / escolar (social) propício ao desenvolvimento de suas capacidades.

**3. Acredito que as crianças com NE tem o direito de serem acolhidas entre as demais.**

Porém, entendo “acolher” como ter condições de dar a esta criança o que ela precisa para “sentir-se” acolhida e desenvolver. Entendo que o benefício não existe só para a criança com NE, o benefício é para a sociedade que se aprimora ao aprender a lidar e conviver com as diferenças. A criança com deficiência na escola do ensino regular aprende a não ser excluída. Convive com todos os demais, aprende rotinas comuns, estabelece relações com os “não-especiais” enfim, aprende a reconhecer-se no mundo entre os demais. Na escola popular, como o currículo é montado em cima da fala, ela é ouvida. Ali ele é um igual. O banheiro dele também é lá fora, o chuveiro também é frio. Esse conteúdo da fala da classe, ele fala também. A linha de criar o currículo em cima das falas da crianças, aí sim é o saber escolar que vai se adequar. Ele também vai construir junto. Ele também tem a meia furada, pente pra pentear cabelo.. essas coisas da vida.

**4. Minha atuação na escola é um tanto restrita pois participei apenas do processo de criação / organização de classe de alunos com dificuldades especiais. Na escola do CAIC percebi um cuidado em poder entender , em oportunizar um atendimento às crianças com NE dando-lhes um suporte emocional e cognitivo tendo em vista suas defasagens e também incluindo-as em atividades comum a todos: computador, dança, atividades físicas, como os demais. Acho importante ressaltar algo que acho de muito bom senso: as possibilidades de integrar e incluir ocorrem conforme as possibilidades da criança e da escola. Crianças com comprometimentos maiores tem o convívio amparado em alguns cuidados necessários para o convívio harmônico dentro deste ambiente.**

5. **Conhecendo a criança a ser “incluída” colaboro em possibilitar ao professor uma visão desta criança em sua especificidade : defasagens e possibilidades. Auxiliar a entender o mundo emocional desta criança e sua família, no contexto social em que vivem. Colaboro em aliviar as angústias do professor e também em estabelecer com ele (professor e coordenação) uma rede de possibilidades de atendimento a esta criança que extrapola os limites da escola : relação com outras instituições e serviços da comunidade. Ex. a criança e família serem acompanhadas pela assistente social da região a que pertence; participar da hidroterapia em local específico; deslocar para outro local com acompanhamento de outros profissionais para atividade de eco-terapia – isto significa ter uma vivência social, ter movimento, enriquecer seu mundo. Na verdade só consigo ver benefícios pois , na medida em que se atua como mediador no processo de resgate da cidadania, ou seja, ver, entender e possibilitar ao ser humano especial o exercício de ser ele mesmo dentro do ambiente em que ele vive e com a leitura da sociedade de que esta é mesmo a sua função básica estamos conseguindo a igualdade social dentro de nossas diferenças.**
6. **Percebo.** Tem a fala de incluir as crianças de oportunizar coisas. Esse é o discurso. Mas acho que na verdade é a sociedade que está amadurecendo quando ela se abre para olhar para. Modificação no olhar da sociedade é um processo lento mas, na medida em que se encontra pessoas disponíveis em criar alternativas de atendimento e inclusão para as pessoas com necessidades especiais, é certo que um movimento está acontecendo. A primeira mudança ocorre quando a escola abre as portas para incluir um aluno “especial” e dá continuidade a este processo quando ainda, de portas abertas, possibilita o trânsito destas crianças com outras instituições e locais da comunidade.
7. A classe da PEC1 é uma coisa em construção. Ela tem uma clientela muito eclética. Ela tem psicótico, ela tem deficiente mental. Então a gente tem que acompanhar alguns com medicação. Então eu vejo como uma ponte, uma janela porque eles já estão ali dentro e tem uma construção de currículo. Então eu vou lá e a gente discute a questão da relação dessas crianças com o grupo. Ficou numa questão bem claro isso: a porta que a gente



abriu deles pra escola e da escola pra um outro mundo. Não é o mundo todo mas é uma parte. Acompanhar a família na conscientização da problemática.

**Nome ? Ex3**

**Idade ? 26 anos**

**Formação ? Fonoaudiologia**

**Função ? Fonoaudióloga**

**Desde quando no exercício desta função ? Há 2 anos**

**Desde quando você atua com crianças neste estabelecimento ? Há 2 anos**

- 1. Necessidades especiais definem a necessidade de um atendimento mais direcionado e com uma certa especificidade, buscando redimensionar as funções e capacidades alteradas.**
- 2. Eu acredito que incluir numa classe regular é complicado. Acho que falta capacitação dos professores. Eu acho que incluir seria importante porque tem que trabalhar para que eles vivam na sociedade e não isolados. Se fosse possível eu trabalharia as dificuldades numa classe especial para depois incluir no ensino regular. A educação escolar de uma criança com deficiência necessita de atendimento especializado que proporcione o máximo para o seu desenvolvimento intelectual e interação social respeitando sempre as limitações apresentadas por cada criança. Na escolarização da criança com deficiência deve-se priorizar ao máximo a sua “socialização” desde que esta “socialização” trabalhe a sua independência e privilegie a autonomia da criança com deficiência buscando através disso a sua educação dos saberes escolares.**
- 3. Acredito que o acolhimento da criança com deficiência entre as demais crianças inclui quando oportuniza o contato, e exclui a medida que as dificuldades visíveis dificultam e atrapalham a escolarização fazendo com que esta criança se sinta duas vezes ultrapassada. A escola popular traz benefícios na medida em que trabalha com o mundo né. Na pouca experiência que eu tenho com escola nestes dois anos, a escola**

popular pra mim falha as vezes na parte dos conteúdos. Se os pais, a comunidade acaba não colocando no questionário, acaba faltando. É um caminho que a escola está fazendo ainda. Todo ano é a mesma fala, todo ano é o lixo, a poluição... Todo ano eu vejo eles discutindo “Como vamos incluir tais conteúdos?” Quanto aos benefícios, eu acho que ficou mais rico o meu trabalho e o trabalho da escola também, na medida em que a gente caminha junto.

4. **A escola em que atuo semanalmente por duas horas leva em conta a diversidade dos alunos** pois estes com NE recebem o atendimento escolar de acordo com as suas necessidades e capacidades. É claro que sempre observando a idade de cada criança.
5. Eu levo coisas daqui do atendimento para a escola no horário de atendimento, uma vez por semana. As vezes não tem este espaço e fico muito tempo longe da escola. Essa é uma dificuldade. Na escola São Cristóvão há uma colaboração mútua com os professores no planejamento escolar objetivando inserir na terapia o conteúdo trabalhado em sala de aula. A dificuldade maior está na organização dos horários para as trocas com os professores pois não ocorrem com periodicidade, há uma falta de comunicação para isto, já os benefícios são inúmeros pois o trabalho terapêutico fica mais rico e melhor direcionado as reais necessidades de cada criança, já que não é para todas as crianças com objetivo de terapia a aquisição da língua oral devido à vários fatores individuais (aparelho AAI, família, idade, etc.)
6. Eu vejo que a escola faz um trabalho bem legal. Tem parcerias com as empresas. Não sei se está tendo agora, mas a escola busca mostrar o trabalho dos surdos... **Acho que a visão mudou devido a esse trabalho porque quando se divulga a população aceita de um modo mais tranquilo** Como nos frigoríficos aqui são grandes e tem um monte de gente que trabalha lá. Tem um trabalho de inclusão lá pela escola e pela associação de surdos. Então isso faz com que mude o olhar das pessoas Acredito que a comunidade vem aceitando melhor a inclusão das pessoas com deficiência (Ex. S Cristóvão) no mercado de trabalho, no meio social, isto tudo oportunizado através de ações realizadas pela escola

com parcerias com empresas, cursos, divulgação de trabalho realizado na educação de surdos (dia do surdo, encontros c/ outros profissionais da área)

## **Professores que não trabalham com crianças com NEE - São Cristóvão**

### **Questões :**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Tempo de exercício da função ?**

**Tempo de exercício nesta escola ?**

1. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
2. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares ?
3. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
4. É preciso ou não propor um espaço de educação específica às suas dificuldades ? Que forma você daria para este espaço ?
5. Você acha que a « escola popular » leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que ? De que maneira ?

6. De que forma a escola popular assegura a continuidade educativa para essas crianças ? ( progressão em ciclos, futuro depois da escola... ) ?
7. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas com NEE que você estimaria ligada à ação desta escola ?
8. Você tem o sentimento de que essa conjunção « escola popular/inclusão » mudou a tua prática profissional ? Se sim, por quê ? Em que ?
9. Você se sente preparado(a) para responder às novas exigências educativas e pedagógicas consequentes ? Se sim, por que e como ? Se não, porque ?
10. Que formas tomam tua colaboração com os outros profissionais que atuam com essas crianças ? Quais são, no teu ponto de vista, as dificuldades e contribuições essenciais nesta colaboração?
11. Quais são as formas que esta colaboração toma com os outros professores na interdisciplinaridade ? Quais são, para você, as dificuldades e as contribuições essenciais nesta colaboração?
12. Na tua pedagogia, a prática dos temas geradores se modificou com a vinda de crianças portadoras de NEE ? Se sim, porque e como ?
13. Como você analisa o progresso desses alunos em matéria de pensamento crítico ? Em matéria de autonomia ? De participação ?
14. Como está, no teu ponto de vista, a dialogicidade com os pais dos alunos ? Quais limites ? Quais recursos ?

15. Quais dificuldades você encontra (ou encontrou) na construção do projeto de uma escola popular aberta a todos ?

16. Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

## Respostas :

Nome ? PS1

Idade ? 31 anos

Formação ? Pedagoga, pós-graduada em orientação educacional

Função ? Professora de 1º ciclo

Tempo de exercício da função ? 13 anos

Tempo de exercício nesta escola ? 6 anos

1. Eu avalio a NE na escola a gente consegue ver ela **quando a criança não consegue ou apresenta muita dificuldade de estar desenvolvendo a atividade proposta. Dificuldade de memorização.** Hoje sabe, amanhã não sabe, hoje reconhece o alfabeto, amanhã já não reconhece nem as letras do próprio nome. **É uma criança que não consegue abstrair como as demais**, ela até tenta, se esforça, e no entanto não consegue. E nem sempre isto está relacionado à questão do comportamento especial, porque nós temos aqui na escola muitas crianças comportadinhas, limpinhas, arrumadinhas, papai e mamãe em casa , e não conseguem ir pra frente. Da impressão que tem uma coisa que bloqueia ela. Não tem como justificar.
2. **Primeiramente a socialização.** E eu que já trabalhei com turmas de progressão que tinha crianças , adolescentes do primeiro ciclo. Vi crianças que já estavam 6 anos ou 7 anos na escola e a única coisa que conseguiam escrever era seu nome. Mas eu me lembro como se fosse hoje da Elisângela. Quando a gente conversava com ela olhava pra gente, enchia os olhos de lágrimas e dizia : “professora, eu quero ser costureira!” Ela sabia, ela tinha compreendido que ela não conseguia abstrair. No entanto ela sonhava em ser costureira e eu acredito que se ela tivesse um incentivo e se ela tivesse tido oportunidade ela iria conseguir ser a costureira que ela queria ser. E pra ser costureira, você não precisa exatamente saber ler. Você pode fazer as coisas por códigos... Eu acredito assim : Até a adolescência eles vão vindo, mas depois, encaminha pra uma coisa profissionalizante. Pra que eles se sintam parte da sociedade. Pra eles não sejam dependentes de pai e mãe, pra que eles possam se

**auto-sustentar e que tenham clareza do que eles são dentro da sociedade. Só que eles precisam ter pernas pra andar. Porque eles não vão estar numa sala de progressão la nos vinte ou trinta anos, e assim existem muitos adultos que não conseguiram se apropriar da leitura, e no entanto eles tem vontade de ter uma profissão. Por que não ter?**

3. Crianças com dificuldade de aprendizagem, eu acredito que é assim. Até uma certa idade elas consegue estar na mesma sala que os demais. Depois de 7, 8 anos, elas começam a perceber que elas não conseguem acompanhar as atividades, e elas começam a se fechar, algumas, outras se rebelam, se tornam agressivas, não só fisicamente, mas na forma de se relacionar com os outros, uma criança amarga e outros se fecham porque percebem que se diferenciam demais. Até então esta idade tudo bem, mas a partir do momento que ela mesmo percebe, a auto estima dela vai la na sola do pé. Eu percebo que **quando elas estão junto com as outras crianças que andam, não anda o trabalho.** Tivemos no ano passado uma experiência. Uns com dificuldade junto com as outras crianças que andavam que era uma beleza. Elas se sentiam a margem.. Era trabalhado 6 horas aulas semanalmente, separado dos outros. A professora ficava com os 11 que andavam e a coordenadora com os 15 que apresentavam dificuldade. Quando chegava o momento deles irem lá pra sala (separados), que no caso era eu que trabalhava, era uma festa pra eles, porque lá eles conseguiam fazer as atividades propostas. Quando eles tinham que ficar na sala com os demais, eles se sentiam um lixo e travavam literalmente travavam. E daí começou a ter conflito de relacionamento. Porque não é fácil você conviver com aquele que sabe e sabendo que você não sabe. Porque aqueles que sabem, nem sempre compreendem aqueles que não sabem. Acabam debochando, deixando de lado...
4. Eu sonho com uma escola onde tenha todos os tipos de crianças, mas que cada criança seja atendida conforme sua necessidade. Que não tenha que ter uma sala de 25 ouvintes e dois que não ouvem la junto e a professora não dominar sinais. É muito difícil tanto para as crianças quanto para o professor. **Então, uma escola que atenda a todos, mas especificamente atenda suas necessidades. Que tenha momentos de integração, na**

**educação física, na aula de computação, na oficina.** Todas podem estar integradas, mas **tem algumas coisas que são específicas de cada criança.**

5. ...

6. Na verdade não existe um limite para quanto tempo o aluno fica na progressão. Digamos assim: ele fez os três primeiros anos do primeiro ciclo. Ele não deu conta de ler, escrever, somar... ele vai pra progressão. **Ele só vai sair da progressão a partir do momento que der conta disso.** E aí que eu acho que é o grande nó da nossa questão. Porque ainda não se conseguiu encontrar uma saída. **Esse, é pra mim o nó da nossa proposta de trabalho. Não podemos avançar sem ele saber ler e escrever...**

7. **Sim, acho que a sociedade como um todo nunca se deu conta de que tínhamos tantos surdos em Chapecó e a sociedade como um todo nunca se deu conta de que os surdos são pessoas como nós, tem capacidades como nós... tanto que é o auge eles assistirem o grupo de dança. Nossa! O grupo de dança foi chamado por inúmeras empresas... por aí pra apresentarem... porque eles ficam extasiados de verem que os surdos sabem dançar. Se acreditava que os surdos eram incapazes pra tudo! É claro que é uma longa caminhada... mas é um começo.**

8. **Não,** porque essa questão dos surdos estarem aqui, é uma parte do meu sonho porque eles estão tendo acesso ao saber como os demais ouvintes numa escola normal. Então é um pouco do meu sonho. Eles tem momentos com a gente e estão sendo atendidos conforme sua necessidade...

9. **Não, porque a formação que a gente teve foi bastante limitada.** A formação que eu tive foi pra trabalhar com o aluno perfeito. E eu ainda não encontrei..

10. ...

11. ...



12. Não é porque ela não consegue ler e escrever que ela não consegue fazer uma leitura do mundo. Ela consegue. Ela só não consegue ler o que está escrito e escrever o seu pensamento mas ela tem opinião própria. Toda vez antes de você começar um assunto.. você fala da parte do ER, né? Tem a pesquisa, tem a problematização, tal... Neste momento você vai discutir tudo sobre o que você quer estudar, então todos colocam sua opinião, seus pontos de vista, sua opinião. Isso acontece a cada momento que você vai trocar de conteúdo. Digamos assim : hoje eu estava trabalhando com meus alunos a alfabetização, ontem a gente trabalhou o que a gente precisa fazer para ter boa saúde e hoje inverte, o que a gente faz que prejudica a saúde. Então antes da gente esquematizar isso em forma de tema, nós fizemos toda uma discussão, fizemos encenação, puxando la da vida real, pra depois escrever, então toda essa parte que a gente fez de discussão, se a criança sabe ou não ler, ela participou da discussão. E daí depois a gente passa para o OC onde a gente esquematiza o conteúdo, as vezes em forma de texto, de teatro, de desenho.
13. Como as nossas aulas são sempre um ir e vir né... **sempre a gente está em discussão com eles** e a partir do momento que você dá eles um conhecimento bacana, que você propicia a eles momentos diferentes na educação. Que não é só sala de aula. A gente faz muito o sistema de passeio-estudo . A gente vai pra laboratórios, pra emissoras de televisão, nós já fomos pra escola agropecuária. **No momento que você propicia que seus alunos tenham acesso a saberes diferentes, ao mundo da tecnologia e que você dá oportunidade para eles verem, conhecerem experimentarem, se for o caso e que você dá a vez pra ele falar em sala de aula, expor sua idéia e que principalmente você respeita a idéia dela, acho que você está propiciando para que ele consiga formar espírito crítico.** E acho que a gente peca um pouco com os maiores, porque com os pequenos não tem a questão do registro (escrito) ... Nem sempre a gente consegue respeitar a idéia do outro ... a gente gostaria que o outro pensasse como a gente. E quando você pede pra alguém escrever um texto a respeito do que você trabalhou e você visualiza e vislumbra : “Ah, ele vai escreve isso” E ele não escreve e você ah.... fica doido. Daí a pessoa tem que se perguntar, será que eu trabalhei realmente pra que meu aluno fosse um

ser crítico e pensante ou eu quis simplesmente fazer com que ele andasse no caminho que eu penso ser o correto.

14. **Os pais participam na escola quando? No começo do ano...** Porque sempre tem alunos novos e como aqui é por ciclo, é difícil as vezes deles entenderem. Então **eles participam nesse momento.**

15. **Nosso problema está no “aberta a todos”** . Nós estamos rodeados de escolas estaduais. Essas escolas não querem alguns alunos e nós não podemos dizer não. A proposta popular as vezes assusta. Quem vem aqui? A classe popular e filhos de professores... Para as estaduais vai mais uma elite. **Também acho que nossa opinião deveria ser mais levada em conta, nós que estamos na classe. Muitas vezes não somos levados em conta pela secretaria.. A pauta já vem pronta...**Uma vez tivemos uma avaliação e levamos a questão da progressão. Isso deu tanta polêmica com todas as escolas, mas tanta polêmica! Que depois nos chamaram para uma reunião somente com o grupo que decidia e eles impuseram o jeito deles.. Nosso ponto de vista estava errado... A gente expôs nossa opinião de educadora. Porque é assim: **Porque deixar lá 3 anos , uma criança que você já viu que tem dificuldade?** Se ela saiu da turma de 6 anos não conseguindo escrever seu nome, não reconhecendo a letra A, será que na turma de 7 ela vai conseguir? Será que na turma de 8 ela vai conseguir? Então tenho que deixar ela três anos sendo massacrada numa classe pra depois mandar pra progressão? **E daí o que tem de democrático nisso? De ser respeitado? Temos que pensar outro jeito.** Tem que ter uma equipe bem legal, bem consistente, com psicólogos, psicopedagogos, fono...Uma equipe que dê conta disso que nós em sala de aula não temos como dar! **E também não creio que uma progressão depois de três anos que a criança ficou dentro de uma sala e que viu que ela é diferente das outras, vai dar conta desta criança..** Daí é como eu falei, ou ela já se fechou ou se rebelou. Acho que tem que se considerar as falas dos professores realmente comprometidos. Porque uma coisa é você vir e fazer uma pesquisa, você pegar um diagnóstico prontinho e ler. Outra coisa é estar no dia a dia da sala de aula, conhecendo a vida do seu aluno, seus progressos, sua vivência na comunidade e na família. É como

você enxergar um sorvete bem lindo num quadro e só enxergá-lo! Outra coisa é você prová-lo. São coisas bem diferentes.

**Nome ? PS2**

**Idade ? 34 anos**

**Formação ? Pós-graduada**

**Função ? Professora**

**Tempo de exercício da função ? 15 anos**

**Tempo de exercício nesta escola ? Há 10 anos**

1. **É a necessidade que o ser humano apresenta, seja ela física ou mental, que seja peculiar a um grupo, que os diferencia dos demais**, precisando eles de profissionais que lhes dêem um atendimento especializado.
2. Olha, na minha opinião, eu acho que tinha que ser assim : uma escola como a educação de surdos daqui: numa escola regular mas num espaço próprio pra elas, com professoras qualificadas, assim, especializadas pra trabalharem dentro das deficiências delas. Por ex. eu não me sentiria.. eu não tenho formação pra trabalhar com uma criança cega, pra ter um deficiente visual aqui na minha sala, se eu tiver um surdo, eu não sei LIBRAS, então como é que eu vou trabalhar a criança que tem direito de receber um conhecimento né? Então o ideal é um espaço dela sem perder o contato com os ditos normais né? Como nós tempos aqui. **Julgo que primeiramente priorizar a socialização, que ela tenha oportunidade de se encontrar num grupo, criar vínculos com este grupo para depois sim, ter acesso aos saberes escolares.**
3. ...
4. **Um espaço específico onde tenha profissionais especializados para atendê-las e que o conhecimento escolar seja do interesse delas.**
5. **Eu acho que ela leva em conta sim**, por exemplo : De manhã eu trabalho com uma turma onde são 12 crianças , mas cada um é portador de uma deficiência diferente do

outro. São dificuldades de aprendizagem. E cada uma é diferente do outro. Mas a gente proporciona atividades diversificadas, oficinas de aprendizagem, outras atividades pra além de encaminhar pra CAPP's, onde tem fonoaudiólogos, psicólogos, pessoas que possam nos ajudar e possam ajudar a superar a dificuldade deles. Por exemplo : Eu ponho aquele que já sabe ler e escrever com aquele que não sabe. Ele vai escrever uma frase, um texto, o outro ainda vai só desenhar, fazer tentativas, mas tudo é considerado.

6. ...

7. **Acho que sim.** Eles percebem que o surdo é um ser humano como qualquer outro, que está presente no nosso dia a dia. Que faz parte da nossa comunidade, do nosso mundo. Que a única coisa que ele sabe não é pedir ajuda... Acho que estão vendo eles mesmo como sujeitos na comunidade. Tem muito o que melhorar ainda né... mas acho que o que a gente consegue perceber pela comunidade aqui que a gente está, acho que já melhorou bastante sim.

8. **Sim, no momento que trabalho os conteúdos específicos,** científicos a partir da realidade da criança e não desvinculado seu meio e que lhe dê oportunidade de ter um espaço e materiais que facilitem sua aprendizagem; que proporcione alternativas diversificadas de aprendizagem.

9. **Não porque a formação que tenho não me dá condições para trabalhar com crianças com deficiência.** A grande maioria dos profissionais da educação não possui formação para trabalhar com estas crianças que junto com as “normais” acabam recebendo um mesmo atendimento.

10. ...

11. **Olha a gente conversa muito, fala assim : “estou com dificuldades em tal coisa o que você me sugere?” Então a gente dá sugestões, troca idéias, puxa leitura...é a troca. É um grupo pequeno e a gente consegue fazer essa troca.**

12. **Sim, modificou muito porque no começo tudo era novidade né, Então foi uma reviravolta geral na escola,** desde a aceitação das crianças ouvintes aceitar o surdo e o surdo aceitar os ouvintes. O surdo aceitar que aquele espaço não era só dele, que o ouvinte também fazia parte desse espaço. Porque quando eles vieram eles achavam que aquele espaço era deles pois foi construído para eles. As salas, o material, tudo. Eles tinham que abrir mão para o ouvinte, então eles se sentiam ameaçados né? Mas tudo com diálogo. Então hoje eles já conseguiram superar isso. Então eles mudaram, as atitudes deles.. Eles não estavam acostumados com os surdos, então o relacionamento também foi se modificando. **A gente trabalhou convivência, relacionamento, a questão dos valores e assim... e foi superando. A forma não, mas o conteúdo sim.** Quando a gente começou em 97 eu trabalhava com 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. séries, então eu fiquei no segundo ciclo, daí depois eu saí, eu assumi a direção da escola, daí eu voltei pra sala. Hoje a gente consegue coletar a fala da turma, trabalhar em cima desta fala. Vamos nas casas todos os anos. Começamos com uma mãe e ela convidou os vizinhos. Vieram pessoas do comércio, pessoas de outras escolas, que nem tinham mais filhos estudando, eram idosos... diversificado. E daí o dialogo foi proposto. É tranquilo.
13. **Quanto ao pensamento crítico, dentro dessa proposta de trabalho eles desenvolvem bastante, então quando a gente debate os assuntos, a participação é boa, eles colocam as idéias deles. E quanto a autonomia, eles tem a autonomia deles,** mas as vezes eles extrapolam bastante, então tem sempre que estar falando e **na participação eles participam bastante. Não é aquela criança que fica ali caladinha, eles dizem do que gostaram ou não, o que querem mudar...** Nossa avaliação a gente faz assim, um momento onde nós, os professores, a direção, conversa com eles, o que eles acham que não está bom, o que querem que mude, assim tanto o conteúdo pedagógico como questão administrativa, a higiene da escola. Quanto ao conteúdo também eles participam na avaliação. Eu pergunto, o que vamos fazer agora? Vamos pra informática... Quais as dificuldades que vocês tem. A gente senta e trabalha em cima disso. E depois que nós fizemos a avaliação deles, nós os professores, a gente senta junto com professores que trabalham com eles, faz a avaliação. A criança vem junto com os pais eles lêem a

avaliação e colocam o parecer deles. Depois a gente pega todos os pareceres e organiza os pontos positivos e negativos . A gente vê o que apareceu nesta avaliação.

14. **O diálogo com os pais é muito bom**, eles querem saber o que o filho esta aprendendo , o que não está aprendendo. Muitos pais vem trazer os filhos e perguntam como eles estão indo...Na nossa escola eu acho que a participação dos pais é muito boa.

**Nome ? PS3**

**Idade ? 39 anos**

**Formação ?Pedagoga pós-graduada**

**Função ? Professora**

**Tempo de exercício da função ? 9 anos**

**Tempo de exercício nesta escola ? Há 09 anos**

- 1. É tudo que deve ser adaptado para que as pessoas com necessidades especiais consigam viver dignamente no convívio com as outras pessoas**
2. Com professores especializados para atender estas crianças com estrutura adequada e material diversificado e pedagógico, tudo que for necessário para o desenvolvimento destas crianças. Acho que a gente tem que aceitá-la. **Dependendo da deficiência ela tem que freqüentar a escola regular, mas o professor tem que estar entendendo que ele não vai atingir o nível dos outros alunos, não vai mesmo. Agora qual é a intenção da gente estar pondo ali esta criança? Pra ela se socializar ?** Pra que? Ele vai se sentir bem? Percebendo que seus coleguinhas estão avançando e ele continua daquela maneira. Enfim, como é que ele vai se sentir, né? Eu tive um caso de um garotinho no ano passado, que era deficiente visual, baixa visão, não era totalmente cego. Então o menino teve alguns avanços, mas o que é que ele queria? Que eu estivesse o tempo todo do lado dele! E eu tinha os outros alunos. Eu fazia a letra grande, mas ele queria o tempo todo minha atenção. Eu me senti assim: Meu Deus! Como é que eu vou... Como encarar? Ele até tentava, mas ele voltava a reclamar e você fica alí sem saber... e os outros ? como é que

ficam? Eles também tem dificuldades, eles também precisam de mim. A inclusão na escola regular é muito vago... até que ponto a criança pode estar... porque a gente tem na escola crianças com dificuldades de aprendizagem. A gente fez de tudo.. mas o que mais elas precisam que a escola não está dando conta? E aí é que está... Cada caso é um caso.

3. É difícil prever, depende de como for esta criança ela também se adaptará a esta escola da forma que ela esta organizada. **É claro que o convívio seria bom para todos.** Fica um pouco difícil responder, mas o que tenho percebido vendo outras crianças que freqüentam outras escolas... Acho que aqui eles tem mais oportunidades de socialização. De poder expor o que estão pensando, de fazer suas atividades do jeito que fazem, de participarem... embora suas dificuldades.. Acho que numa outra escola eles teriam uma outra atenção, porque aqui a gente tem esse olhar para a diversidade. A gente tem um carinho especial... Isso no São Cristóvão...
4. **Sim, elas tem necessidades educacionais diferentes para se adaptarem ou não? Um espaço como esta escola básica municipal São Cristóvão.**
5. **Leva** mas não consegue atingir a todos. Eu acho que conhecendo um pouco a vida dos alunos e perguntando para o professor da série anterior como é que ele era. Acho que conhecendo um pouco da história de vida do aluno... é por aí. Através das falas, das avaliações e dos professores antigos.
6. Não sei
7. **Sim**, através das apresentações culturais e através dos comentários dos alunos ouvintes ao participarem das aulas de educação física e no convívio diário dos surdos com ouvintes. Muitos não sabem da existência dos surdos aqui na escola porque aqui no bairro não tem muitos surdos, eles vêm de outros bairros né..mas quando tem os eventos, eles não demonstram muito. As crianças passaram a ver os surdos de outra forma. Eu acho que a criança se vira pra comunicar. Acho que as pessoas deveriam aprender libras, mas com um professor ouvinte. Eu posso dizer porque eu tive a experiência.

8. **No conhecimento e uso da língua dos sinais e na convivência e comunicação entre ouvintes e surdos.** Eu acho que sofreu na questão assim : No início nós tínhamos aula com os surdos né, mas a gente tinha uma ouvinte dando essas aulas de libras né. Pra que a gente se acostumasse com eles e aprendesse a se comunicar com eles. A gente tinha uma professora, a Márcia que dava uma aula de LIBRAS. As crianças aprenderam bastante. E depois no segundo ano a gente já teve com um professor surdo. Foi muito mais difícil de controlar a turma né? Mas a gente finalizou aquele ano com o profissional conosco. Mas depois a gente avaliou que não dava mais certo. As crianças não prestavam mais atenção.. não dava mais certo. Aí nós paramos.. Mas mesmo assim, nas aulas de educação física eles fazem aula juntos, então eles se comunicam.. eles já se comunicam, nas aulas.
9. **Não estou preparada profissionalmente para trabalhar com crianças com deficiências.**
10. **A gente não tem muita colaboração com por ex. a fono...** porque é assim : a gente encaminha, as vezes a gente tem o retorno, as vezes não tem. Uma vez veio a fono conversar com a coordenadora pra repassar como estavam as crianças, mas a gente não ficou sabendo. **Agora com os outros professores, a gente colabora nas oficinas. A gente separa os alunos por dificuldade por exemplo: tenho 5 alunos que ainda não sabem o alfabeto, então separo esses cinco alunos que vão com uma professora que trabalha o alfabeto.** Atividades específicas fora do tema gerador, pra que aquela criança desperte a dificuldade no alfabeto, aqueles que já estão bem, vão pra educação física trabalhar outras atividades.
11. **Quanto a interdisciplinaridade... no começo, foi trágico...bem trágico, a gente não tinha noção da coisa. Hoje, em todas as disciplinas você pega a fala e a partir daí desenvolve suas atividades. Em umas mais, outras menos, mas a gente sempre procura colocar em todas as áreas. A avaliação a gente faz em conjunto, como é que estão os alunos...com o professor de educação física, com o coordenador, e elabora a avaliação**



12. **Ah! Algumas vezes, bem no início teve uma fala sobre os surdos, mas a gente trabalhou sem problemas. Mas na forma (do tema gerador) não mudou nada.**
13. **Estão aprendendo a criticar e também apontar soluções para suas críticas ou dúvidas sobre um determinado assunto. A participação é fundamental no seu desenvolvimento em grupo ou individual é necessário propor atividades que oportunizem a todos participarem de forma organizada a partir de determinadas regras.**
14. **Eu percebo que os pais nem sempre falam a verdade:** concordam conosco, vem nos eventos.. ajudam seus filhos, mas nem sempre nos falam a verdade realmente o que gostariam sabe... Muitos pais não gostam que a gente comece a chamá-los, acham que a gente se intromete demais na vida deles e acabam tirando os filhos deles na escola. **Existe muita resistência dos pais.**
15. **Estaria a escola, seus profissionais, sua estrutura adequada e com todo apoio de outras entidades para ajudar a resolver os problemas desta escola? Estes todos quem são? Falta muita coisa pra se efetivar uma escola realmente para todos.. Falta estrutura, conscientização de quem frequenta a escola,** porque a gente não pode também deixar um bando de destruidores acabarem com a escola, com tudo que já foi construídos... a gente já teve casos aqui né,.. por exemplo de crianças vindas da Casa Lar..crianças agressivas que tinham uma vida bem sofrida, foram bem acolhidas...A PS1 trabalhou bem com essas crianças, mas foi bem difícil...Passaram por nós.. e o fim dessas crianças foi trágico.
16. Não sou contra a inclusão de pessoas com deficiência nas escolas. Mas da maneira como ela está sendo pensada por alguns indivíduos que nunca estiveram em uma sala de aula para saber as dificuldades, a diversidade de problemas que as crianças tem e quer ainda incluir sem discussões com os professores para saber se é possível ou não esta inclusão.

Inclusão de que tipo? É preciso pensar qual é a melhor opção para que todos sejam respeitados.

## **Professores atuando com alunos surdos - São Cristóvão**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Formação ?**

**Função ?**

**Tempo de exercício da função ?**

**Tempo de exercício nesta escola ?**

17. Qual é a sua maneira pessoal de definir a « deficiência » ou « necessidade educativa especial »?
18. Como você concebe a educação escolar de uma criança portadora de NEE ? Deve-se, na tua opinião, privilegiar para ela o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Deve-se priorizar os saberes escolares ?
19. O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
20. É preciso ou não propor um espaço de educação específica às suas dificuldades ? Que forma você daria para este espaço ?
21. Você acha que a « escola popular » leva em consideração a diversidade dos alunos ? Por que ? De que maneira ?

22. Você tem o sentimento de que essa conjunção « escola popular/inclusão » mudou a tua prática profissional ? Se sim, por quê ? Em que ?
23. Você se sente preparado(a) para responder às novas exigências educativas e pedagógicas consequentes ? Se sim, por que e como ? Se não, porque ?
24. Que formas tomam tua colaboração com os outros profissionais que atuam com essas crianças ? Quais são, no teu ponto de vista, as dificuldades e contribuições essenciais nesta colaboração?
25. Quais são as formas que esta colaboração toma com os outros professores na interdisciplinaridade ? Quais são, para você, as dificuldades e as contribuições essenciais nesta colaboração?
26. Na tua pedagogia, a prática dos temas geradores se modificou com a vinda de crianças portadoras de NEE ? Se sim, porque e como ?
27. Como você concebe e coloca em pratica a dialogicidade na avaliação ?
28. Como está, no teu ponto de vista, a dialogicidade com os pais dos alunos ? Quais limites ? Quais recursos ?
29. Como você analisa o progresso desses alunos em matéria de pensamento crítico ? Em matéria de autonomia ? De participação ?
30. De que forma a escola popular assegura a continuidade educativa para essas crianças ? ( progressão em ciclos, futuro depois da escola... ) ?
31. Você percebe, na comunidade local, alguma modificação do olhar (atitudes, comportamento) com relação às pessoas com NEE que você estimaria ligada à ação desta escola ?

32. Quais dificuldades você encontra (ou tem encontrado) na efetivação do projeto de uma escola popular aberta à todos?

33. Escreva aqui livremente outras observações com relação à entrevista

## Respostas:

**Nome ? PES4**

**Idade ? 34 anos**

**Formação ? Pós-graduação em Educação Física**

**Função ? Professor de educação física para 1º ciclo e pré-escola**

**Tempo de exercício da função ? 13 anos**

**Tempo de exercício nesta escola ? 5 anos**

1. NE é um campo bem amplo. Há NE específicas e há NE, dificuldades ou necessidades que se enquadram como necessidade ou dificuldades que seriam na aprendizagem, na atenção, na concentração. **Acho que NE vai desde um problema físico, pode ser também um problema psicológico ou mental ou retardo ou alguma coisa assim.**
2. As vezes eu me sinto perdido em duas situações porque as vezes a forma como as pessoas são incluídas no ensino regular é unanimidade até que em vez de incluir, acho que até exclui. Porque ... geralmente ela é jogada e os professores que vão receber essa criança não tem essa habilitação, essa formação para tender as necessidades deles e aí há choque porque tu fica sem ter ferramentas para lidar com problemas e tem o outro grupo que você tem que atender, o grupo que se diz normal. Acho que eu fico numa dúvida porque não incluir é complicado, teria que haver uma fórmula de inclusão mas acho que o ideal seria habilitar esse pessoal, o professor que vai trabalhar ou o grupo que vai trabalhar e não ficar um trabalho individualizado nessa pessoa, sobrecarregada pra atender todo o grupo. A inclusão acho que é necessária... eh... de certa forma melhora o relacionamento dessa pessoa que se sente... geralmente ela se sente já meio excluída mas num certo ponto ela vai estar sofrendo alguma discriminação porque eu não vou poder dar uma atenção especial para ela. É bem complicado, não vejo uma forma harmônica assim... perfeita de haver essa inclusão. É problemática...citando um exemplo aqui, a gente tem uma turma de pré-escola que foram introduzidos 2 alunos surdos né? Pra fazer uma experiência. Experiência não. É que eles não tinham dentro da idade deles pra fazer uma turma só né? Eles ficam sempre com os maiores e daí foi colocado eles junto do grupo dos...de uma

turma regular normal ...A professora na sala tenta fazer um trabalho, e ela foi fazendo aulas de libras mas ela fica com dificuldade em atender, aí sentiu-se a necessidade de pôr outra pessoa pra ajudar na sala de aula, mas essa outra pessoa também não tem formação pra ajudar então fica...Eu percebo nas minhas aulas de Educação física que quando esse grupo vai lá com a ... até vir a estagiária que fica olhando né?, mas ele não consegue se incluir no grupo e a estagiária também daí não pode, tem que ficar meio atento a eles e eles não... não há uma interação com o ... positiva. Daí são dois problemas, apesar de que cinco alunos um pouco mais problemáticos, não problemáticos, mas é que eles vem de uma dificuldade de relacionamento né? E... por causa da comunicação e aí no meu ponto de vista eu percebo como uma experiência não produtiva né... porque assim... quando eu trabalho lá fora, as vezes eles até participam das atividades. Mas aí eles se... por ou não ter o domínio de LIBRAS e eles as vezes até gostarem das atividades eles fazem um pouquinho mas daí eles se dispersam e tu tem vinte e poucos, corre atrás e aí fica a estagiária meio atenta a eles. Eles ficam fazendo outras atividades enquanto eu trabalho com o grupo então eles ficam... a parte. Estão incluídos mas ao mesmo tempo excluídos porque não tão participando não estão utilizando aquele espaço, aquele momento da educação física pra desenvolver algumas de suas dificuldades, o trabalho... desenvolver né? E Aí como que eu vou largar aquele grupo pra atender os dois né? Então há esse problema. A gente não tem a percepção de compreender uma forma harmoniosa de fazer com que haja inclusão. Acho que vai avançar, vai crescer, vai ficar melhor. Tem que começar de algum ponto né? Então acho que foi válido como experiência mas daí eu digo assim... percebeu-se que tem que ir por um outro caminho, especializar mais o professor. Tem que tar habilitado. Habilitado não , mas pelo menos com algumas ferramentas para você poder... quando ela não entender... como é que isso vai se expressar... **Eu acho que o fundamental é a socialização porque saber é uma consequência e através da socialização tu aprende muitas coisas então o saber é importante mas eu acho que pra vida da pessoa que... tem a deficiência, com certeza, estar no meio, se sentindo interado num ambiente.** Que nem, no caso aqui, dos surdos uma pessoa que nunca teve acesso à colegas, à pessoas iguais né? Iguais no sentido que tem a mesma deficiência né, então quando ela vem e vê várias pessoas com a mesma dificuldade que daí ela consegue se comunicar. Então entre elas, elas são pessoas normais,

no caso, e aí ele vai se sentir mais interado no meio, ele vai estar mais tranqüilo. Conseqüentemente a aprendizagem vai acontecer por causa dessa socialização. Então eu acho que o fundamental é eles conseguirem se sentir parte do ambiente....Que nem aqui se formou, se uniu surdos com ouvintes mas se uniu de uma forma : aqui é o espaço dos surdos e lá dos ouvintes. Aí se uniu algumas atividades, no recreio, eles se relacionam, mas ainda há uma separação. E.... mas já foi muito complicado, agora evoluiu um monte, eles já estão brincando... fazendo muitas coisas juntos até as nossas aulas contribuíram para isso, mas já houve um avanço muito significativo entre a relação de surdos e ouvintes. Acho que isso se deve à socialização. Elas começaram a perceber os outros como iguais e conseguiram fazer uma relação. Então foi o tempo, o envolvimento, a socialização deles que fez com que eles evoluíssem.

3. Eu acho que dentro da proposta popular que é né... a inclusão, a gente trabalha na sala de aula com essa idéia de que aluno tem que estar no meio, participar, se envolver, aceitar as diferenças e aí a pessoa que tem um problema vem se inserir nesse meio e **eu acho que os alunos ouvintes vão estar compreendendo um pouco do outro e aceitando mais**. Que benefício vai ter o que tem problemas, o deficiente, ele vai ser melhor aceito, ele vai compreender e aceitar o outro.
4. **Eu acho que dessa forma como foi implantado aqui, há necessidade de um espaço só para eles. Para ele se sentir que ele consegue ver pessoas com a mesma dificuldade ou até com outras dificuldades e com a mesma condição. Que eles consigam perceber isso mas sem se afastar muito dos ditos “normais” né? Porque daí...Mas na escola especial ficava uma coisa longe demais do convívio dos demais. Muito à parte e daí eles não se integravam e aqui eu acho que há um meio termo**
5. **Há sempre uma preocupação de ver essa dificuldade e tentar sanar ...** Eu acho que cada espaço vai encontrar suas dificuldades... cada grupo de professores vai entender essa dificuldade de uma forma e aí cada um vai tomar, dentro da linha popular, mas dentro do seu ponto de vista, vai tentar atacar essa dificuldade. Faz-se um trabalho com oficinas. Tipo assim : geralmente ataca-se uma dificuldade de aprendizagem, algum problema

relacionado à aprendizagem e daí estabelece grupos pra tentar corrigir ou sanar. E especificamente com problemas fora da aprendizagem a gente tem um processo de encaminhamento para SAPS ou CAPS e outros, e então eu percebo que dentro dessa proposta eles tentam, dentro das limitações é lógico, eles tentam encaminhar.

6. Eu acho que de **uma certa forma sim porque te da uma outra visão** porque essa implementação da forma popular de trabalho no município foi uma coisa meio imposta : agora a gente vai trabalhar nesta linha. Uns anos, uns tempos aí a gente não sabia e o pessoal que tava implantando também tinha dúvida e foi um laboratório e avançou muito. E nossa visão também mudou muito né? **A gente já vê o aluno de uma forma diferente, procura entender melhor o contexto dele, vê onde ele está inserido, leva em conta isso, quando ele está com, algum problema que aqui na sala ele começa a dar “coice”, quebrar, bater cadeira, tem alguma coisa relacionada e antes a gente não via muito isso, ah... ele é sete, ele é cinco e pronto. Ele está ruim, ele é 2... e agora ...** Eu acho que com certeza a gente foi se transformando, melhorando um monte de coisas. Dá mais uma visão do aluno e percebendo essas diferenças que existiam, por exemplo, dos surdos, que tem mais dificuldades que a gente, **tem que estar atento, percebendo que o aluno tem algumas dificuldades**, não pode perceber ele como uma coisa que tem que atingir esse objetivo e se não atingiu ele está ruim, que cada um tem sua limitação e cada um vai se desenvolver dentro de uma etapa. **Uns tem mais dificuldades, outros mais facilidades, mas todos vão aprender então acho que mudou bastante minha visão de aluno, de como trabalhar, de como avaliar...** A gente fica naquele dilema né, como é que vai ser quando tiver os surdos, como é que a gente vai se relacionar. Eu, até hoje, por falta de... Não de oportunidade, mas mais de busca mesmo, eu poderia já estar dominando LIBRAS mas é que a gente não está no convívio diário. Mas com os ouvintes então a gente até domina uns quantos sinais. E a gente ficava naquela ansiedade e até ainda hoje eu me sinto meio apertado quando os professores surdos vem conversar comigo, se comunicar e a gente fica um pouco inseguro... então é bem complicado... Eu acho que a gente sempre tem uma idéia ruim, ruim não mas pejorativa dessa dificuldade né? Eu tive na faculdade uma experiência com APAE. Daí tu vê de um outro ângulo né? Tu vê que eles são crianças né? Gostam das coisas que toda criança gosta. E depois que tu



se aproxima tu vê que são pessoas normais. E os surdos são a mesma coisa porque as vezes a gente até tem os mais... porque eu acho que o surdo é uma outra dificuldade que é assim: os pais as vezes tem o filho surdo, e daí não sabe se comunicar e aí como é que eles fazem, eles tratam meio na agressividade sabe... e não vão atrás também para aprender e aí as crianças geralmente são agressivas, se sentem excluídas até na família os pais não sabem como lidar com eles e quando ela vem para a escola eles vêm pessoas iguais mas eles estão numa rotina de agressividade. Mas com os amigos tem relações muito boas e você começa a ver com outras perspectivas.

- 7. Acho que não ainda. Primeiro tu não sabe o que é, depois tu fica na dúvida como é que eu trabalho aí tu vai fazendo experiências a bem dizer e aí tu vai conseguindo superar algumas coisas mas ainda tem muitas coisas que a gente precisava superar né : como é que eu vou trabalhar esse problema né? Por exemplo, o aluno surdo está muito, muito inquieto, agressivo, será que eu vou lá dar um chacoalhão nele, botar ele de castigo vai resolver? Não tem uma... Falta formação e ferramentas para superar algumas dificuldades que aparecem e acho que é uma constante né e quando você superar uma vai aparecer outra, então a gente vai estar sempre construindo e tentando superar porque tu nunca pega uma turma igual , então sempre vai aparecer uma coisa diferente da outra.**
  
- 8. A gente faz um trabalho junto com a professora PES5. A outra professora de educação física, ela tem LIBRAS e quando ela vem fazer o trabalho, a gente faz um trabalho nisto, em conjunto. Ela fala algumas coisas e eu até falo com eles, há uma interação. Geralmente ela fala: Ah! Vamos fazer tal atividade, vamos direcionar desta forma e ela para. Daí ela explica em LIBRAS e a gente ajuda a coordenar as atividades. O problema é o espaço físico né? Como dividir esse espaço? Vamos unir as turmas com o objetivo de interagirem os alunos. A inclusão dos ouvintes juntos faz com que os surdos se mobilizem mais. Percebem os outros fazendo e fazem também. São três aulas semanais de educação física onde uma é com ouvintes e surdos. E a gente faz o planejamento e a rede em conjunto com os professores e depois a PES5 e eu sentamos e planejamos nosso trabalho.**

9. **A gente faz o planejamento e a rede em conjunto com os professores e depois a PES5 e eu sentamos e planejamos nosso trabalho.** Traz benefício com certeza porque na sala está trabalhando tal assunto e você lá na educação física reforça com certeza vai contribuir na aprendizagem deles. A gente aqui não tem dificuldades, mas no 3º. ciclo que é por áreas né? E tu fica com mais dificuldades para se enquadrar mas a gente contribui. Não vejo grandes dificuldades.
10. Eu acho que não mudou , mas influenciou porque no início a gente não estava fazendo integrado, tipo surdos tem suas problemáticas e os ouvintes tem as suas, daí a gente faz uma pesquisa que engloba tudo, mas quando vai fazer a rede dos surdos é mais voltada para a rede dos surdos. Mas já teve rede de coisas que a gente teve que abordar os surdos porque a gente percebeu coisas nas falas dos ouvintes que os surdos eram isso e aquilo e teve que desmitificar um monte de coisas. **Então mudar a forma da rede não, mas a vinda deles trouxe temas diferentes que foi preciso trabalhar para eliminar barreiras e preconceitos e que no fim contribuiu para que houvesse melhor interação entre os dois grupos.**
11. **A gente tem um diálogo constante e acho que isso aumentou bastante depois desta proposta nova.**
12. Eu não tenho muito esse acesso com os pais dos surdos mas **a gente percebe que eles teriam necessidade de estar vindo mais para a escola,** percebendo o ambiente e eles também aprendendo libras, porque tem muitos que não dominam LIBRAS né?
13. Eu acho que a gente acompanhou o crescimento de muitos , 2, 3 anos aqui né? A gente percebe um avanço drástico de 1 ano para outro. **A participação, o convívio, a comunicação com os ouvintes avançou muito então eu acho que, ser crítico, elas conseguem, o surdo está sempre apontando se o outro erra** ele percebe, um cutuca o outro porque na EF eles tem que estar atentos né? E mesmo quando eles cobram da gente uma postura “olha, aquele aluno fez tal coisa” . A gente tem que tomar uma atitude. **E a**

**gente percebe que eles estão evoluindo nessa questão de se sentir parte do meio** e que alguém tem que tomar uma postura com relação a alguma coisa que foi feita para ele ou para os colegas. A gente acha interessante essa coisa de estar sempre colocando para o aluno, explicando porque está fazendo esta atividade. Mas até os oito anos, eu percebo que eles não tem muito essa criticidade. Se tu disser “faz”, eles fazem, mas eu acho que é de suma importância tu estar dizendo e a gente pratica muito isso.

14. Pelo que eu percebo procura-se fazer a mesma trajetória para todas as escolas né. Mas temos os recursos. Eu acho que tem uma resistência dos pais. Tipo assim, alunos que a gente percebe que precisam ser encaminhados para a CAPP, para APAE, os pais não aceitam. A gente manda um parecer, chega nos pais e eles : “não, meu filho não tem dificuldades”. Um dos obstáculos então é a família e o outro são as poucas vagas no CAPP’s. Não tem vagas e tem espera. **Olha, eu não tenho percebido esse encaminhamento depois. Então se há esse encaminhamento qual é a seqüência?**
  
15. **Eu acho que mudou bastante a visão da população em relação aos surdos.** Pode ser que eles não estejam muito próximos dessas pessoas mas eles começam a ver com outros olhos. De vez em quando você ouve alguma coisa. A gente percebe que eles ficam até espantados com a forma de comunicação, ficam muito atentos, vendo as crianças e jovens se comunicando no ponto, dentro da lotação. Isso mudou bastante acho que para melhor. Eles estão vendo o surdo como pessoa normal que tem essa dificuldade e estão aceitando. Eles percebem que as crianças são alegres, felizes, brincalhonas...
  
16. Isso é complicado. **Só o fato de fornecer matrícula para todo mundo, já é um problema porque falta espaço .** Se você for na Secretaria deve ter uma lista de espera para a creche. Algumas escolas da periferia tem esse problema com a creche. Eu acho que a escola popular melhorou muito mas falta avançar né. Nessa questão das falas, da organização dos conteúdos. Um pouco por falta de uma forma mais efetiva de como trabalhar. **Há ainda uma dificuldade dos professores de recolher falas. Há uma resistência deles estarem saindo para pesquisar.** É uma coisa bem constrangedora porque tu chega numa casa que tu não conhece e começa a fazer perguntas Teria que

buscar uma forma de... Acho que 80%,90% dos professores não gostam disso. A questão da fala e da análise né? Porque tem que ser muito crítica. Quando você vai analisar as falas é uma coisa bem complexa. Complicada porque quando os professores se reúnem para fazer essa análise cada um acha que é importante é um tema e as vezes é “viajandona”. e parece boa, mas nem sempre é pertinente, daí tem professor que ... Cada espaço define suas prioridades daí cai-se num monte de contradições que eu percebo... tipo assim, a gente ainda está baseado nas gavetas, nos conteúdos de geografia, história e aí ele está precisando trabalhar as plantas. Daí é essa fala que me interessa... Então isso é um erro que acontece.

**Nome ? PES5**

**Idade ? 42 anos**

**Formação ? Ed. física- pós graduada em deficiência mental e metodologia de ensino**

**Função ? Professora**

**Tempo de exercício da função ? 22 anos**

**Tempo de exercício nesta escola ? desde 2000**

1. Eu acho que é **toda a pessoa que precisa de alguma ajuda para se desenvolver ou para desenvolver uma atividade.**
2. Eu acho assim que é uma educação normal, com dificuldades diferentes de uma criança dita “normal”. **Toda criança tem dificuldades mas essas teriam um pouco mais ou menos**, por exemplo, aqui os surdos, tem coisas que eles entendem mais rápido que os ouvintes... Cada um tem que atender suas necessidades, por exemplo os surdos, os conteúdos tem que ser colocados pra eles através da língua de sinais. **Cada um dentro de sua especificidade.** Eu acho que tem que começar bem cedo. Cada necessidade é uma necessidade, por exemplo o “mental” ele vai ter uma dificuldade, o surdo tem outra dificuldade. **Acho que tem que se priorizar aquilo que vai ser importante para ele.**

3. Aqui no SC, acho que os surdos estão recebendo assim... eu sempre admirei o trabalho daqui. Eu acho que é dado de todas as maneiras aquilo que eles necessitam. Eles tem a sala deles aqui e interagem com os ouvintes. Os ouvintes tem aula de sinais... Não foi fácil, mas...A escola popular parte mais do dia a dia da criança, parte do que está mais próximo dela. Parte do que ele já conhece.. Acho que é um benefício, porque ela já se sente mais a vontade. Por ex. dentro da minha área de educação física, antes a gente se preocupava em selecionar os melhores né, a gente saía mais na competição. Agora a gente visa a participação de todos, não fica nenhum sentado, todo mundo participando. Sempre dando oportunidade a todos, e não visando só a perfeição. Tem professores em outras escolas que não se preocupam em incluir aqueles que estão fora...A gente procura favorecer as trocas, não o individualismo.
4. **Eu acredito que sim. Eu faria uma escola daqui pra melhor, eu faria um espaço só para os surdos né.. onde eles tivessem mais oportunidades. A gente vê o desenvolvimento dos pequenos que estão faz tempo aqui. A gente vê que eles chegam ansiosos para se comunicarem. Então eu daria mais espaço para eles. Eu faria uma escola de surdos, Não que não teria contato com os ouvintes... poderia levar para uma outra escola, para conhecer...Ou então cada um com suas... por exemplo, um espaço para os cegos.. não que não pudessem ficar juntos, mas cada um com seu espaço.** Eu não acredito que seja possível misturá-los numa só classe porque em primeiro lugar uma professora para trabalhar com a educação especial, ela precisa de vocação. Sabe porquê? O professor escolhe: “eu quero ser professor de educação física, professor de matemática, de geografia, de educação especial” e na hora que chega lá você diz: “o professor tem que atender todas as necessidades”. Só que ele não tem vocação, não é porque ele não quer. Eu vou dizer por mim. Eu trabalhei num projeto com todos os deficientes. O trabalho foi muito bom, só que eu me identifiquei com os cegos e os surdos porque eu levava os problemas das crianças, quer dizer, eu ficava muito triste, por ex. um movimento que eles faziam era uma alegria. Eu não acredito assim que um professor de sala, a gente diz “agora vamos fazer uma inclusão”. Eu digo no meu caso, só que eu não tenho formação e além da formação eu não tenho vontade de trabalhar naquela direção, eu tenho que ter amor na minha profissão. Mas se eu tivesse um espaço com ajuda. Por

exemplo com um autista, preciso de ajuda. Mas não acredito nessa inclusão que estão falando. Ela é muito bonita no papel. Por exemplo tenho uma amiga que é professora de educação física, ela tem 25 alunos e um cadeirante e ela não tem nenhuma ajuda. Quando ela vai pegar o menino da cadeira, os outros todos espalham.. ela está se sentindo bem mal. Mas se colocassem numa sala de aula com surdos e cegos, e colocassem com ela pessoas para auxiliarem... Eu acho que uma classe só para eles eles tem um contato privilegiado com o professor. É mais afetivo, pelo que eu sei, pelo que eu percebi aqui..

5. **Aqui a gente se preocupa com cada dificuldade e você vai atender a cada um.** Por exemplo no dia a dia, na hora das atividades, como noutro dia no caso dos surdos, eu dava oficinas. Aqueles que tinham mais dificuldades, eu dava matemática. São atividades mais voltadas para o lúdico dentro da matéria.
6. **Não acho que não.** Na educação física a gente trabalha os temas de forma geral sempre tentando dar os conteúdos da educação física. **É verdade que eu não saberia mais trabalhar da forma tradicional. Eu me preocupo mais com cada um, mas agora a gente abre mais o diálogo com eles.** Eu acho que agora os ouvintes, até os professores, eles estão entendendo o surdo melhor porque o professor que não conhece o surdo, não entende como é que é a aprendizagem dele. Não entende como ele se comunica. Pensa que ele vai ler aqui e vai entender tudo e não é assim. Antes os ouvintes não aceitavam os surdos e agora eles já conversam, brincam. Acho que depois que vim para cá mudou minha concepção porque aqui trabalho com os surdos. Trabalhei antes com surdos em outra escola e não existia ainda esta escola. Eu pensava que enquanto eu estivesse falando ele estava entendendo e ele era revoltado, ele me falava:que os outros estavam dando risada dele... E quando eu o reencontrei aqui ele veio me perguntar : “professora, porque que você não falava comigo assim na outra escola?” Aqui ele progrediu comigo. Daí eu percebi que aqui é realmente diferente para eles.
7. **Eu tenho capacidade para trabalhar,** mas como eu disse, se eu tiver uma ajuda eu faço meu trabalho. Só um exemplo, na educação física um de síndrome de Down, ele não pode

virar muita cambalhota... então precisa ter um conhecimento. Agora se você pegar puramente o cego ou o surdo é tranqüilo.

8. **A gente conversa bastante: “o que você está trabalhando? O que eu posso fazer pra ti? Em que eu posso contribuir?” Isso a gente conversa toda quarta-feira.** A gente para das três e meia até as cinco e quinze. Daí tem também as horas atividades que são cinco horas por semana onde também tem a oportunidade de alguns professores sentarem juntos para trocarem. **Cada professor tem cinco horas-aula-atividade na semana para poder planejar fora o coletivo da quarta.** O professor pode, nessas horas-aula sentar com outro professor...
  
9. **Por exemplo, na hora que está montando a rede né. O que a educação física pode trabalhar? O que a geografia pode trabalhar. Todo mundo dá idéia. Tudo sempre no coletivo.** Com relação a rede, fazemos uma no começo do ano e se não conseguimos acabar a gente volta...No final do ano tem a pesquisa normal, mas observamos na sala alguma fala que se repete ou que a gente sente que precisa trabalhar, daí pode incluir na própria rede ou deixar para a próxima. A única diferença que tem a rede dos surdos para os ouvintes, é que o surdo demora um pouco mais para terminar uma rede porque tem que explicar mais devagar os conceitos. Mas no resto é tudo igual.
  
- 10.
  
11. Por exemplo, nas aulas de ed. Física “Ah professora a gente quer futsal”. Não, primeiro a gente vai fazer essas atividades aqui e no final da aula eles fazem o futsal. A gente vai combinando. **Na avaliação eu sempre coloco pra eles, cada um lê o que foi avaliado e tem lá um espaço pra eles colocarem o que acham do professor, das aulas.** Tem um espaço para eles também
  
12. **Não tenho muito contato, porque eles moram em outros bairros então no dia a dia é meio difícil,** eles vem mais nas reuniões.

13. **Por exemplo, hoje eles já são capazes de se organizar em grupos** , eles são capazes de jogar numa boa. No começo era muito desentendimento. Agora ficou bem mais tranqüilo. **São mais participativos, colocando a opinião do que está bom, do que não está...**
14. Eu não saberia te falar ainda. Mas **tem uma preocupação com o encaminhamento de cada um. Tem essa preocupação** aqui de como vai ser a educação dos surdos depois do terceiro ciclo. Estão fazendo uma parceria com o estado para isto.
15. **Sim, eu percebo que no começo era assim: “Olha la o surdo louquinho, o surdo louquinho” Agora não. Eles falavam também o mudinho né? Agora eles já falam o surdo. Até os ouvintes tinham medo dos surdos, agora a vivência deles parou isso. Que nem hoje eu estava contando histórias para ouvintes e os surdos, então o Darlei ia passando os livrinhos, no gravador a história e eu ia interpretando. Daí os ouvintes olhavam pra historinha e olhavam pra mim. Daí eles ficavam: “Olha isso aqui é assim...” Até na hora de montar grupinhos, eu coloco um surdo em cada grupo e eles tem a preocupação de explicar para o surdo entender. Eu acho que para os pais também mudou bastante porque antes tinha muita reclamação : “Olha o surdo brigou com meu filho...”e agora não tem mais.**
16. Por exemplo para chegar alunos com dificuldades para ca... **Acho que não tem ainda estrutura para todos, falta banheiros, rampas.** É aberta a todos, se aparecer alguém aí, eles não vão se negar, mas aí vai ser uma dificuldade né. Tinha uma menina que usava muletas, então ela tem dificuldades...
17. Eu acho que para existir mesmo essa inclusão de que tanto se fala precisaria ainda mudar muito, ouvir mais os professores e não impor. Porque se você colocar dentro de uma sala de aula, por mais que você queira saber ... Porque dentro da sala de aula é só o professor e o aluno e na hora ele pode até não agir, mas o sentimento dele passa, então ele tem que estar preparado, querer e em primeiro lugar ter vocação. Porque eu trabalhando aqui com os surdos na educação física é uma coisa, agora se eu tivesse que trabalhar dentro de uma sala de aula... eu não gostaria. Por que? Eu trabalhava nessas oficinas. Eu até reduzi



minha carga horária por isso. Porque eu não estava me sentindo bem. Eu estava fazendo o trabalho super bem, só que um dia eles sabiam tudo, no outro não sabiam nada. Daí me angustia, faz mal para mim. Não que eu não seja capaz, mas acho que tem que ter vocação nesse sentido. Por exemplo, o psicólogo não pode levar os problemas com ele pra casa. Eu já não conseguiria...

**Nome ? PES1**

**Idade ? 33 anos**

**Formação ? Educação especial para surdos**

**Função ? professora ensino fundamental**

**Tempo de exercício da função ? desde 97**

**Tempo de exercício nesta escola ? desde 2000**

1. Como **um sujeito que precisa de um aprendizado diferenciado, ou um ritmo diferenciado, ou uma língua diferente**. São pessoas que necessitam de subsídios diferentes da maioria das pessoas para ter um aprendizado
2. Se ela necessita de algumas coisas diferentes ela tem que ter acesso a essas coisas diferentes. Uma educação que venha de encontro àquilo que essa criança necessita para poder estar se desenvolvendo. **Na verdade acho que a escola tem uma função social, mas acho que prioritariamente é o desenvolvimento cognitivo. Para ela interagir de fato com os outros precisa do desenvolvimento cognitivo.**
3. Por exemplo tenho uma criança que está numa sala com outras. Acho que é uma responsabilidade muito grande com este sujeito. Se ela precisa de algumas coisas diferentes, mas onde ela está consegue verdadeiramente fazer com que ela seja agente do processo dela, participe... aí tudo bem. Cada pessoa é uma, não dá pra rotular ou dizer “este tem que estar sempre com os surdos”. A experiência que a gente tem com o surdo é que o desenvolvimento deles realmente deslancha quando eles estão juntos entre os surdos, mas acho que o principal é a gente observar e ter cuidado de realmente estar

preocupado com a educação desta criança. **Se a criança tem uma DM leve, mas está conseguindo se desenvolver no meio de outras crianças, eu não vejo porque tirá-la.** Se ela não está participando e se desenvolvendo, tem que ser avaliado. Eu nunca trabalhei numa escola com outra proposta para surdos. A escola popular respeita o ritmo de aprendizagem das crianças, não tem que concluir conteúdos ou uma aprendizagem de certas coisas até o fim do ano. Isso é válido para todas as crianças. Os conteúdos que são tirados a partir das necessidades do aluno. É claro que se amplia, se traz o conhecimento científico. Mas isso dá um valor porque o interesse da criança é maior. O que eles falam, queremos saber com o que eles estão preocupados em saber. Aqui a gente procura agrupar as turmas pelo nível lingüístico e pela idade também, porque não adianta ter um nível lingüístico parecido, mas com interesses tão diferentes porque a idade é tão diferente...Com os ouvintes é mais pela idade e com os surdos tivemos que fazer mais pelo nível lingüístico. Mas ou temos salas com pré adolescente, adolescentes... não tem muita diferença de idade.

4. Depende da criança, se ela esta se dando bem... **Com relação ao surdo eu acho que tem que ter um espaço específico.** Dentro das salas de aulas teriam que ser surdos, com professores bilíngües, desde pré.. até o segundo grau, o primeiro grau. Acho que depois disso o próprio surdo consiga se relacionar melhor com intérprete, porque o intérprete também não é fácil . Ele fica no meio entre professor e aluno. Então pode até dar resultado, mas não é uma coisa fácil, porque o aluno fica dividido. O professor acaba não sendo muito a referência, mas sim o intérprete...Há confusão entre o que ele está dizendo e o professor..As vezes o professor pede silêncio, e eles acham que é o intérprete quem está pedindo... **Se eu pudesse construir eu construiria uma escola só para surdos. Porque? Porque eu acho que tem muitas coisas positivas em estar aqui com os ouvintes, mas algumas coisas levam mais tempo pra andar porque a preocupação do todo da escola é muito mais em unir, em esses alunos estarem se relacionando do que alguns aspectos que a gente tem que desenvolver com os surdos. Acho que é um problema de resistência mesmo, porque quando a gente chegou aqui a gente tinha aquelas salas enormes e eles com aquelas salas pequenas e cheias. Nós temos poucos alunos. Causa uma coisa assim “Você tem 6 alunos para uma sala enorme!”. A gente**

**tem todo um porquê disso. Os alunos surdos não ficam uma atrás do outro, porque como é que eles vão interagir um com o outro?** Tem que realmente ter uma sala pra eles. Ainda faltam algumas coisas, mais recursos para trabalhar com eles...

5. **Acho que sim** justamente por não cobrar ritmo, por respeitar a diversidade...
6. Eu vejo muitas coisas positivas na proposta. O fato da gente não ter uma cartilha. Não pela cartilha em si, mas **acho que os professores ficavam muito presos naquele conteúdo e hoje nosso conhecimento é muito maior dos assuntos. A gente planeja melhor para o nosso aluno porque a gente conhece melhor nosso aluno. O que seria melhor, como posso puxar ele aqui? Antão nesse ponto a gente estuda mais, planeja mais, o comprometimento é maior. A gente elabora textos, exercícios... O professor cresce muito. Acho que também a gente pode responder muito melhor aos alunos.**
7. Eu acho que é conforme o caso, mas **eu me especializei para trabalhar com os surdos. Mas eu não me sinto preparada para as outras deficiências.** Não e porque é surdo que não vai ter dificuldade de aprendizagem ou outros comprometimentos. **Eu me sinto preparada contanto que o aluno não fique alheio.** Ele não pode ter um nível lingüístico muito diferente do outro porque como eu vou trabalhar a língua com ele quando os outros estão em outro nível...
8. Nós, **entre os professores que trabalham com os surdos tem bastante colaboração. Com os professores de ouvintes já teve mais, hoje diminuiu um pouco.** Mas temos trocado mais materiais com eles...Na sala tem os trabalhos em grupo, eles explicam quando não conseguimos explicar algo ou explicam algo que o colega disse e que não conseguimos entender. **Eu acho que já teve mais dificuldade, hoje conseguimos trocar bastante.** Pra nós isso foi construído para a educação especial. Geralmente os espaços dos surdos eram os piores e finalmente tivemos aqui o contrário, então isso gerou muito conflito... Como a gente se apossou do espaço. Materiais novos, etc... As pessoas as vezes se preocupam com esse espaço e esquecem que lutamos anos para conseguir isso.

9. ..

10. A gente entrou aqui, nós montamos isto que está aqui porque era a gente que conhecia o surdo. Só que a gente estava numa proposta popular e a gente acha que casava em termos de democracia, de autonomia, é o que a gente quer pra eles também. A gente tentou trabalhar dentro da proposta por acreditar nela, mas é claro que nos desafiamos a aprender e construir essa proposta. Mas na educação de surdos nós vemos algumas coisas que gostaríamos de estar mudando. Essa nomenclatura. Os surdos entram aqui as vezes com doze anos, mas eles não tiveram acesso a língua. Ele tem linguagem, mas não tem uma língua para interagir com os outros. Só que pela idade ele já estaria no segundo ciclo, mas pelo conhecimento ele não estaria. Então não é que a gente vá trabalhar coisas de criança, não é isso, mas ele teria que estar construindo conhecimentos básicos. Então na verdade, as vezes eles estão no segundo ciclo pela idade, mas a gente trabalha o conhecimento de primeiro ciclo. Então essa dificuldade de nomenclatura... As vezes isso angustia para eles. Eles tem essa idéia de provas, de passar. Então as vezes eles estão lá no segundo ciclo, na progressão do segundo ciclo, mas ficam dois, três anos...Só que na verdade não é a gente que está deixando o aluno na progressão, ou a gente passa, ou avança sem construir conhecimento, ou a gente para e resgata, não tudo, mas o que a gente pode, o que o aluno pode construir. ... Acho que nós também estamos aprendendo isso. **A gente tenta fazer relações entre os conteúdos . Por exemplo a gente teve uma vez uma fala que envolvia a família, que a família não dá autonomia para os surdos.** Ou eles saiam com a mãe ou com o irmão menor. Daí a gente começou com a família. O conceito deles de família, vocabulário de português, depois na disciplina história. Em artes fizemos um trabalho com a música do Titãs, “família”... E entre os professores, um pega idéia do outro. As vezes fazemos trabalhos juntos. Acho que a gente já está num processo bem avançado. Mas tenho dúvidas.. Como trabalhamos temas, não sei se as vezes, eles se repetem. Também, as vezes uma turma trabalhou um tema e outra outro tema, daí juntamos as turmas e uns já viram aquilo e outros não. A gente se propôs a construir. Acharmos que para os surdos teríamos que ter algumas coisas prévias. A maior dificuldade foi recolher as falas, não tínhamos grandes redes pela falta do nível lingüístico. Muitos

descobriram que nasceram na data do aniversário com doze anos...Então não era fácil entrar nos temas geradores. A medida que foi progredindo foi melhorando.

11. O diálogo é uma prática. Isto já está tão incorporado que a gente esquece de colocar no caderno ER, AC, OC, porque a gente já parte de uma pergunta ou de uma história e daí eles refletem sobre essa história...**Na avaliação, não vou te dizer que em todas. A gente coloca a avaliação para eles , a gente coloca a avaliação do grupo.**
  
12. **A gente fala para os pais e já passa em sinais para eles e eles opinam. A gente faz avaliações em que eles podem ou escrever ou sinalizar, questões da escola, como está o professor, a relação, etc.. o lanche, a direção... o que querem melhorar...**
  
13. **A medida que eles vão adquirindo a língua de sinais. A primeira coisa que a gente percebe é o pensamento crítico, e principalmente a autonomia e a participação.** Tem vários exemplos. Os que tem mais língua de sinais, participam no “orçamento participativo” da cidade, eles foram, a gente foi.
  
14. Nós somos uma escola regular, então até o aluno que está aqui não pode estar matriculado em outra escola. Não sei se seria interessante. Não existe nada previsto...Temos trabalhado com a coordenação para trabalhar a dificuldade de aprendizagem. Acho que a escola poderia dar outras oportunidades e a sociedade também. A gente gostaria de dar oficinas, por exemplo, para os surdos, em outros horários que não durante as aulas... eles colocam isso na avaliação. Daí poderíamos colocar atividades profissionais, também. **No ano passado nós conseguimos uma ação. Foi juntar o pessoal da prefeitura com o estado. Porque já estávamos pensando como seria essa continuidade.** Como era, entre aspas, papel do estado, o segundo grau, discutimos o que poderia ser feito. **Então no ano que vem teremos uma parceria com o Estado. Teremos intérpretes e professores cedidos pelo estado. É uma alternativa, uma estratégia... não é fácil, mas...**
  
15. **Acho que sim**, não quero parecer contrária, quando digo que gostaria de fazer uma escola para os surdos e ao mesmo tempo dizer que vejo avanços aqui na escola regular. Talvez

numa escola especial algumas coisas andassem mais. Mas acho que principalmente para os ouvintes houve uma grande mudança. Até porque o grande medo das pessoas é falar com o surdo. Medo da comunicação. É o grande receio das pessoas que nunca conviveram com o surdo . Isso não foi de uma hora pra outra, mas contribuiu para os ouvintes, porque na verdade os surdos convivem mais com o mundo dos ouvintes do que o contrário. Eles tem amigos ouvintes, alguns não, mas outros tem...Acho que as falas do início era : “olha o surdinho”. Hoje já se relacionam,, os professores também. Eles vêem os surdos produzindo como os filhos deles. “Olha ele é diferente, mas olha o que ele faz! Ele faz como as outras crianças, etc” Acho isso muito, muito positivo. Com certeza

16. Eu acho que a gente caminha pra isso, nada muda de um dia pra outro. Mas **temos dúvidas..** O cego, por exemplo, tem que ter recursos diferentes. Eu não sei porque não tem cegos nesta escola... a matrícula é aberta. Talvez não tenha aparecido...**Uma escola aberta a todos, ela tem que atender a todos? Ou ela se organiza para atender um grupo...** Ela caminha para isso. Se é surdo com surdo, surdo com ouvinte.. Aí cabe também aos pais escolherem.

**Nome ? PES2**

**Idade ? 35 anos**

**Formação ? Graduando em pedagogia**

**Função ? Professor de LIBRAS**

**Tempo de exercício da função ? 12 anos**

**Tempo de exercício nesta escola ? 4 anos**

( Outra professora nos auxiliou como intérprete, pois PES2 é surdo e nós não conhecemos LIBRAS)

1. **O especial é diferente**, ele acha que não combina os surdos com os ouvintes na mesma sala. Ele acha que deveria ser separado.

2. Tem o caminho certo para o surdo então não pode ser tudo junto, tem que respeitar as diferenças e respeitar o contato, a cultura é diferente. Buscar caminhos para respeitar isso .Tem que haver uma relação entre os dois. Ter a troca, junto com os saberes escolares. **Os dois são importantes.**
3. Ele acha que **é normal**, que **precisa estar junto**. Mas a comunicação é muito truncada. É só “oi” pois falta comunicação. Antes não tinha, na educação popular, um lugar para os surdos, agora tem. A educação popular tem apoiado a educação dos surdos. Nas outras escolas para surdos faltam muitas coisas, aqui eles tem bastante informação, trocas, contato com os outros. Antes eles ficavam muito sozinhos em casa. Aqui eles conseguem colocar a opinião deles. Em casa, eles vêem muitas coisas na televisão que não conseguem entender e aqui essas crianças conseguem, através das trocas, compreender melhor.
4. **Um espaço próprio pra surdos. Eles lutam para ter um espaço próprio. Ele acha que deveria ter um espaço pra cada um. Da 1ª a 8ª, no ensino fundamental seria melhor estar separado e no ensino médio poderiam estar juntos tendo um intérprete, e na faculdade também.**
5. **Falta formação, cursos para cada especificidade.**
6. ...
7. **Não consegue, por exemplo, um surdo com deficiência intelectual.** Alguns alunos tem um desenvolvimento cognitivo mais demorado. **Precisa de mais preparo**
8. Tem o CAPP, tem a fono...A fono começou a trabalhar aqui, ela aprendeu um pouco de libras para trabalhar aqui. Alguns foram lá, mas depois deixaram de lado. Tem também o atendimento do psicólogo. É um caso que aconteceu na semana passada. O psicólogo ligou aqui para a escola para saber informações do aluno. Aí disseram que o aluno era

surdo e o psicólogo não tinha libras. Daí o psicólogo disse que ligaria mais no futuro. O aluno perdeu as consultas com o psicólogo. Tivemos vários outros casos. Falta estrutura.

9. **Falta mais tempo de planejamento e trocas com os professores.** Os professores fazem muitas perguntas sobre libras pra ele. Pedem socorro, pois vem alunos de diferentes regiões com algumas expressões diferentes. Ele percebe que alguns dias tem professoras que estão bravas e ele pergunta, o que foi? Ele acha boa esta troca.
10. **O ensino tradicional é ruim. Era proibido fazer perguntas, Era só copiar e ficar quieto. O tema gerador é bom. Há convivência, tem relação.**
11. ...
12. **É difícil, nunca acontece uma relação com a família. Os pais só falam e não conhecem a língua dos sinais. O surdo sempre fica sozinho.** Parece que jogam o surdo na escola. Parece que falta responsabilidade quanto a isto. Algumas crianças falam que os pais não gostam deles porque são surdos. Quando o filho ouvinte faz algo, coloca a culpa no surdo, diz que foi ele. Exploram muito o surdo. Alguns dizem “minha mãe me bateu e eu não sei porque”. Elas não explicam, falta comunicação. A visão dos pais ainda é muito assistencialista. Os pais quase não vêm. Dos 70 alunos. Na última reunião vieram seis pais. E são sempre os mesmos que vem.
13. **Alguns conseguem expor suas idéias, outros não. Mas há bastante troca entre eles.** Há muita ajuda mútua. **Quanto a autonomia, os alunos querem essa autonomia, mas os pais muitas vezes não deixam. Eles pedem alguma coisa, a gente (escola) fala que eles sabem, mas os pais: “Não, eles não conseguem”. Com relação a participação. Alguns querem participar. Algumas mãe até não participam, mas seus filhos vem participar.** Teve um caso de uma menina que veio no dia da entrega da avaliação. Perguntei onde estavam seus pais, e ela disse : “Mãe com preguiça, e eu vim pegar minha avaliação”. Foi a primeira vez que ela assinou a avaliação dela. Daí a partir desse ano seus pais começaram a participar mais.



**14. Começaram a discussão mas eles dizem que falta convênios... Esta discussão ficou no ar.**

15. No passado eles escondiam muito os surdos. As associações chamam estes surdos que ainda estariam escondidos, para virem para a escola. Mas **ele acha que melhorou, que começaram a respeitar**. Muitos nunca tinham visto a língua dos sinais. **Ele acha que diminuiu muito o preconceito**. Mas falta ainda mais divulgação sobre os surdos, não só no dia do surdo.

16. ...

17. Ele percebeu que algumas perguntas ele concordou e outras ele foi contra. Porque ele nunca viu nada parecido com isso. Ele nunca teve contato assim . Uma entrevista. Ele gostaria de ver as respostas por escrito...

**Nome ? PES3**

**Idade ? 26 anos**

**Formação ? educação especial , habilitação em áudio**

**Função ? professora do ensino fundamenta e Jovens e Adultos a noite**

**Tempo de exercício da função ? 7 meses**

**Tempo de exercício nesta escola ? 7 meses**

17. Quando eu vejo uma pessoa com necessidades especiais eu vejo **uma pessoa que tem capacidades como qualquer outro sujeito**. Capacidade de aprendizagem. Não é uma pessoa com deficiência, mas acho este termo muito forte. Não consigo definir como deficiente. A expressão que estão usando mais agora é necessidades educativas especiais.

**18.** Acho que ela se dá de forma diferenciada, ela requer uma atenção maior. Vou falar da educação do surdo que é minha experiência. Eu trabalho de manhã numa sala de recursos

numa escola estadual. Se eu fosse construir uma escola eu faria uma escola só para surdos. Dizem que assim não estão tendo convivência, mas eu acho que é melhor assim. **Acho que os saberes escolares, porque eles tem depois uma necessidade la fora para o trabalho, para uma relação de troca com os demais.**

**19.** Pela minha experiência...Na escola estadual temos alunos que estão inclusos na sala regular, mas eles não tem intérprete na sala. Então não está incluso. Precisava de libras. Dentro da escola popular a gente tem todo um trabalho que é feito antes. Você não vai entrar com os conteúdos, você vai trabalhar com os conceitos com os alunos. Você faz os alunos trazerem seus saberes, mesmo se equivocados, e daí no grupo você vai trabalhando este conteúdo. O professor é um mediador. **Se eu fosse construir uma escola eu faria uma escola só para surdos. Dizem que assim não estão tendo convivência, mas eu acho que é melhor assim.**

**20.** Uma escola para surdos.

**21.** **O que sempre se prioriza na educação popular é a diversidade.** Não é só a questão dos surdos, trabalha com diferentes realidades, o índio, o negro, os cegos. Partindo das realidades. Aqui não temos conteúdos prontos e a gente ouve relatos de pessoas que trabalham em outras escolas: “Ah eu tenho aluno que veio para o ensino médio e não sabe fazer conta... não sabe ler direito. O aluno é traficante, é drogado então não vamos abrir vagas pra ele.” Aqui não tem disso.

**22.** **Acho que não porque foi meu primeiro trabalho e não da pra fazer uma comparação.**

**23.** **Sim, acho que sim**

**24.** **Aqui dentro da escola temos muitas trocas, temos a fono que vem aqui uma vez por semana, para ver o que estamos trabalhando pra dar ênfase la no SAPS**

25. Não consigo identificar. Acho as trocas muito boas aqui.
26. A gente encontra um pouquinho de dificuldade, por exemplo, na minha turma da tarde eu trabalho matemática, geografia e ciências, né. Mas eu nem sempre sei o que é mais pertinente para estar dando para eles. Assim, está lá a rede temática, você vai selecionar os conteúdos pra trabalhar dentro daquela rede. Então matemática vai trabalhar isso, isso e isso. Até comentamos que no ano passado o tema foi a região de Chapecó com a turma de EJA. Daí trabalhamos a Chapecó antiga, evolução, população, clima, limites, município e tudo mais daí este ano caiu novamente o tema “regiões” e daí o que é que eu vou trabalhar? Então tem ainda umas coisas que não bate. Daí fomos a um encontro com o Gouveia pra ver como fazer, porque as vezes está faltando uma coisa na rede deste ano, mas que já foi trabalhado em outros anos.
27. **Acho que na avaliação o aluno avalia o professor também, existe muita troca.**
28. Eu acho que os pais deveriam participar mais, por ex. o professor tem que ser pai, tem que ser psicólogo, tem que ser...Por exemplo no dia da avaliação. Os pais dizem que não podem vir...Este ano o levantamento para o início do ano foi feito aqui na escola com a vinda dos pais, mas no ano anterior foram visitar as casas deles. Mas é só neste momento.. E eu acho que só esta troca não é suficiente . Acho que teríamos que passar mais responsabilidade para os pais, Não da pra generalizar, tem pais que acompanham os filhos e tal..
29. **Faço constantemente avaliação.** A gente percebe a evolução. **Geralmente eles estão dando opiniões. A gente está sempre observando.** Por exemplo a questão da rede, não fica só dentro da escola. **Tem a devolutiva onde você vai explicar pra eles o que vai ser trabalhado, o que estamos desenvolvendo.** E esta devolutiva é aberta a comunidade também.

30. Tem uma turma que está fechando ciclo agora, então está se conversando de fazer uma parceria com o estado para fazer uma turma de ensino médio aqui dentro do São Cristóvão. O município vai ceder o espaço e o estado entra com os professores.

31. Não... **não percebi**. Eu ainda acho que existe um olhar de pena com relação ao surdo.

32. Hoje ela tem condições sim de atender a todos, acho que está efetivada e aberta a todos.

### Pais de alunos portadores de NEE - São Cristóvão

#### Questões:

Pai  Mãe

Idade ?

Profissão ?

Idade do teu filho(a) ?

F	<input type="checkbox"/>
---	--------------------------

M	<input type="checkbox"/>
---	--------------------------

Escola/classe/ciclo do filho(a) ?

Qual o tipo de deficiência do seu filho(a) ?

1) A quanto tempo você matriculou teu filho(a) na escola popular ? Por quê ?

- 2) Como você concebe a educação escolar do teu filho(a) portador de NEE ? Deveria-se, na tua opinião, privilegiar para ele o aspecto da « socialização », tendo em vista suas dificuldades ? Ou seria o caso de dar prioridade aos saberes escolares ?
- 3) O que você pensa sobre seu acolhimento em meio às outras crianças ? Quais são, na tua opinião, os benefícios que ele pode tirar de uma escolarização na « escola popular » ? E quais benefícios ele pode trazer a ela ?
- 4) O que mudou, na tua opinião, para o teu filho(a) desde sua entrada na escola popular ?
- 5) Como você imagina o futuro escolar e profissional do teu filho(a) ?
- 6) Você acha que a escola popular pode contribuir para facilitar sua inclusão social ? Se sim, como ? Se não, porquê ?
- 7) Você está engajado(a) em alguma associação ou movimento em prol das pessoas portadoras de deficiências ? Quais ?
- 8) Quais complementos ou observações que você gostaria de acrescentar ?

**Respostas:**

**Nome : MS1**

**Pai**  **Mãe**

**Idade ? 39 anos**

**Profissão ? vendedora**

**Idade do teu filho(a) ? 13 anos**

F  X

M

**Escola/classe/ciclo do filho(a) ? 3º ciclo**

**Qual o tipo de deficiência ? Surdez**

1. Desde que abriu. Porque ela ia aqui no Marechal que tinha sala especial. Mas a gente estava lutando pra ter uma escola assim, com professor qualificado. Porque lá eram

professores normais, eles não sabiam trabalhar com as crianças, aqui é mais detalhado. Lá tinha uma salinha pequenininha. Tudo era assim “simplesinho”.. foi bom, ela aprendeu também, mas...Ela estava numa classe que durante seis meses a professora não entendia ela, nem ela à professora então ela não aprendeu nada... Colégio junto com os outros não dá certo. E tem que ser professor especializado.

**2. Acho que tem que caminhar juntos. A socialização está certíssima, nunca pode afastar. Mas tem que aprender.**

3. Tem de tudo né...As vezes a gente sente que eles deixam de lado eles. Mas ela não é de reclamar de nada... ela é muito “positivinha”. Eu fui numa reunião outro dia, numa discussão, fiquei passada. Eles tem uma cabeça assim... Nós nunca vamos acompanhar.. Nunca vamos chegar na inteligência do surdo, nunca. Eles são sinceros... Não existe maldade, só amor e bondade. Você se comove com essas crianças... Eles não olham pra você e diz assim “Você é feia”. Eles só sabem achar coisa bonita. A alegria que minha filha já me deu. Antigamente ela chorava, ela dizia que ela era diferente, porque ela era surda, que ela não entendia nada e nós dizíamos, “não, a gente ama muito você”. Hoje ela é uma criança feliz no mundo dela. Acho que quanto mais ... eu agradeço que alí (S. Cristóvão) é uma escola boa, ela sabe tudo, ela grava, ela aprende, ela tem 13 anos, mas é muito responsável, tem cabeça de 16, 18... Foi mais do que uma mãe pra ela, essa escola. O que seria da minha filha sem essa escola. E de mim também porque eu não saberia ensinar como a escola ensinou. É tudo, 80 por cento dela é essa escola. Claro que eu queria mais. Que o governo investisse mais. Tiraram o professor surdo que ensinava bem, que eles gostavam...Por falta de recursos.. A gente sentiu na carinha deles que eles sentiram... Agora precisa do segundo grau, com professores surdos. Tem que ir pra frente, ela quer estudar. A gente vai lutar pra isso né? Continuar os estudos, faculdade.. Pra ela tem que ser poucos alunos e professor especial. Tem que ser separado. É mesma coisa que colocar o surdo com o cego... nunca vai fechar. Pra mim são todos iguais, mas a sociedade ainda não aceita...

4. **Eu não tenho queixa, mas se melhorar seria bom. Minha filha está sendo bem orientada....**A fonoaudióloga que se queixa um pouco, ela não quer ir mais. Também não vai mais, Tive brigas com ela, mas não adiantou . A AS6 reclamava porque ela chegava lá e ela colocava ela lá pra brincar, mas ela quer aprender, ela quer falar... Mas isso já faz anos...
5. Isso a gente não sabe ainda. Imagino que ela vai ser uma menina responsável. Pouca coisa ela não quer, ela quer grande. Vamos ter que pensar depois...
6. **Não , acho que isso não tem nada a ver. Acho que é a cabeça de cada um...**
7. Só da associação de pais. Eu sou a tesoureira.

Nome: MS2

Pai  Mãe

Idade ? 32 anos

Profissão ? do lar

Idade do teu filho(a) ?

F

M  X

Escola/classe/ciclo do filho(a) ? 2º ciclo

Qual o tipo de deficiência da criança ? Surdez

1. Desde que abriu, antes no Marechal
2. Aí na escola está bom. Os dois.

3. Acho que é bom por uma parte porque eles não podem só se relacionar com surdos.
4. ..
5. Quando sair... ainda não pensei...gostaria que ele trabalhasse né? Meu marido é caminhoneiro e ele fala que quer dirigir ônibus, caminhão...
6. **Sim, porque o pessoal conhece bastante a escola. Antes desta escola as pessoas não sabiam que tinha os surdos. O pessoal conhece eles . Eles circulam bastante.**
7. Não

Nome : MS3

Pai  Mãe

Idade ? 31 anos

Profissão ? professora educação infantil

Idade do teu filho(a) ? 11 anos

F	<input type="checkbox"/>
---	--------------------------

M	<input checked="" type="checkbox"/>
---	-------------------------------------

Escola/classe/ciclo do filho(a) ?

Qual o tipo de deficiência da criança ? Surdez 50 % de escuta

1. Uns 3,4 anos. Porque ia ser sala só pra ele e antes ele estava numa escola muito precária.
2. Teria que ter uma formação aqui em Chapecó de LIBRAS. Tem só esse colégio. Falta ensino médio e faculdade, acho que está certo como está. Entendo pouco em LIBRAS mas quero aprender mais. No Marechal era tudo misturado sem uma educação voltada para eles. Eles estavam excluídos, jogados ali. Os dois são fundamentais. Acho que eles vão lá aprender LIBRAS, mas a gente que tem que buscar LIBRAS. Não adianta eu querer exigir dele se inserir... não posso. Um ensino de qualidade.
3. Acho que não tem diferença pois não sou a favor dos temas geradores. A criança não tem nada a ver porque se o problema é desemprego, briga de família. Ex. Como trabalhar a



realidade do desemprego com uma criança no ensino infantil? A criança não tem que ter esse estresse.

4. **Ele adorou ir pra lá... e antes ele não tinha muita motivação agora vejo que ele adora. Hoje penso que não é porque é surdo que não vai estudar, etc..**
5. Eu quero que ele continue e eu vivo falando pra ele : “Primeiro você vai estudar e depois ... trabalhando no ensino médio. Nunca comentou nada.
6. Acho que se depender, se for por, ex., como professor, está faltando professor surdo. As firmas tem obrigação de contratar. Aurora e Sadia tem bastante surdos que eu sei.
7. No momento não tenho tempo.

## **Alunos com de NEE - São Cristóvão**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Tipo de deficiência :**

**Idade ?**

**Escola/classe/ciclo ?**

1. Em qual escola você estudava antes ? Porque você veio para esta escola ?
2. O que é que mudou para você desde que você está aqui ? Na tua opinião, por que ?

3. Qual profissão você quer exercer no futuro ? Porque ? O que dizem a esse respeito teus pais ? Teus irmãos e irmãs ? Teus professores ? Teus colegas ?
  
4. O que você gostaria de mudar na tua escola : com relação aos professores, colegas... Porque ?

## **Respostas:**

**Nome ? AS1**

**Tipo de deficiência : Surdez**

**Idade ? 12 anos, quase 13**

**Escola/classe/ciclo ? 1º ano, 2º ciclo**

1. Outra escola, Marechal. Porque é boa, tem os colegas surdos, a gente aprende com os professores que sabem sinais e junto com ouvintes não é bom porque eles falam, a gente não escuta, é difícil.
2. **Antes estava ruim, agora está bom na SC porque os professores ensinam a gente aprende. Junto com os ouvintes eles não sinalizam. Agora está fácil.**
3. Quero fazer curso técnico, computação, informática. Eles gostam, dizem que pode
4. **Aqui é legal**

**Nome ? AS2**

**Tipo de deficiência: Surdez**

**Idade ? 12 anos**

**Escola/classe/ciclo ? 1º ano, 2º ciclo**

1. Não lembra
2. ..
3. Trabalhar na cidade (ela mora no interior de Chapecó). Construindo casas. É bom.
4. **Colegas**

**Nome ? AS3 (filha de pais surdos)**

**Tipo de deficiência: Surdez**

**Idade ? 12 anos quase 13**

**Escola/classe/ciclo ? 3° ano, 2° ciclo**

1. No Marechal. La no Marechal ela estudava pouco e aqui ela desenvolve mais.
- 2. Ela gosta daqui porque está progredindo e se tornando inteligente.**
3. Não sei... calma. Talvez professora de surdos
- 4. Ela falou dos quadros verdes que trocaram pelos brancos e ela gosta mais. Tem um surdo adulto, o Airton e eles não gostam muito dele...não se dão muito com ele.**

**Nome ? AS4**

**Tipo de deficiência : Surdez**

**Idade ? 10 anos quase 11**

**Escola/classe/ciclo ? 3° ano, 2° ciclo**

1. No Marechal. La era ruim, eles não desenvolviam nada.
- 2. Ouvintes só falavam eu não entendia nada. Aqui eu gosto**
3. Pintora, ou professora de surdos. Meus pais falaram que pode mas acho que pintora é melhor.
- 4. Os alunos não podem brigar, precisa de contato ser mais amigos.**

**Nome ? AS5**

**Tipo de deficiência : Surdez**

**Idade ? 12 anos**

**Escola/classe/ciclo ? 1° ano, 2° ciclo**

1. Não lembro, mas eu não gostava da outra escola.
2. **Tudo, o curso, a direção, o estudo melhorou. Preciso aprender a estudar**
3. Não sei, quero estudar. Papai e mamãe dizem que sou livre pra escolher
4. **Não sei.**

**Nome ? AS6**

**Tipo de deficiência : Surdez**

**Idade ? 13**

**Escola/classe/ciclo ? 3° ano, 2° ciclo**

5. Marechal Borba, depois uma escola de ouvintes. Preciso estudar com surdos pois aprendo mais.
6. **Lá eu entendia pouco, aqui eu estudo bem, aqui tem um monte de coisas.**
7. Tenho quatro : computação, ser professora, curso de pintura e tenho outra...A mãe diz que é escolha dela, direito dela escolher. Quero ser artista, quero fazer novela. A professora completa: A mão da Michele quer que ela faça um curso de manicure mas ela não quer , ela gosta mais de computação. Ou curso de tricot. Ela manda ela fazer um monte de cursos mas ela só quer computação.
8. **Eu gosto de tudo, ter LIBRAS é bom, com ouvintes é difícil** (e com os colegas?) Eles dão “oi” para as crianças menores.

**Nome ? AS7**

**Tipo de deficiência: Surdez**

**Idade ? 11 anos quase 12**

**Escola/classe/ciclo ? 3° ano, 2° ciclo**

1. No Marechal. Uma mulher falou com a mãe dela que aqui tinha escola pra surdos e a mãe lhe perguntou se ela queria e ela veio pra cá. Primeiro ela ficou na dúvida, depois veio.
2. **É bom, eu gosto, tem brincadeira. Estou ficando inteligente.**
3. Professora de surdos. Mamãe fala que é bom, que sou livre para fazer qualquer profissão.
4. **Tem alunos que incomodam. Tem que brincar juntos. [A professora explica: É essa relação com os ouvintes que não tem muitos sinais].**

**Nome ? AS8**

**Tipo de deficiência : Surdez**

**Idade ? 13anos**

**Escola/classe/ciclo ? 3° ano, 2° ciclo**

1. Marechal com a prof. Neli.
2. **Ela falou que na outra escola eles dizem que é ruim e ela trocou pra cá que aqui é bom.**
3. Professora ou vender perfume (A professora complementa que ela é apaixonada pela “Boticário”). A mãe quer pagar um curso, uma loja de perfumes para ela. A professora pergunta: “chefe ou vendedora? “ Ela esita...’ Chefe”

4. **Ela gosta daqui e o ano que vem vai continuar. De vez em quando tem briga, tem violência. Tanto com ouvinte como com surdo.** Tem pouca troca. [Professora explica que é de trocar informação, de conversar. De vez em quando uns provocam: “vc vai namorar com fulano...”]

**Nome ? AS9**

**Tipo de deficiência :Surdez**

**Idade ? 12 anos**

**Escola/classe/ciclo ? 1° ano, 2° ciclo**

1. Nada... Só aqui
2. **As professoras são boas, todos são bons.**
3. Não sei. Agora quero trabalhar na Sadia, mais tarde eu não sei.
4. **Todo grupo dos surdos é bom, diferente dos ouvintes. Porque os surdos sinalizam e os ouvintes só falam e fica difícil. A gente brinca muito.**

## **Alunos ditos « normais » - São Cristóvão**

### **Questões:**

**Nome ?**

**Idade ?**

**Escola/classe/ciclo ?**

- 1) Como você vive o fato de estar junto com colegas portadores de NEE na tua escola ?
- 2) Conte-me um bom momento que você passou com eles.
- 3) Conte um momento « desagradável » ou que não foi bom com eles
- 4) Você conversa sobre isso com teus pais ? Se sim, o que eles dizem ? Se não, por que ?  
Você conversa sobre isso com teus colegas ? Se sim, o que dizem eles ? Se não, por que ?



## **Respostas:**

**Nome ? ARS1**

**Idade ? 8 anos**

**Escola/classe/ciclo ? 3º ano, 1º ciclo**

- 1. Ah.. legal...No começo achei estranho. Eu pensava assim: como que eu vou me comunicar..E depois eu fiz aulas de libras.**
- 2. Momento legal foi quando era ginástica a daí tinha que sentar, daí eu fiquei com o ‘D’ que a professora me pediu que ele é um pouco meio assim, agitado e a professora pediu pra eu olhar ele, daí eu fiquei com ele.**
- 3. Momento meio difícil : Ah quando uma vez eles estavam lá. Daí ele me chamou de bonita e o outro de feia e eu não sabia porquê. Daí eles brigavam e eu fiquei quieta.**
- 4. Minha mãe ... como minha mãe é a secretária, as vezes ela estranha, mas as vezes ela da risada com algumas coisas. E os colegas: Não tem nada, mas as vezes quando tem aula com os surdos, na educação física, eles : “ah... que droga”! Eles preferem fazer sozinhos. Eu deixo quieto. Se eu puder, eu prefiro so, porque eles correm muito...O D. e o V.**

**Nome ? ARS2**

**Idade ? 8 anos**

**Escola/classe/ciclo ? 3º ano, 1º ciclo**

- 1. Legal.**
- 2. Um dia na sala, a professora contava historinha. Daí ela pegou o aparelho de som que falava e ela ia fazendo os sinais. Eu só falo assim “oi” pra eles.**

3. **Um dia tem um “piá” ali que é bem louco, daí ele incomoda o surdinho daí o surdinho corre atrás dele. Ele incomoda o V. e o D.**
4. Minha mãe fala que tem dó deles, e minha tia também. Elas já viram eles saindo por ali

**Nome ? ARS3**

**Idade ? 8 anos**

**Escola/classe/ciclo ? 3º ano, 1º ciclo**

5. **Ah! É legal porque eles são nossos amigos, não brigam com nós... Eu aprendi um pouco dos sinais.**
6. **Ah! Nós brincamos de um monte de coisas : de bola, fora no recreio...**
7. **O momento que o surdo me bateu. Ah! porque nós tava jogando bola, eu não vi, dei um chute na canela dele, daí ele veio e me bateu.**
8. É, eu converso com meus pais, acho que é legal ter surdos pra brincar também. Os colegas...Ah! Eles acham legal também, brincam com eles.